

Semanário
Director:
António Dias Lourenço

Ano 60 - Série VII - N.º 873
13 de Setembro de 1990
Preço: 80\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa



O COMÍCIO DA FESTA NA ATALAIA

**«Aqui está o PCP, firme,
de pé, convicto dos seus
ideais, objectivos
e valores, que são
a razão da sua existência
e da sua luta»»**

Álvaro Cunhal

Carlos Carvalhas
candidato do PCP
às eleições presidenciais

Resposta necessária

Uma grande iniciativa polivalente de massas promovida por um partido inserido nas realidades da sua época pode revestir-se de um eminente significado político e extravasar largamente dos limites partidários se as suas manifestações mais típicas, as suas propostas, a sua mensagem se projectam na vida e na luta do seu povo, na concretização das suas aspirações profundas, na resposta necessária aos desafios do seu tempo.

É o caso da Festa do «Avante!» promovida pelo Partido Comunista Português e cuja 14ª edição animou nos últimos três dias da semana transacta o belo espaço natural da Quinta da Atalaia, na freguesia da Amora do concelho do Seixal.

A Festa, a sua expressão popular mais autêntica - grandioso convívio democrático de massas - transformou aquele magnífico retalho da Natureza à beira-rio num espaço de lazer e amizade, solidariedade e paz e simultaneamente num «forum» de informação, reflexão e debate cultural, social e político que suscitou a larga participação e o interesse de quantos por lá passaram.

Grande realização do PCP, produto da criatividade e da inexcedível militância dos comunistas, que para o efeito puderam contar com a colaboração entusiástica e activa de um grande número de amigos, a Festa da Atalaia, nas melhores tradições das que a precederam, inscreve-se como manifestação superior no património nacional de Cultura e Arte na sua função social mais vasta.

É evidente que a Festa do «Avante!» pelas suas características peculiares, ainda mais do nível das que foram evidenciadas na Quinta da Atalaia - agora um espaço próprio das organizações com interessantes perspectivas de utilização regional e nacional para fins dos mais diversos compatíveis com a natureza ética e política do PCP - suscitando o agrado, o interesse e a adesão dos portugueses amigos da cultura e do progresso social, independentemente das suas opções políticas, não agrada a impenitentes bonzos do anticomunismo, mesmo por vezes embrulhados numa capa de esquerda.

Dispondo da cobertura e da protecção de grandes grupos económicos e financeiros detentores de alguns órgãos de comunicação social de grande ou reduzida circulação certos profissionais da diversão anticomunista ao serviço de interesses obscuros dementados pelo ódio visceral ao PCP, ou simplesmente possuídos de um vesgo sectarismo, vieram nos dias que antecede-

ram a Festa ou no comentário do dia seguinte dar uma triste nota da sua ética profissional e da sua objectividade informativa e analítica em contraste com numerosos outros que deram da Festa do «Avante!» a notícia ou comentário isentos.

Um dos tais encapados de esquerda debitou mesmo que a Atalaia tinha servido para o «(re)agrupar do rebanho conunista» (não disse se o «rebanho» era de trogloditas ou de animais de pasto...)

E entretanto, para desgosto dos bonzos do anticomunismo, a primeira Festa do «Avante!» no espaço natural de excepcional beleza da Quinta da Atalaia, propriedade do PCP, que transformaremos - como disse Álvaro Cunhal no seu discurso de domingo - «num local de eleição aberto a manifestações culturais, desportivas, de convívio, de confraternização e de lazer do nosso povo e designadamente da juventude», afirmou-se como extraordinária iniciativa de massas, ultrapassou as nossas previsões inscreve-se no historial das Festas como realização das mais significativas e marcantes.

No momento em que certa gente politicamente interessada na desarticulação do PCP como força política insubstituível na defesa e consolidação da liberdade e da democracia em Portugal, profundamente empenhada na luta pelo progresso social e pela construção do futuro socialista do povo português na via da democracia avançada no limiar do século XXI preconizada pelo XIII Congresso (extraordinário) do PCP em Maio do ano em curso, a compra do terreno da Atalaia, os valores já alcançados na aquisição dos «títulos de participação» e sobretudo a realização naquele espaço da 14ª edição da Festa do «Avante!» e a força da participação popular são partes de uma resposta comunista necessária aos inimigos e detractores do PCP, uma viva expressão da profunda ligação do Partido às massas, uma garantia consequente aos trabalhadores, ao povo e aos democratas que nele depositam a sua confiança.

Uma apreciação, ainda forçosamente incompleta da Festa do último fim-de-semana, para uma implantação ainda de «1ª estabelecimento», acusa melhorias qualitativas principalmente a nível cultural e político que constituem um êxito dos organizadores e dos muitos milhares de obreiros que a puseram de pé.

A apregoada quebra de militância dos comunistas pelos candidatos a coveiros do PCP calu pela base perante a evidência dos factos.

Compreensivelmente, a componente política da Festa não podia deixar de reflectir a complexidade do momento actual; da conjuntura política nacional sob a égide do cavaquismo governante; das questões que implicam com a situação do País e a segurança dos portugueses; da conjuntura internacional onde ganha volume uma grave ameaça à paz com a crise do Médio Oriente.

Matérias de interesse actual foram motivo de participados colóquios e debates nos auditórios da Festa mas atingiram o ponto culminante no Comício de encerramento com o discurso do secretário-geral do Partido, Álvaro Cunhal, que publicamos na íntegra neste número do «Avante!».

Os factos falam por si na realidade nacional. Importantes jornadas de natureza política se avizinham, exigências de clarividência e esclarecimento políticos se colocam aos comunistas e aos democratas portugueses mais consequentes.

O governo, sob a cortina da estabilidade governativa - que Cavaco Silva erige como expressão máxima da estabilidade política - conduz na prática uma acção objectivamente desestabilizadora no plano económico, no plano social, no plano político.

Os atentados contra a democracia política põem em risco permanente as conquistas democráticas fundamentais do povo português.

Cavaco Silva foi taxativo no seu improvisado da festa algarvia do PSD em finais de Agosto: «Nós temos de ter a coragem de modificar o nosso sistema político para que ele funcione de forma mais eficaz e aperfeiçoada».

Embora incidindo sobre as leis eleitorais para a Assembleia da República e para as Autarquias Locais o Primeiro-Ministro tem em mira destruir todas as barreiras constitucionais e políticas aos avanços do capitalismo monopolista de Estado, em plena aceleração sob a ofensiva das reprivatizações da economia, da restauração dos grupos monopolistas e dos latifúndios e do adensar de encargos sobre os trabalhadores, agricultores e as restantes classes e camadas de menores recursos.

A apresentação pública do candidato do PCP às eleições presidenciais - o camarada Carlos Carvalhas, secretário-geral-adjunto do nosso Partido - foi um dos pontos altos do Comício de domingo.

Resumo

5 Quarta-feira

Uma reunião de líderes parlamentares discute a situação de Timor-Leste, e com base numa informação do Ministro dos Negócios Estrangeiros sobre as negociações entre Portugal e a Indonésia, pronunciam-se sobre a atitude que Portugal deverá tomar na próxima ronda a realizar de 7 a 11 deste mês ■ A comissão política do PSD insiste na necessidade da alteração da Lei das Autarquias Locais, que visa nomeadamente o limite do número de mandatos dos presidentes das Câmaras Municipais e o acesso de grupos de cidadãos ao poder autárquico ■ Os eurodeputados da Coligação de Esquerda decidem no Alvor solicitar a inclusão de um ponto específico sobre os incêndios na ordem de trabalhos do plenário de Estrasburgo ■ A Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária alerta a opinião pública para a degradação dos seus serviços e anuncia a convocação de uma greve para o período compreendido entre os dias 10 e 21 ■ O Ministério da Defesa reafirma que o Governo autorizou aos EUA o fretamento de dois navios destinados apenas ao transporte de carga ■ O presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, afirma em Lisboa que o seu país já está a viver o multipartidarismo ■ O secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, chega a Praga para a primeira visita oficial de um chefe da Aliança Atlântica à Checoslováquia ■ Os deputados do parlamento de Bona reúnem-se para debater o tratado de unificação das duas Alemanhas ■ O presidente Saddam Hussein incita de novo à guerra santa contra a presença americana no Golfo, e apela directamente para os egípcios e sauditas a fim de derrubarem os seus dirigentes.

6 Quinta-feira

O Conselho de Ministros aprova dois diplomas legais com o objectivo de dinamizar o mercado de arrendamento de casas no País. ■ A maioria PSD considera «pura leviandade política» os projectos do PS e PCP para antecipar o recomeço dos trabalhos em plenário ■ O governador de Macau, Carlos Melancia, deixa Lisboa depois de ter analisado com o Presidente da República a possibilidade de se realizarem eleições intercalares para o preenchimento de seis lugares de deputado à Assembleia Legislativa na sequência da revisão do Estatuto Orgânico ■ Portugal e o México analisam, em Lisboa, as possibilidades do desenvolvimento da cooperação bilateral ■ A União Soviética revela que não apoia a ideia de a cimeira de Helsínquia, entre Bush e Gorbachev, fazer um ultimato a Saddam Hussein para retirar

as suas tropas do Kuwait, mas mostra-se disposta a aceitar o envio de uma força militar das Nações Unidas para a região ■ Bush aceita a oferta do Iraque para divulgar uma mensagem sua ao povo iraquiano a fim de explicar a política dos Estados Unidos no Golfo ■ O ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano considera que o seu encontro com Mikhail Gorbachev revelou diferenças entre o Iraque e a União Soviética sobre o Golfo ■ Georges Habache, secretário-geral da Frente Popular de Libertação da Palestina, denuncia o projecto americano de aliança militar com os árabes, que considera como uma tentativa para os dominar ■ Explodem três bombas colocados pelos GRAPO, de extrema-esquerda, em três edifícios oficiais de Madrid.

7 Sexta-feira

Abre na Quinta da Atalaia, Seixal, com uma intervenção de Álvaro Cunhal, a XIV edição da Festa do «Avante!» ■ A fragata Roberto Ivens, da Armada portuguesa faz-se ao mar com o objectivo de se juntar à força naval da NATO que vai efectuar exercícios no Mediterrâneo ■ Lucas Pires anuncia a sua desistência da corrida para as presidenciais, admitindo no entanto a hipótese remota de poder voltar atrás ■ O Conselho Nacional da CGTP decide em reunião que vai reivindicar imediatamente aumentos salariais superiores a 20 por cento e critica o Governo por usar o conflito no Golfo para justificar o agravamento da situação económica e social no País ■ Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Económica Europeia, reunidos em Roma, decidem pedir ao Conselho de Segurança novas medidas para reforçar o embargo ao Iraque.

8 Sábado

O secretário de Estado Durão Barroso encontra-se com Herman Cohen, subsecretário de Estado para os Assuntos Africanos dos EUA, para analisar o processo de paz em Angola entre o MPLA e a UNITA ■ Jorge Sampaio propõe, no Gerês, a constituição de uma Fundação para a Natureza ■ A Juventude Socialista lamenta a decisão de Lucas Pires face às presidenciais do próximo ano ■ Um violento incêndio em Santo Adrião e na Granja, no concelho de Caminha, propagou-se rapidamente em direcção à freguesia do Outeiro e de Afife, no concelho de Viana do Castelo ■ O presidente da Turquia, Turgut Ozal, admite a possibilidade de o seu país intervir militarmente na crise do Golfo ■ Os presidentes dos EUA e da URSS afirmam-se dispostos a reforçar a cooperação para enfrentarem o Iraque.

9 Domingo

Álvaro Cunhal anuncia oficialmente no comício da Festa do «Avante!» a candidatura de Carlos Carvalhas às próximas presidenciais ■ O chefe do Estado-Maior do Exército português inicia uma visita de cinco dias aos Açores para inspecionar as novas estruturas militares ali instaladas ■ A comissão política do PRD, reunida em Castelo Branco, rejeita uma proposta de candidatura de Hermínio Martinho à Presidência da República ■ Os presidentes Mikhail Gorbachev e George Bush, reunidos em Helsínquia, exigem a retirada total e incondicional das tropas iraquianas ■ Co-presididas pela França e Indonésia, iniciam-se em Jacarta as negociações entre as partes envolvidas no conflito cambodjano.

10 Segunda-feira

Delegações da CGTP e da UGT reúnem-se para acertar posições para as negociações com os restantes parceiros sociais e os valores a propor em matéria reivindicativa, convergindo na definição do salário mínimo nacional de 42 mil e quinhentos escudos ■ Moscovo e Bona chegam a acordo sobre o financiamento da retirada das forças soviéticas da Alemanha ■ Os seis países da Aliança Atlântica anunciam a sua disponibilidade em fornecer navios e aviões civis para transportar tropas americanas e material para o Golfo ■ As diferentes facções cambodjanas, reunidas na capital indonésia concordam sobre constituição do Conselho Nacional Supremo ■ O presidente Saddam Hussein propõe oferecer petróleo gratuito aos países do Terceiro Mundo que o solicitarem.

11 Terça-feira

Fernando Nogueira reafirma a exclusão do envio de forças terrestres portuguesas para o Golfo e o controlo total dos meios aéreos norte-americanos que escalam o nosso país ■ O PS propõe na AR o início de um debate parlamentar para a revisão do conceito estratégico de defesa nacional ■ É anunciada em Lisboa a constituição da Associação de Amizade e Cooperação Portugal-Koweit ■ A ASPP consegue uma vitória esmagadora nas eleições para o Conselho Superior da Polícia ■ Cavaco Silva realça o nível excelente das relações entre Portugal e Cabo Verde, no decorrer de um jantar que oferece ao presidente Aristides Pereira ■ O dirigente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, adverte o presidente Frederick De Klerk que a actual onda de violência na região de Joanesburgo põe em perigo o processo de paz.

Uma particularidade que deve assinalar-se nesta 14ª edição da Festa do «Avante!» é a sua faceta internacionalista.

No momento em que alterações de tão grande profundidade de produzem no movimento comunista internacional, no momento em que o panorama político da Europa e do mundo sofre profundas mudanças, no momento em que uma perigosa ameaça à Paz se perfila na zona do Golfo, é significativo que tenham vindo à Festa da Atalaia, a convite do PCP, cerca de 30 delegações de partidos, movimentos e organizações estrangeiras com as quais o PCP mantém relações de amizade e afinidade ideológica.

A «crise do Golfo» mereceu de Álvaro Cunhal uma abordagem particular, em especial na definição da posição do PCP quanto à evolução do conflito.

A posição dos comunistas portugueses relativamente à «crise do Golfo» e à política portuguesa correlativa assenta em pontos precisos:

Condenação da invasão, ocupação e anexação do Kuwait pelo Iraque, apoio à exigência internacional de retirada das forças iraquianas do território ocupado;

Condenação da escalada militar dos Estados Unidos na região do Golfo, das pressões do círculos belicistas do imperialismo americano para o uso da força contra o Iraque;

Contribuição para uma solução pacífica e política do conflito, apoio e estímulo às iniciativas visando impedir novos e perigosos desenvolvimentos da situação;

Oposição ao envolvimento das Forças Armadas portuguesas na escalada militar e em possíveis operações no Médio Oriente;

Apreensões quanto à utilização de bases situadas no território nacional em particular a utilização eventual de bases no Continente;

Medidas adequadas para garantir a segurança dos portugueses que se encontram na área do Golfo e para o seu rápido repatriamento se for esse o seu desejo.

A solidariedade Internacionalista que na 14ª Festa do «Avante!» teve uma tão expressiva manifestação foi um aspecto revelador da influência e autoridade dos comunistas portugueses no concerto internacional.

Galvanizados pela sua Festa os comunistas portugueses continuarão a dar nas ideias e na prática a resposta necessária às complexas questões e desafios da hora actual.

Avante!
Profissionais de todos os países UNI-VOS

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa
CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa
CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
EDITORIAL «AVANTE!», SA
Rua de São Bernardo, 14, 2.º
1200 Lisboa
Capital social: 15 000 000\$00
CRC matriculada: 47059
NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais:
Av. Santos Dumont, 57 - 2.º -
1000 Lisboa
Tel. 73 22 75/76 11 31/73 48 17

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa
Tel. 32 19 16

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

ALTERAÇÕES DE ÚLTIMA HORA
Das 22 às 2 horas - Tel. 90 00 44

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Rua de São Bernardo, 14, 2.º
Tel. 67 01 93
Porto - Rua do Almada, 18-2.º
Esq.º - 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 -
4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

Composto e Impresso na Heská Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85



Carlos Carvalho candidato do PCP às presidenciais

1. No dia 9 de Setembro, realizou-se uma reunião plenária do Comité Central do PCP convocado para concluir o processo de decisão relativo à designação do candidato do PCP às eleições presidenciais.

2. O Comité Central decidiu por unanimidade designar como candidato do PCP às eleições presidenciais o camarada Carlos Carvalho, Secretário-geral Adjunto do Partido.

3. No quadro da orientação definida pelo Comité Central na sua reunião de 6 de Julho passado, a candidatura do PCP tem em vista assegurar uma importante intervenção no debate de ideias sobre o estatuto e função do órgão de soberania Presidente da República, sobre a situação nacional, sobre a política externa necessária do País na complexa situação internacional actualmente existente.

A candidatura do PCP terá também como objectivo contribuir para a análise dos problemas nacionais e a divulgação das propostas do PCP para a sua solução, intervindo assim na luta para assegurar a derrota da direita e garantir uma alternativa democrática na perspectiva das próximas eleições legislativas.

4. Outras orientações, características e objectivos da candidatura serão posteriormente definidas em função da evolução da situação política e de uma mais segura definição do quadro de candidaturas.

5. O candidato do PCP às eleições presidenciais fará a Declaração de apresentação de candidatura em conferência de imprensa a realizar no início de Outubro, em data a fixar e anunciar oportunamente.

9 de Setembro de 1990

O Comité Central do
Partido Comunista Português

Porque fomos, somos e seremos comunistas

FIZEMOS A FESTA



O PCP contra exorbitante aumento do preço do gás

Triunfo

Quando o secretário-geral do PCP anunciou, no comício da Festa do «Avante!», que este ano se tinha ultrapassado o número de entradas vendidas em relação a edições anteriores, surgia a primeira informação factual a fundamentar a impressão que já entrara pelos olhos dentro de todos os que têm fruído, ao longo dos anos, esta grande iniciativa do PCP — a de que a estreia da Festa em casa própria produziria uma das mais impressionantes enchentes do seu historial.

Na verdade se há primeiras impressões, a da multidão que submergia permanentemente quem chegava ao vasto recinto da Quinta da Atalaia acordava o mais desatento — quanto mais não fosse para conseguir evoluir com alguma eficácia numa Festa que se apresentou grande em tudo, desde o espaço até à frequente dificuldade de nele circular. Não sei quantas centenas de milhares de pessoas constataram isto com saber de experiência feito, mas já agora também confesso que pouco me atormenta o enigma porque, para mim, cálculo de tal jaez é abuso a que não sujeito as meninges.

Outra impressão óbvia era a da heterogeneidade das multidões (é mais rigoroso usar o plural) e, nela, o peso flagrante da juventude. É claro que entendo aqui por juventude a que usualmente se comprova nos bilhetes de identidade, sem ofensa para os jovens de todas as idades a começar por mim, que também lá estávamos todos, ora essa.

Podíamos continuar com as impressões por aí fora mas já vai sendo tempo de contemplar alguns factos.

Era facto que havia gente por todo o lado e não se conseguia uma senha, não se comprava um objecto, não se escutava um colóquio, não se via um espectáculo, não se apreciava uma exposição, não se dava um pé de dança nem simplesmente se mudava de direcção sem que não viesse logo atrás, se plantasse mesmo à frente ou se nos passeasse pelos lados uma enorme quantidade de gente a apetecer-lhe de súbito fazer o mesmo que nós, o que, se por um lado era lisonjeiro, por outro atrasava um bocado a nossa capacidade de iniciativa. Salvava a situação a desembaraçada actuação do sector de serviços que, mesmo amador e voluntário, não deixou créditos por mãos alheias, bem como a amplitude de alguns espaços que permitia deslocações estratégicas mesmo dentro dos apertos.

Era facto que aquele disparate de gente andava ali nas suas sete quintas, porque, se não, punha uma cara mais circunspecta, não dava aquele espectáculo de boa disposição, não calcorreava quilómetros a passear, não entupia literalmente tudo com compras, fruições e consumos nem desatava a olhar uns para os outros com um brilhinho que só visto.

Tal como era facto que havia ali muita gente a experimentar pela primeira vez a vertigem da Festa — tantas e tão evidentes eram as hesitações, os espantos e as perguntas ao parceiro do lado.

Ou que o sucesso da Festa e o interesse pelas propostas dos comunistas era um motivo de vasta alegria, tão grande que produziu um comício absolutamente impressionante — e venha alguém que assistiu a chamar-me exagerado.

E outro facto ainda: quem esperava que a mudança de local, a alteração de percursos, a tarefa gigantesca de organizar um terreno virgem, a conjuntura internacional, o silêncio deliberado, a informação distorcida, as previsões irónicas pudessem confirmar desejados apoucamentos da Festa do «Avante!», sofreu no passado fim-de-semana mais uma luxação mental.

Uma entorse de piquenição.

Quanto à nossa óbvia satisfação pelo sucesso da Festa, é a um tempo compreensível e explicável.

Compreensível porque a alegria é mesmo assim. Explicável porque nós, comunistas, se não somos triunfalistas, sabemos sempre reconhecer um triunfo.

■ H.C.

1. Activamente solidário com o justo descontentamento e indignação popu-

deu à liberalização dos preços do gás em botija e decretou um au-

para dúvida, um escandaloso e oportunista aproveitamento do aumen-

bem patente se se tiver em conta que o recente aumento da gasolina decretado pelo Governo se situou nos 6% e que o preço do gás de cidade, produzido e distribuído por uma empresa pública, aumentou 10%.

5. Nestas circunstâncias, é inteiramente justo afirmar que os consumidores, longe de serem beneficiados — como propaganda o Governo — com a liberalização dos preços de bens essenciais e com o pretensão funcionamento das «leis da concorrência», ficam sim abandonados e desprotegidos face à gula das empresas do sector que, manifestamente, concertam entre si preços de monopólio determinando hoje inaceitáveis subidas de preços. Acresce que, descendo amanhã os preços das ramas, e ao contrário do que agora prometem, é mais que certo que aquelas empresas se voltarão a concertar, mas desta vez para que, com o beneplácito do Governo, não haja as correspondentes descidas do preço do gás ou que sejam pouco significativas em proveito do crescente das suas margens de lucro.

11.9.90

O Gabinete de Imprensa do PCP



lar que esta medida está a causar, o PCP protesta contra o exorbitante aumento do preço do gás de botija que constitui mais um factor de agravamento do custo de vida e que atinge, directa e imediatamente, a grande maioria das famílias portuguesas.

2. Por este gravoso aumento de preço tem de ser directamente responsabilizado o Governo do PSD que, por portaria de 1/9 publicada no passado dia 7, proce-

mento de 10% no preço do gás de cidade.

3. Não há hipócritas palestras nos serviços noticiosos da RTP (como ontem aconteceu no «24 horas») proclamando as excelências das «leis da concorrência» e da liberalização de preços que possam convencer os portugueses das inexistentes vantagens de um tão desconforme agravamento do preço do gás em botija que constitui, sem margem

to do preço das ramas petrolíferas.

4. Com efeito, importa lembrar que o preço das ramas de petróleo é apenas uma parcela do custo dos seus derivados, pelo que, em geral, a um determinado aumento percentual das ramas corresponde sempre uma taxa de aumento bastante inferior dos produtos finais. O carácter exorbitante deste aumento do gás em botija (26%) fica

PCP

Intervenção
de ALVARO CUNHAL

Nota da Comissão Política do CC do PCP sobre a Festa do «Avante!»

1. A Comissão Política do Comité Central do PCP procedeu a uma primeira apreciação da realização da Festa do «Avante!» e sublinhou o seu grande êxito evidenciado entre outros aspectos por um reforço da participação com uma notável componente juvenil, por um diversificado programa político e cultural, por uma presença de todas as regiões do país e por uma representação internacional de grande significado, com destaque para a presença de 30 delegações de partidos comunistas e forças revolucionárias e progressistas de países de todos os continentes.

2. A Comissão Política sublinha também a importância de a campanha dos 150 000 para a compra do terreno ter ultrapassado os 100 000 contos, valor que com o impulso da Festa e a iniciativa das organizações e militantes dá nova confiança quanto a que num prazo relativamente curto esse objectivo seja alcançado.

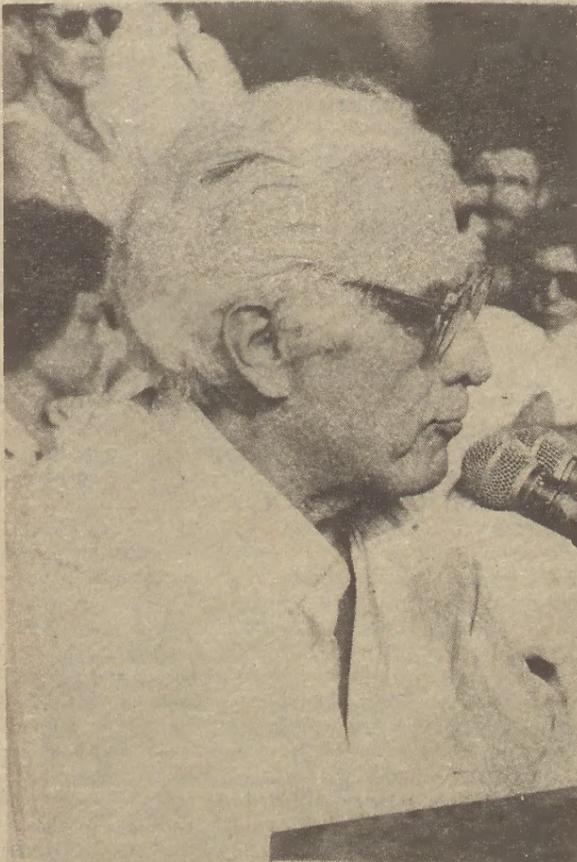
3. A Comissão Política chama a atenção para o facto de desmentindo aqueles que têm apresentado o PCP como um partido em declínio, sem perspectivas e isolado internacionalmente, a XIV Festa do «Avante!» ter constituído, no seguimento do XIII Congresso do PCP, uma nova e grandiosa afirmação da força, capacidade organizativa, criatividade e apoio de massas do PCP, uma nova demonstração da sua inabalável confiança no futuro.

4. A Comissão Política considera que o êxito da Festa do «Avante!», reafirmando o papel indispensável do PCP no presente e futuro de Portugal, representa um importante estímulo à luta contra a política do Governo PSD e a uma ampla e activa intervenção nas batalhas políticas das eleições presidenciais e das eleições legislativas no sentido da convergência das forças democráticas e da criação de condições para uma alternativa democrática à política e ao Governo do PSD.

5. A Comissão Política saúda o colectivo partidário, os membros do Partido que participaram intensamente na preparação da Festa e todos aqueles que nos milhares de dias de trabalho voluntário da Festa ou de qualquer outra forma contribuíram para, num curto espaço de tempo, assegurar com êxito a construção da grande realização democrática, espaço de liberdade e fraternidade e elevada expressão de amizade e solidariedade internacional que é a Festa do «Avante!».

Lisboa, 11 de Setembro de 1990
A Comissão Política do CC do Partido Comunista Português

Sem o PCP não há maioria democrática possível



Camaradas e amigos:

Este ano, para todos nós, a Festa do «Avante!» tem um sabor novo e contém em si motivo de nova alegria. É que a Atalaia é nossa, podendo aqui confirmar que a campanha de fundos ultrapassou os 100 000 contos e o que nos dá a certeza de dentro em pouco termos respondido a todas as obrigações e compromissos para o efeito contraídos. É que este maravilhoso local será terra firme e certa para a Festa do «Avante!».

É que, tal como erguemos este ano a cidade da Festa com o empenhamento militante de milhares e milhares de camaradas (homens, mulheres e jovens) assim transformaremos a Atalaia — também com o nosso empenhamento militante — num local de eleição aberto a manifestações culturais, desportivas, de convívio, de confraternização e de lazer do nosso povo e designadamente da juventude.

Termina o jogo indigno de governos e outras entidades de cederem terrenos abandonados, cheios de mato e pedras, com a esperança de nos afundarmos neles, e depois os tirarem sem outra razão que não fosse não poderem suportar a exaltante demonstração dada pela Festa do «Avante!» da poderosa energia e capacidade de realização que se desprende do trabalho de um partido que se afirma e é um partido dos trabalhadores e do povo, não poderem suportar a demonstração do valor irradiante da criatividade, da mensagem cultural, cívica e política, do ambiente e convívio fraterno e humano, da ligação às massas e da influência de massas do Partido Comunista Português. E também a demonstração, pelos laços internacionais que a Festa evidencia, da convicção profunda do PCP de que «a luta libertadora dos trabalhadores e dos povos do mundo, constitui a característica essencial do século em que vivemos».

A actualidade da luta libertadora dos povos

Acabei de dizer, camaradas, «a luta libertadora dos trabalhadores e dos povos do mundo, que constitui a característica essencial do século em que vivemos».

Para nós, os comunistas portugueses, estas palavras correspondem a uma verdade histórica revelada, confirmada, afirmada e reafirmada ao longo de todo o século XX.

Não constituem a afirmação teimosa e desesperada de uma ideia feita. Constituem sim, com a análise dos factos, que inclui a reflexão sobre o mundo em mudança, a recusa fundamentada a uma revisão negativista da História, uma apreciação básica para a compreensão do presente, uma ideia inspiradora da perspectiva do futuro.

Estão-se verificando mudanças profundas na situação mundial. As tempestades de acontecimentos e transformações expressam e criam novas realidades.

Não eliminam entretanto um traço fundamental do século XX: **um século de grandiosas conquistas sociais, políticas e culturais dos trabalhadores e dos povos, de transformações revolucionárias que, a partir da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, mudaram radicalmente o mapa mundial das sociedades.**

É bom recordar o que muitos querem fazer esquecer. Nunca em milénios de História o Homem se tinha lançado a um empreendimento de tão profundo conteúdo humano: pôr fim à exploração do homem pelo homem, pôr fim às grandes injustiças so-

ciais, construir uma nova sociedade. Esse empreendimento traduziu-se em transformações e conquistas de valor e alcance histórico no país dos soviets. Traduziu-se na derrota do fascismo na 2.ª Guerra Mundial e do imperialismo em guerras de agressão como na Coreia e no Vietname. Traduziu-se em novas revoluções socialistas. Traduziu-se em significativas vitórias sociais e políticas dos trabalhadores nos países capitalistas e no desabamento de ditaduras fascistas. Traduziu-se em revoluções nacionais e democráticas em países do Terceiro Mundo. Traduziu-se na heróica luta dos povos submetidos ao colonialismo, do que resultou o ruir do colonialismo e a conquista da independência por dezenas de países em todos os continentes.

Processo revolucionário novo por caminhos desconhecidos. Processo mais complexo, mais irregular, mais acidentado, mais incerto, sofrendo recuos e derrotas que ninguém previra. Processo que defronta no momento actual grandes obstáculos, dificuldades, problemas e perigos.

Mas poderá considerar-se que a gravidade dos problemas gerados e revelados, as derrotas de partidos comunistas no poder, a crise e o acesso ao poder de forças da direita em países socialistas representam «o fim do comunismo», o fim da luta heróica e vitoriosa de gerações e gerações por um projecto de libertação do homem? Poderá considerar-se que todo o exaltante processo revolucionário mundial do século XX foi uma utopia e um erro?

Nós, os comunistas portugueses, não compartilhamos de tal opinião.

Segundo a reflexão do nosso Partido tais acontecimentos e derrotas não se devem ao erro ou utopia dos ideais comunistas mas ao facto de se ter registado afastamento e violação desses ideais em aspectos essenciais do exercício do poder, da democracia, da organização económica, da vida interna dos partidos e sua ligação aos povos, assim como da ideologia pela sua dogmatização e imposição.

Por outro lado não há que esquecer factos essenciais da história do capitalismo neste século. Duas guerras mundiais que provocaram cerca de 50 milhões de mortos e destruíram países inteiros; ditaduras fascistas tão sangrentas e cruéis como as de Hitler, Mussolini, Franco, Pinochet, sem esquecermos, nós, os portugueses, a ditadura de Salazar; agressões, conspirações, intervenções, imposição aos povos de governos fantoches, terrorismo de Estado.

Nós contrariamos uma teorização apressada que procura redourar os braços do capitalismo, louvando as suas realizações e fazendo por esquecer a sua natureza, a sua realidade, as suas injustiças e os seus crimes.

Temos por adquirido que **nem o imperialismo perdeu a sua natureza exploradora e agressiva, nem o socialismo e o comunismo morreram como projecto necessário, válido, credível e até hoje sem alternativa para a libertação dos trabalhadores e dos povos.**

Capitalismo, luta de classes e solidariedade internacionalista

É inquestionável que o capitalismo conseguiu, nos países mais desenvolvidos, um acelerado desenvolvimento das forças produtivas, na base das conquistas da revolução científico-técnica e de avanços tecnológicos de alcance histórico.

É inquestionável que o desenvolvimento económico conduziu a um estágio de âmbito que tende a ser universal a divisão internacional do trabalho e processos de integração.

É inquestionável que adquiriram importância relevante na vida da Humanidade os chamados problemas globais, no centro dos quais se encontra o problema da paz ou da guerra, e que abarcam outros de projecção mundial como os problemas da degradação e defesa do meio ambiente, do esgotamento dos recursos naturais, o problema da fome, os problemas da doença, das explosões demográficas.

É inquestionável que todas estas novas realidades exigem acordos e cooperação dos Estados, independentemente dos seus sistemas sociais, assim como de forças sociais e políticas com interesses e objectivos contraditórios.

É inquestionável serem absurdas políticas de isolamento e de autarcia, e ter a política de cada Estado de inserir-se em processos de cooperação internacional.

É inquestionável que, correspondendo a essas realidades, se deram nas relações internacionais importantes passos no desarmamento, na negociação, na cooperação e na redução dos armamentos.

Ainda inquestionável que se registaram grandes derrotas da causa do socialismo com profundas e negativas consequências imediatas na correlação mundial de forças e no curso da luta libertadora dos trabalhadores e dos povos.

Só quem esteja de costas voltadas para a vida não conclui que os novos aspectos e mudanças da situação mundial, das novas realidades, lançam novos desafios às forças do progresso social e exigem a redefinição e renovação de objectivos, novas análises, novas soluções, novos caminhos, novas respostas adequadas e criativas, novo desenvolvimento dialéctico e criativo das ideologias.

Mas porventura as novas realidades eliminam ou apagam características essenciais do capitalismo? Porventura eliminam ou apagam as contradições e a luta de classes?



A estas questões o nosso Partido responde com a negativa. Como exemplos

É uma das realidades da situação internacional, que o imperialismo norte-americano mostra todos os dias, em todos os continentes — na América Central, na África Austral, no Médio Oriente, agora na crise do Golfo — o que é e o que quer.

E nós, portugueses, temos todos os dias na vida e na política do nosso país, ante os nossos olhos, o exemplo vivo da natureza do capitalismo. Temos todos os dias, na realidade do nosso país, o exemplo vivo da divisão da sociedade capitalista em classes, da luta de classes como raiz mais profunda dos confrontos sociais e políticos.

E embora de novo se teçam loas à «democratização do capital» e ao «capitalismo democrático», temos o exemplo vivo de um Governo como instrumento declarado da mais fechada, mais sectária, mais intolerante imposição dos interesses do grande capital contra os trabalhadores e contra as massas populares.

Sendo assim, porventura as novas realidades poderão eliminar, ou apagar, ou dispensar, não só a luta dos trabalhadores e dos povos em cada país, pelos seus justos direitos, como a cooperação e a activa solidariedade internacionalista?

A tal pergunta o nosso Partido responde também com a negativa.

A luta dos trabalhadores e dos povos continua a ser não apenas uma necessidade mas uma realidade objectiva que constitui o mais sólido motivo para a esperança e a confiança da Humanidade no seu próprio futuro.

E porque consideramos que o imperialismo continua a existir como sistema mundial de exploração e opressão; e porque existem no mundo numerosas situações em que os direitos, a vontade e as opções dos povos são sacrificados, ou correm o risco de o ser, a interesses e imposições externas, **o nosso Partido considera que, nestes anos que correm, ante a gravidade dos problemas e um novo avanço hegemónico do sistema mundial do imperialismo, a amizade, a cooperação, a solidariedade recíproca entre os comunistas e entre todas as forças revolucionárias, progressistas e pacifistas do mundo são mais necessárias do que nunca.**

Saudação aos nossos convidados

Tem alto significado, que, no mundo tempestuoso em que vivemos, possamos ter hoje aqui connosco, vindos de um número elevado de países, camaradas e amigos que, em situações diversas, com problemas diversos, diversas orientações e diversos objectivos, são representantes das direcções ou de órgãos centrais de partidos irmãos e de outras forças revolucionárias e progressistas, que, com muitos e muitos outros que não puderam vir mas que estão presentes na lembrança e no coração de todos nós, constituem forças cuja existência e cuja acção são essenciais na transformação social e política do mundo contemporâneo.

Creemos não só justo mas necessário e oportuno expressar aqui a todos e confirmar a todos e a cada um a amizade e a activa e empenhada solidariedade internacionalista do Partido Comunista Português.

Para todos nós é motivo de grande alegria saudarmos a participação na nossa Festa das delegações presentes:

— do **Partido Comunista da União Soviética** ao qual desejamos pleno êxito à «perestroika» de forma a assegurar finalmente, no caminho aberto pela revolução de Outubro, a construção da sociedade socialista enriquecida e renovada pela experiência, pelas lições da vida, pela acção resoluta dos comunistas e pela criatividade revolucionária do povo;

— do **Partido Comunista da China**, ao qual fazemos votos de grandes êxitos na construção do socialismo conforme com as características do seu imenso país;

— do **Partido Comunista de Cuba**, que nos traz a voz da «terra livre da América», na qual a construção da sociedade nova é assegurada por exemplar determinação revolucionária;

— do **Partido Comunista do Vietname**, cuja luta tornou o Vietname um exemplo imorredouro aos olhos do mundo;

— do **Partido do Trabalho da Coreia**, que ergueu um novo país sobre as ruínas da guerra de agressão e está agora empenhado na luta pela reunificação pacífica da sua pátria;

— do **Partido Revolucionário Popular da Mongólia** ao qual desejamos os maiores sucessos na renovação e reforço do socialismo;

— do **Partido da Social Democracia da República da Polónia**; do **Partido do Socialismo Democrático da RDA**, novos partidos em que se transformaram os antigos POUP e PSUA; e do **Partido Comunista da Checoslováquia**, aos quais — assim como ao **Partido Socialista Búlgaro** — desejamos êxitos na esforçada reconquista do apoio e da confiança popular e na defesa de conquistas anteriormente alcançadas;

— do **Partido Comunista Francês**, do **Partido Comunista da Grécia** e do **Partido Comunista de Espanha** — que tal como o AKEL de Chipre do qual recebemos uma saudação — são partidos que se destacam nos países capitalistas da Europa pelo firme empenhamento na defesa dos interesses dos trabalhadores, contra a política do grande capital e pela democracia, são chamados a desempenhar um papel de crescente responsabilidade;

— do **Partido Comunista Italiano**, de gloriosas tradições de luta e reconhecida influência, com o qual desejamos manter e desenvolver boas relações de amizade e cooperação;

— do **Partido FRELIMO**, do **PAICV** (Cabo Verde), do **MLSTP** (S. Tomé e Príncipe), que tal como o **MPLA - Partido do Trabalho** e o **PAIGC** (Guiné-Bissau) — conduziram a luta dos seus povos pela independência e conduzem a construção de uma sociedade liberta do colonialismo em condições actualmente da extrema complexidade, — partidos com os quais o PCP se orgulha de ter desde sempre laços de fraterna amizade e cooperação, forjadas na luta comum contra o fascismo e o colonialismo;

— da **FRETILIN**, que num momento em que altas instâncias

pretendem consumir a anexação de Timor-Leste pela Indonésia, nos traz a reclamação do justo direito do martirizado povo maubere à autodeterminação e à independência;

— do **ANC**, força dirigente da luta do povo da África do Sul e do **Partido Comunista Sul-Africano**, força integrante do ANC, aos quais, felicitando pela libertação de Mandela desejamos vitória breve com a liquidação do desumano regime do «apartheid»;

— do **Partido Comunista do Uruguai**, voz combativa da América Latina, assim como do **Partido Comunista Brasileiro**, em luta contra o imperialismo, pela liberdade e o progresso social, tal como o **PC da Argentina** e do **PC da Venezuela** dos quais acabamos de receber saudações fraternais;

— da **OLP**, que conduz a luta do povo palestino contra a ocupação militar e a violência israelita e pela concretização do direito à constituição de um Estado palestino independente;

— do **Partido Comunista do Líbano**, em luta contra a ocupação por Israel de parte do seu país e pela paz, a unidade, a soberania e a democracia no seu martirizado país;

— do **Partido da FLN da Argélia**, que conduziu a luta pela independência e a construção de um Estado de grande prestígio internacional;

— da **Jamahirya Líbia**, com a sua corajosa luta anti-imperialista;

— do **Partido Comunista do Japão**, em luta contra o poder dos monopólios e pela paz num dos principais baluartes do imperialismo; e da **FDN das Filipinas**, que nos traz a voz da luta corajosa do povo filipino;

— da **Frente Sandinista da Nicarágua**, que libertou a sua pátria de uma ditadura terrorista e continua, valente e confiante, a luta digna das suas tradições revolucionárias.

A participação destas delegações na nossa Festa mostra a diversidade das forças que conduzem a luta dos povos, — no quadro das quais o movimento comunista (desmentindo os que o negam) é uma realidade objectiva que, com composição e formas de relacionamento e de cooperação que necessitam de ser reformuladas, continua a ser no mundo contemporâneo uma força política essencial cuja activação, cooperação e solidariedade urge rapidamente reforçar. Além do mais porque não é o capitalismo, mas o socialismo, o socialismo renovado pela experiência e pelas novas exigências e desafios, que finalmente estará em condições de resolver os grandes problemas da humanidade.

A participação de tão significativas delegações na nossa Festa dá-nos um panorama vivo, real e exaltante, de que, **os comunistas, as forças progressistas, os trabalhadores, os povos do mundo, empenhados numa luta que atinge com frequência inultrapassável heroísmo, não se curvam nem se rendem perante as dificuldades, os obstáculos, a complexidade das novas situações, os novos problemas e as consequências de erros graves, as crises, os recuos e as derrotas, antes procuram, na linha de objectivos e valores essenciais, novas respostas, novos caminhos, novas soluções, porque os direitos dos trabalhadores e dos povos e a libertação da exploração, da opressão e das injustiças sociais continuam sendo uma causa sagrada e porque, por um mundo melhor, a luta continua!**

A crise do Golfo

A crise do Golfo, pela importância em toda a situação internacional, por lições que desde já permite, e pelo envolvimento de Portugal, merece referência particular.

A crise actual foi directamente provocada pela invasão, ocupação e anexação do Koweit pelo Iraque. O nosso Partido condenou no imediato tal acção e compartilhou da exigência internacional da saída do Koweit das forças iraquianas.

Sublinhou entretanto desde logo que a situação criada não podia ser considerada separadamente dos problemas, contradições e conflitos que se verificam na região.

É o petróleo, como fonte básica de energia e a sua exploração pelo imperialismo. É a existência de governos, como no caso do Koweit, implantados e impostos pelos grandes potentados e pelo imperialismo a povos da região. É o mundo árabe que, com todas as suas contradições e divisões, tende a afirmar-se com uma entidade própria. É o islamismo que inclui mas que irradia muito para além do mundo árabe. É a ocupação pela força das armas de territórios árabes por Israel, a expulsão de milhões de palestinianos da sua terra.

A crise do Golfo reclama uma solução relativa ao Koweit. Mas para a busca de uma tal solução, não pode deixar de estar presente a necessidade da solução dos outros graves problemas.

Por isso o nosso Partido condenou também desde a primeira hora a colossal concentração e escalada de forças norte-americanas, a pressão para arrastar consigo os países da NATO e alguns países árabes a uma guerra contra o Iraque, uma guerra que a deflagrar terá consequências incalculáveis.

E não parece ter autoridade para invocar neste caso o direito internacional e querer transformar o embargo ao Iraque em bloqueio com o uso da força e numa guerra de grandes proporções, o mesmo país que ainda recentemente invadiu o Panamá, que intervém e arma o terrorismo em África e na América Latina, e que arma e incita Israel para que este prossiga a ocupação dos territórios árabes e não cumpra as decisões da ONU e apoia a Indonésia na ocupação, anexação e genocídio em Timor-Leste.

Os Estados Unidos aproveitam a crise do Golfo para se instalar na região, numa posição de ocupação militar e de «diktat». Vê-se que o imperialismo continua com as garras afiadas e aproveita a mudança da correlação de forças para se lançar em novos empenhamentos visando a hegemonia e domínio mundial.

Qual no nosso entender deveria ser a atitude do Governo português?

Insistimos na necessidade de o Governo pautar a sua acção no plano político e diplomático no sentido de contribuir para uma solução pacífica e política para a crise do Golfo, promovendo,

estimulando e apoiando iniciativas tomadas com vista a impedir novos e perigosos desenvolvimentos da situação.

Pronunciamos-nos contra o envolvimento das Forças Armadas portuguesas na escalada militar e em possíveis operações no Médio Oriente. Manifestamos as maiores apreensões com a utilização para o efeito de bases situadas em território nacional, sublinhando a particular gravidade da eventual utilização de bases no Continente (o que infelizmente já está a acontecer).

E consideramos necessárias medidas adequadas para garantir a segurança dos portugueses que se encontram na área do Golfo e o repatriamento dos que o desejarem.

E uma vez que o acordo militar Portugal-Estados Unidos não permite dar facilidades que concedeu, reclamamos que o Governo esclareça formalmente se existe ou não o tão falado acordo secreto que a existir não reconhecemos que possa vincular Portugal.

Expressamos também a opinião de que, antes de tomar qualquer atitude de fundo o Governo deveria obrigatoriamente consultado o Presidente da República e a Assembleia da República, bem como os partidos políticos.

A nosso ver desde o início da crise o Governo do PSD expressou hesitações, omissões e atitudes de expectativa, submissão e seguidismo em relação aos Estados Unidos e à UEO inadmissíveis no Governo do país.

Finalmente, as decisões que tomou, não indo ao extremo aventureirista reclamado por alguns sectores de direita e alguns dirigentes do PS, não acautelaram devidamente os interesses portugueses, nem marcaram em tão grave crise internacional uma posição autónoma e independente aliás compatível com obrigações assumidas por virtude de tratados internacionais.

O Governo do PSD política antidemocrática voltada para o passado

Não é apenas em relação à crise do Golfo e à política externa que o Governo impõe ao país uma política que não corresponde aos interesses do povo português nem de Portugal.

O Governo tudo faz em nome da democracia, da modernização e da estabilidade. Mas a estas palavras corresponde não uma realidade que as comprove, mas uma realidade que as contradiz.

O carácter antidemocrático da política do Governo revela-se em todos os aspectos essenciais da sua actuação.

Revela-se nos atentados contra a democracia política como a proposta de lei eleitoral para a Assembleia da República que visava assegurar ao PSD a maioria dos deputados mesmo com a previsível queda vertical de votos; o projecto agora anunciado de nova lei eleitoral para as autarquias inserto na ofensiva contra o poder local democrático; a monopolização da comunicação social com o controlo e uso tirânico da RTP, a discriminação na atribuição de frequências de rádios, a entrega dos jornais ao grande capital tal como sucedia no tempo da ditadura; e a substituição do Conselho de Comunicação Social por uma Alta Autoridade configurada para dar luz verde e cobertura a decisões prepotentes.

Revela-se nessa grande operação mafiosa que são as privatizações, no processo de restauração dos grupos monopolistas tanto dos novos tubarões da restauração capitalista como daqueles mesmos que fizeram grandes fortunas explorando e tirando o nosso povo ao longo de 48 anos de ditadura fascista.

Revela-se na sinistra história de ilegalidades, roubos e violência para liquidar a reforma agrária e entregar de novo os latifúndios aos grandes agrários deixando terras abandonadas, liquidando 50 000 postos de trabalho e desertificando o Alentejo.

Revela-se na exploração desenfreada dos trabalhadores, nos despedimentos sem justa causa, na precariedade do trabalho, na degradação dos salários reais, na miséria de reformados e deficientes, no aumento dos preços, agora o segundo dos combustíveis, na monstruosa carga fiscal, nas rendas de casa incomportáveis, na saúde só para os ricos, na redução do acesso ao ensino, na exploração do trabalho feminino, na falta de emprego para a juventude, no trabalho infantil, na promoção da brutal concentração de riqueza em alguns e da concentração da pobreza em muitos, ao mesmo tempo que o Governo decide ainda mais altos vencimentos para os mais altos cargos públicos e protege e promove a liquidação em centenas de empresas dos direitos sindicais dos trabalhadores, as perseguições e os despedimentos daqueles que se destacam na defesa dos direitos dos seus companheiros de trabalho.

Revela-se na invocação do Estado de direito, quando ele próprio, o Governo, tem como norma o abuso do poder e o desrespeito da Constituição e das leis.

Revela-se na invocação dos direitos humanos quando ele próprio diariamente os infringe.

Revela-se na invenção de inquéritos caluniosos contra Câmaras Municipais que dão exemplos de gestão honesta e competente ao serviço das populações, como sucede aqui no concelho do Seixal onde a Atalaia se situa, ao mesmo tempo que ele, Governo, e o próprio Primeiro-Ministro abafam uns atrás de outros escândalos e casos de corrupção dos seus Ministros e Ministérios.

O Governo pretende legitimar como democrática a sua actuação por se apoiar numa maioria de deputados na Assembleia da República. Mas o que se está a passar pode bem considerar-se como **o exercício ditatorial do Governo através de uma maioria parlamentar absoluta meramente conjuntural.**

Tudo isto e muito mais que poderia dizer-se mostra como Cavaco Silva e o Governo concebem e praticam a democracia.

E como concebem a modernização?

O Primeiro-Ministro, repete vezes sem conto como seu grande mérito aquilo a que chama «modernizar Portugal» e proclama melodramaticamente que interromper esse «andar para a fren-

te» daquilo a que chama «a obra» do Governo PSD, seria fazer o país «andar para trás».

Mas será andar para a frente em termos de democracia e progresso social reconstituir e restaurar velhas estruturas económicas, formas de exploração, concepções e valores do passado apenas adaptadas às novas condições dos fins do século XX?

Não. Andar para a frente na política do PSD é apontar o rumo do país para o passado, é andar para trás na edificação e institucionalização de um regime de liberdade e progresso social, na modernização de uma democracia com as suas vertentes económica, política, social e cultural que muito justamente o PCP considera inseparáveis na sua proposta ao povo português de uma democracia avançada no limiar do século XXI.

Finalmente, como concebe o Governo a estabilidade?

Cinco anos de Governo PSD de Cavaco Silva significam sem dúvida certa estabilidade governativa. Mas estes cinco anos têm mostrado eloquentemente que a estabilidade governativa tem provocado não a estabilidade em geral, mas a desestabilização social, a desestabilização das estruturas económicas, a desestabilização do sistema de ensino, a desestabilização no sistema de saúde, a desestabilização na comunicação social e a desestabilização da democracia política.

Isto significa que, se queremos pôr fim à desestabilização geral da democracia portuguesa que o Governo PSD de Cavaco Silva procura levar até ao fim com a instauração de uma paz podre antidemocrática, se queremos que seja alcançada uma verdadeira estabilidade democrática é imperioso substituir o Governo PSD de Cavaco Silva.

Presidenciais: um candidato do PCP na batalha política

As eleições de 1991 adquirem neste contexto extraordinária importância.

Estamos a três meses do prazo limite de apresentação dos candidatos à Presidência da República, a quatro meses da realização das eleições e a cerca de um ano (ou a cerca de oito meses no caso de eleições legislativas antecipadas) das eleições para a Assembleia da República.

O tempo começa a ser curto. Há que adiantar trabalho. Há posições, propostas e perspectivas que desde já é necessário assumir.

Em relação às eleições presidenciais, a não haver surpresas (que as pode haver) a situação apresenta, entre outras, uma grande novidade: os partidos da direita (ao contrário do que sucedeu anteriormente com Soares Carneiro e Freitas do Amaral) não mostram capacidade para apresentar um candidato com hipóteses de ser eleito. Nesta situação concreta, dando naturalmente o valor devido aos resultados e consequências das presidenciais, o nosso Partido considera em larga medida as eleições para a Presidência da República em função das eleições para a Assembleia da República.

Não somos só nós que tomamos tal atitude. Tomou-a o PSD pela boca de Cavaco Silva. Tomou-a o CDS quando há tempos foi lançado Lucas Pires com o fito de recuperar eleitorado que perdeu para o PSD. Tomou-a o PS ao negar em palavras, mas ao promover de facto como o fez recentemente na «Presidência Aberta em Coimbra», a candidatura de Mário Soares como candidato do PS a preparar, como uma possível vitória, o avanço do PS nas legislativas.

O nosso Partido não definiu ainda, nem é ainda tempo de definir todas as linhas de orientação e estilo de actuação da nossa candidatura.

Mas, desde já consideramos necessário que nas eleições presidenciais se faça ouvir a voz do Partido, no debate de ideias, a análise dos problemas nacionais, na divulgação das propostas do Partido e nas soluções e caminhos para assegurar a derrota da direita e uma alternativa democrática.

Com esse objectivo, o Comité Central em reunião plenária hoje mesmo realizada e no seguimento da decisão de apresentar um candidato do PCP às eleições presidenciais acaba de designar para essa tarefa política de tão alta responsabilidade o camarada Carlos Carvalhas, secretário-geral-adjunto do nosso Partido.

A recepção com que esta decisão acaba de ser recebida neste grandioso comício assegura o apoio geral e entusiástico à batalha política que vamos travar nas presidenciais.

As eleições para a Assembleia da República uma grande oportunidade

As eleições para a Assembleia da República de 1991 desempenharão um papel determinante na evolução ulterior da situação política nacional.

Sem esquecer a influência da movimentação social que tem sido imensa apesar de silenciada, e da luta política em geral, um Governo, segundo o funcionamento das instituições democráticas, só pode ir abaixo por três formas: ou o Presidente o demite; ou pede a demissão; ou deixa de ter a maioria de apoio de que dispõe na Assembleia da República.

Alguém poderá esperar que o actual Presidente da República o demita? Não, não é de esperar. Não o fez numa altura em que era inteiramente viável a formação de um Governo do PS viabilizado por todos os outros partidos democráticos. Menos provável que o faça agora.

Alguém poderá esperar que o próprio Governo se demita embora se tivesse um pouco de vergonha, pelos erros políticos e os pântanos de corrupção em que se atola, há muito tempo o teria feito? Não, também não é de esperar.



Assim, para que o povo se liberte do Governo do PSD é necessário, como primeira e indispensável condição que ele perca na Assembleia da República a maioria que, enganando o povo, conseguiu alcançar nas eleições de 1987.

Que quer isto dizer, camaradas?

Isto quer dizer que as eleições legislativas de 1991 oferecem uma grande oportunidade institucional para correr com Cavaco Silva e o PSD do Governo e criar finalmente condições para constituir um Governo democrático.

Será porém suficiente alcançar na Assembleia da República uma maioria dos partidos democráticos em conjunto designadamente do PCP e do PS?

Não, camaradas, não é suficiente.

Se, numa forma ou doutra, PCP e PS, que é previsível alcançarão em conjunto a maioria, não se entenderem, não haverá um Governo democrático com uma política democrática.

Mesmo se for o partido mais votado, o PS, para constituir Governo ou para fazer parte do Governo, necessitará de se pôr de acordo: ou com a direita ou com o PCP. Não há outra saída.

Alguém supõe que um acordo do PS com o CDS, que alguns socialistas defendem fazendo desde já o namoro ao CDS, ou eventualmente um novo acordo do PS com o PSD, como já houve no passado, possa adoptar e assegurar uma política democrática? Certamente que não. Não está à vista que de tais novas alianças do PS com a direita só poderia resultar de novo uma política impregnada de orientações de direita?

A situação é clara e dela podem tirar-se quatro conclusões:

A primeira, que é indispensável uma maioria democrática para tornar possível a formação de um Governo democrático.

A segunda, que sem o PCP não há maioria democrática possível.

A terceira, que para assegurar a formação de um Governo democrático de alternativa à direita é necessária a convergência e o entendimento do PCP e do PS.

E a quarta, que a convergência PS e PCP (que pode assumir formas muito diversas) é tanto mais possível e viável quanto mais forte for a votação e o número de deputados do PCP na Assembleia da República.

Ou seja, as possibilidades de uma alternativa democrática

ca são directamente proporcionais à força da representação parlamentar do PCP no quadro de uma maioria numérica dos partidos democráticos.

É nossa grande tarefa alcançar um resultado que corresponda a tal situação e estamos em condições de alcançá-lo.

Alguns ensinamentos da coligação «Por Lisboa»

Tendo em vista as eleições de 1991, a coligação «Por Lisboa» nas passadas eleições autárquicas encerra úteis ensinamentos.

O Secretário-geral do PS, dr. Jorge Sampaio, já tem dito que não se pode extrapolar o caso da coligação «Por Lisboa» para as eleições legislativas. Estamos de acordo com isso. Mas cremos que há também motivo para que os socialistas estejam de acordo conosco em que são válidas algumas experiências fundamentais da coligação.

Uma, o facto em si: que ao contrário de tantas afirmações e previsões, foi possível, não só a convergência, mas uma coligação eleitoral do PS com o PCP.

Outra, que ao contrário de tantas previsões a coligação foi mobilizadora do eleitorado pois a votação na coligação foi superior à soma da votação anterior nos dois partidos e seus aliados.

Outra, que a coligação permitiu pôr fim à desastrosa e prepotente gestão da direita que durava há já 10 anos na Câmara Municipal de Lisboa e na grande maioria das freguesias da cidade.

Outra ainda, que ao contrário de tantas previsões, foi e é possível, apesar de naturais dificuldades, uma gestão comum comunista-socialista (e não uma gestão do PS como alguns procuram apresentar) no município da capital e em 37 das 53 freguesias da cidade (21 com presidentes do PCP e 16 com presidentes do PS).

Finalmente, que, tendo a CDU (com o PCP) alcançado nas eleições autárquicas anteriores mais fortes votações e mandatos na capital do que o PS, foi a força do PCP e não a sua fraqueza que tornou possível se concretizasse a coligação, a derrota da direita e a vitória democrática na capital.



PCP

Intervenção
de ALVARO CUNHAL



PCP

Intervenção
de ALVARO CUNHAL

Trata-se de realidades que merecem a reflexão de todos os democratas, em particular dos socialistas.

Nunca propusemos, nem estamos propondo, uma coligação eleitoral com o PS para as eleições legislativas, embora não fosse um bicho de sete cabeças como não foi um bicho de sete cabeças a coligação «Por Lisboa».

E por isso continuamos por um lado a considerar concorrer às eleições para a Assembleia da República numa coligação com outros democratas. Sublinhamos por outro lado a necessidade da convergência dos democratas, designadamente do PS e PCP, para que haja na Assembleia da República uma maioria que dê o indispensável apoio à formação ou viabilização de um Governo democrático.

É bom porém lembrar algumas «regras do jogo».

Coligação com o PCP deve significar relações em que a diversidade de opiniões sobre tal ou tal matéria, não invalide a acção comum, empenhada e leal. **Convergência** não pode significar apoio passivo de um partido à política de outro.

Ou seja: nem o PCP aceitaria ser escada para à sombra de uma coligação treparem ambições pessoais e se desenvolverem acções contra o próprio Partido; nem o PCP aceitaria depois das eleições, à sombra do carácter imperativo da convergência de uma maioria democrática de suporte a um Governo, ser, com os votos dos seus deputados, uma muleta do PS para o PS sem qualquer plataforma, acordo ou compromisso, praticar e realizar a sua própria política.

Queremos a unidade, queremos a convergência. Mas **unidade e convergência pressupõem plataformas, acordos e compromissos. Pela nossa parte estamos prontos a alcançá-los em comum com outros democratas.**

O 25 de Abril no presente e no futuro democrático de Portugal

Ninguém pode contestar que, na busca da convergência e da unidade, é não só legítimo, mas adequado e necessário que cada força política exponha as suas ideias, as suas propostas, o seu programa.

Segundo o PCP, o futuro democrático, progressista e independente de Portugal não está na restauração do capitalismo monopolista a que o PSD está procedendo com o ressurgimento de realidades e de critérios do passado, mas numa política que, visando simultaneamente a democracia política, económica, social e cultural, e tendo em conta os novos condicionalismos internacionais, se desenvolva no sentido essencial inserto em realizações, conquistas e valores da revolução democrática portuguesa — do 25 de Abril.

Nós não somos daqueles que, numa súbita fúria de revisão da história, tentando apagar as grandes conquistas revolucionárias dos povos alcançadas no século XX, proclamam que todas essas lutas e conquistas foram «erros» e aventuras. Erro a revolução de Outubro. Erros outras revoluções socialistas. Erro a luta dos povos das antigas colónias pela sua independência nacional e pelo progresso social. Erros revoluções nacionais democráticas. Erro também naturalmente, segundo alguns, a revolução de Abril e as suas realizações democráticas.

Não somos daqueles que pretendem riscar da história do passado e da memória do povo, liquidar no presente, e impedir que se projectem em qualquer projecto para o futuro da sociedade portuguesa as grandes conquistas democráticas de Abril, na esfera das liberdades dos cidadãos, da estrutura económica, do regime político, do poder local e dos direitos políticos e sociais dos trabalhadores, das mulheres, dos jovens, dos cidadãos em geral.

É certo que a política antipopular e antidemocrática de sucessivos Governos e o processo contra-revolucionário em curso desde 1976 atingiram, feriram, amputaram, em alguns casos anularam muitas dessas conquistas. **Muitas delas estão porém ainda vivas e bem vivas na realidade nacional, nas aspirações populares e nos objectivos por que continua a lutar grande parte do povo português.**

Que outros conspurquem, rasguem ou queimem a bandeira do 25 de Abril, tal como, voltam o bico para onde sopra o vento e substituem apressadamente na lapela os cravos vermelhos por rosas amarelas. O PCP e muitos e muitos outros democratas continuarão a empunhar essa bandeira que não é apenas comemoração e memória, antes constitui também um conjunto de realidades e valores do presente e de valores e propostas que o PCP inscreve no programa que propõe ao povo para um futuro verdadeiramente democrático de Portugal.

Propostas dos comunistas e prontidão para uma plataforma

Temos consciência de que muita coisa mudou no mundo e em Portugal e que um programa democrático hoje é necessariamente diferente do que era nos anos da revolução.

Mas, para que serviria o partido, se ante as ofensivas da direita, desistisse de defender, de propor e de lutar pelo que considera justo e necessário?

Não é porque o Governo procura liquidar ou perverter direitos fundamentais dos trabalhadores, que deixaremos de lutar pelo seu respeito e concretização.

Não é porque o Governo procura instrumentalizar a juventude com a ilusão do consumismo, procura restaurar as discriminações e a degradação social das mulheres, procura iludir os reformados com migalhas eleitoralistas, que deixaremos de lutar sistematicamente e no concreto pelos direitos da juventude, das mulheres e dos reformados.

Não é porque o Governo procede à entrega escandalosa de empresas públicas ao capital privado e às multinacionais que deixaremos de lutar por um Sector Empresarial do Estado nas alavan-



cas fundamentais da economia portuguesa, como elemento do desenvolvimento e da independência nacional.

Não é porque o Governo procede à liquidação da reforma agrária que deixaremos de lutar pela liquidação da agricultura do latifúndio e por uma reforma agrária que entregue a terra a quem a trabalha.

Não é porque o Governo lança ao desprezo a agricultura e os agricultores portugueses ante os interesses da CEE que o PCP deixa de definir entre os objectivos do desenvolvimento da agricultura portuguesa assegurar a melhoria dos rendimentos dos agricultores, um nível razoável de auto-abastecimento do país em produções estratégicas, o crescimento de produções agrícolas, a redução do défice da balança agro-alimentar.

Não é porque o Governo reinstaura nos grandes meios de comunicação social a instrumentalização mais abjecta através do prático monopólio do partido no poder que deixaremos de lutar pelo real pluralismo, isenção e verdade na comunicação social.

Não é porque o Governo procura transformar os órgãos autárquicos num instrumento do poder central, que deixaremos de lutar em defesa do poder local democrático, com vasta área de competências descentralizadas e a democracia participativa complementar e inseparável da democracia representativa.

Não é porque o Governo capitula ante interesses estrangeiros que deixaremos de lutar para que, no quadro da CEE, na ONU, na NATO, na UEO, Portugal defenda e assegure a defesa dos seus interesses nacionais.

A evolução desfavorável dos acontecimentos num dado momento ou fase da vida nacional, mesmo o insucesso ou a derrota, não podem levar comunistas a uma atitude de resignação e de renúncia.

O PCP não abandona nem renega objectivos essenciais da democracia portuguesa, só porque na conjuntura actual, o Governo do PSD, vendo o seu fim aproximar-se, procura criar nas estruturas socioeconómicas, no Estado, nas instituições políticas, na vida social, na comunicação social, situações antidemocráticas dificilmente reversíveis.

Um partido revolucionário deve saber não só avançar mas também recuar. Deve em cada nova situação encontrar respostas novas. Deve saber negociar, dialogar, procurar e encontrar soluções de compromisso. Esta é a nossa atitude e activa atitude na actual situação portuguesa. **Mas não pode nem deve, mesmo numa situação adversa, ceder à chantagem, tomar uma posição de capitulação e oportunismo, deixar de lutar por objectivos que considera essenciais, justos e necessários por corresponderem aos interesses vitais e às necessidades e aspirações mais profundas do povo e do país.**

No XIII Congresso (Extraordinário) o PCP aprovou uma plataforma para uma alternativa democrática em se apontam, definem e desenvolvem como pontos essenciais a democracia representativa e participativa; um Estado descentralizado, com o reforço do poder local, as autonomias regionais e a regionalização; uma política nacional e um desenvolvimento económico autónomo no quadro da CEE na base de uma economia mista; uma política social para o bem-estar dos portugueses; e uma política externa de independência, paz e cooperação.

Na altura própria apresentaremos também ao povo o nosso Programa Eleitoral.

São as nossas propostas.

Não pretendemos que acordos, entendimentos e compromissos tenham por única base propostas imodificáveis do PCP.

Estamos abertos ao diálogo, à troca de ideias, à análise conjunta dos problemas e propostas. Estamos prontos a acordos com outros democratas numa plataforma comum. Estamos profundamente empenhados na convergência e na unidade, para alcançar as quais (como já temos dito) estamos prontos a fazer pelo caminho, talvez mesmo mais. Mas é necessário que os outros democratas, e muito particularmente o PS não tenham pretensões e projectos hegemónicos e bipolarizadores e correspondam também à necessidade de fazer uma parte do caminho para um entendimento que assegure uma maioria susceptível de legitimar e apoiar um governo democrático.

Maioria democrática que só é possível com o PCP — o PCP com a sua identidade própria, a natureza e os objectivos que o caracterizam, a sua força e influência real no povo e não um PCP como alguns gostariam de ver, lançado na própria destruição por

renegar tudo aquilo que é a própria razão de ser da sua criação, da sua luta e da sua existência.

Aqui está o PCP força do povo e da democracia

Aqueles que tantas vezes anunciaram, como coisa certa, o isolamento, o descalabro, a divisão, o declínio irreversível e a morte lenta do PCP, os factos dão a resposta.

Realizámos com êxito os XII e XIII Congressos do Partido e saímos deles reforçados. E esta nossa Festa, que é Festa, que é presença, que é afirmação, que é mensagem e que é luta, é por tudo isso também de certa forma um espelho do Partido que a realiza.

Aqui está o PCP decidindo ele próprio o que é e o que quer ser, afirmando com convicção e criatividade a sua natureza e os seus objectivos.

Aqui está o PCP, partido da classe operária e de todos os trabalhadores; partido que tem como objectivo a construção em Portugal de uma sociedade democrática sem exploradores nem explorados e donde sejam banidas as mais graves discriminações e injustiças sociais; partido cuja teoria antidogmática e dialéctica nasce da vida e se enriquece com a vida; partido cuja democracia interna não encontra paralelo em qualquer outro partido em Portugal; partido patriótico; partido internacionalista.

Aqui está o PCP com plena consciência das suas responsabilidades ante o povo e país como força necessária e insubstituível na democracia portuguesa.

Aqui está o PCP, sempre infatigável na luta de massas, nos sindicatos e com particular relevo na grande central sindical dos trabalhadores portugueses, a CGTP-IN, nas organizações sociais, na Assembleia da República, no Parlamento Europeu, nas autarquias, com uma intervenção dinâmica e construtiva em toda a vida económica, social e cultural do país.

Aqui está o PCP, hoje na oposição ao Governo de direita, demonstrando ímpar preparação e capacidade de realização no exercício do poder local e pronto a mostrar, no dia em que por vontade do povo os comunistas venham a participar no Governo, que está apto a governar, que a política que propõe não são palavras lançadas ao vento para ganhar votos, mas orientações e medidas adequadas à solução dos problemas fundamentais que o povo português e Portugal defrontam.

Aqui está o PCP que sabe ser mais fácil negar com ventos favoráveis, mas que tal como os nossos antigos navegadores, aprendeu também ao longo dos anos a navegar contra o vento.

Aqui está o PCP, não abatido, diminuído, acossado e submisso antes as tempestades que assolam o mundo, mas atento e aberto à vida, às transformações, à mudança, às novas realidades e à necessidade de dar-lhes resposta.

Aqui está o PCP, firme, de pé, convicto dos seus ideais, objectivos e valores que são a razão da sua existência e da sua luta.

Aqui está o PCP com a sua força organizada e a sua influência, com a militância dos seus membros, com a sua profunda e indestrutível ligação à classe operária, aos trabalhadores em geral, aos intelectuais e às massas populares, com o crescente valor da voz própria e da vontade própria da juventude, e com vastíssima participação e apoio das mulheres que vêem no PCP o melhor defensor dos seus direitos.

Aqui está o PCP, orgulhoso do seu passado, força viva do presente, afirmando, com a sua actividade, as suas ideias, as suas propostas, a sua luta, — sempre com os trabalhadores, sempre com o povo — a sua confiança inabalável no futuro democrático, progressista e socialista de Portugal, a sua confiança inabalável na vitória final da luta de libertação dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo.

Viva a unidade dos trabalhadores!

Viva a unidade e a convergência democrática para uma alternativa!

Viva a luta de libertação dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo!

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva a Juventude Comunista Portuguesa!

Viva o Partido Comunista Português!

PCP



Amigos
Companheiros
Estimados Convidados
Camaradas

Dentro de poucas horas chega ao fim esta extraordinária 14.ª edição da nossa Festa, a 1.ª neste soberbo local da Quinta da Atalaia na laboriosa zona Seixal/Amora ali com Lisboa à vista.

A alegria destes inesquecíveis dias não é obviamente, um artifício político — é um forte sentimento colectivo que colhe dos factos e do sucesso de uma causa e de uma luta norteadas por elevados objectivos a sua razão de ser.

O primeiro desses factos é, naturalmente, o de podermos sardar-vos neste magnífico espaço que é nosso, de podermos manifestar-vos aqui o nosso profundo reconhecimento pela vossa Amizade, pela vossa Confiança, pela vossa forte Presença, sem as quais o êxito e o brilho desta edição de 1990 da Festa do «Avante!» seriam impossíveis.

Para todos vós — jovens, mulheres e homens, de todas as regiões do País que viestes até à Atalaia conviver connosco as nossas mais cálidas e efusivas saudações.

Queremos, principalmente, assinalar a presença excepcional dos jovens que trouxeram à nossa Festa toda a sua frescura, entusiasmo e juvenildade.

A presença regionalista na Festa de 90 é notável: mais de 250 excursões em autocarros trouxeram de mais ou menos distantes paragens milhares de amigos e amigas.

Não estamos neste momento, como se compreende, quando ainda estão a entrar visitantes em grande número, em condições de vos comunicar o número exacto dos que vieram até esta 14.ª edição da Festa.

Mas desde já, para desgosto de uns tantos «profetas da desgraça» cheios de verdete anticomunista, que por antecipado e depreciativamente, com o objectivo de desencorajarem as vindas, a classificavam de «festinha», a que vaticinavam o insucesso e uma quebra do interesse popular, temos o gosto de vos comunicar que o número de visitantes à Festa de 1990, no espaço «virgem» da Atalaia — que é nosso! — cuja grandeza, significado e brilho todos podemos comprovar, superou largamente os números do ano passado em Loures e as riosas próprias previsões.

A bala saiu pela culatra aos alviçareiros da agonia do PCP. O segundo motivo da nossa alegria é o facto de termos conseguido ultrapassar com êxito e em tão pouco tempo obstáculos de monta, com muita coisa de raiz por executar, de termos apostado — e ganho a aposta — na tenacidade, na criatividade e na militância de um grande número de obreiros e animadores, de camaradas de notável qualificação técnica espírito de organização e elevada consciência política, membros do PCP e da JCP e mesmo de outros amigos do nosso Partido e da própria Festa do «Avante!» que sem complexos, em especial nos últimos dias, deram provas de grande laboriosidade, dedicação e dispêndio de energias só próprios de um excepcional devotamento. Mais de 10 750 destes incansáveis construtores de fim-de-semana puseram de pé esta pequena cidade da Atalaia. Pode-se dizer que também neste capítulo falharam os sombrios prognósticos dos detractores do PCP.

De todos os distritos e regiões — Setúbal, Lisboa, Alentejo, Ribatejo, Leiria, Porto, Beiras, Algarve, Minho, Trás-os-Montes e até das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, numa ordem de grandeza que necessariamente a distância da Festa condicionou — centenas de brigadas de trabalho voluntário e gratuito (sem falar nos milhares de outros que durante a Festa, vieram acampar nos seus terrenos) souberam desempenhar-se com entusiasmo e denodo, por vezes em duras condições, das suas sempre difíceis tarefas.

Naturalmente, dos distritos de Setúbal e Lisboa, que a linha sinuosa do nosso belo Tejo separa mas não divide, vieram os maiores contingentes e o principal afluxo de recursos humanos para a implantação e a decoração da Festa.

Todos são credores do nosso reconhecimento profundo, das nossas mais fraternas saudações mas supomos que não estareis em desacordo em que aqui façamos uma referência especial aos camaradas e amigos do concelho do Seixal que se destacaram pelo elevado número de presenças e pela assiduidade.

Camaradas e Amigos: ao darmos início à utilização deste belo espaço seixalense queremos agradecer de modo especial a abertura, as facilidades e a ajuda técnica multiforme — a um empreendimento que ultrapassa largamente os estreitos marcos partidários e se inscreve num inegável aproveitamento social, cultural, turístico e desportivo do concelho — prestado pela Câmara Municipal do Seixal, pela sua vereação (da CDU, do PS e do PSD) que sempre por unanimidade anuíram às nossas solicitações e que além disso nos deram a honra de estarem presentes no acto da inauguração.

À população do Seixal e da Amora queremos também deixar aqui uma palavra de agradecimento e a garantia solene de que as actividades que projectamos para o espaço da Atalaia respeitarão o estatuto legal de ocupação do nosso terreno e que a sua utilização multimoda visa, na medida das nossas possibilidades, promover também, numa gama variada de mo-

António Dias Lourenço

«A alegria destes dias inesquecíveis»

dalidades, as potencialidades económicas, sociais e turísticas do seu concelho.

Outros municípios da área da Grande Lisboa responderam favoravelmente às nossas solicitações de serviços e ajuda técnica e infra-estruturas compatíveis com a natureza de utilidade pública da Festa do «Avante!».

São os casos de Lisboa, Loures, Barreiro, Coruche, Vila Franca de Xira e da Junta de Freguesia da Amora, além de outros em mais reduzida escala.

A «iniciativa emblemática de Lisboa», como a costumava designar o ex-presidente da C. M. de Lisboa, Nuno Abecasis, que nos privou por inegáveis razões políticas, difíceis de disfarçar, do Alto da Ajuda, será emblemática onde quer que a implantemos.

Aqui deixamos àquelas autarquias os nossos agradecimentos.

Para um empreendimento com as características da Festa do «Avante!», movimentando diariamente nos seus habituais três dias centenas de milhares de pessoas, era impossível levá-los avante sem a colaboração e o serviço de entidades oficiais e de organizações recreativas e cívicas com actividade local.

Queremos por isso deixar aqui uma palavra de grande reconhecimento e gratidão às seguintes entidades:

Aos Bombeiros Voluntários do Seixal, de Almada, de Cacilhas, da Trafaria, do Barreiro e Sul e Sueste, de Sesimbra que nos prestaram uma assistência eficiente e pronta.

Ao Comando Distrital da PSP de Setúbal, às secções da Cruz de Pau, do Seixal, de Almada;

Ao comando da GNR, CEP 7, à Brigada de Trânsito da GNR, sobre quem recaí o difícil trabalho da regularização do intenso tráfego para a Festa;

À JAE do distrito de Setúbal, ao Governo Civil de Setúbal;

Ao Hospital Regional do Barreiro e à Delegação de Saúde do Seixal;

Aos CTT/TLP e ao departamento Postal de Setúbal;

Às empresas RN e Transtejo a quem muito ficamos a dever

pela prontidão dos transportes essenciais à deslocação em massa dos visitantes da Festa;

Ao Clube dos Trabalhadores da Siderurgia Nacional, ao Clube de Futebol da Amora, à Cooperativa de Consumo Piedense, à SFUAP;

Às empresas Contubos, Venamar, Belsul e FNAC (de Almada) e a outras que não nos ocorre nomear;

A todas, mesmo nos casos contra pagamento dos seus serviços, um muito obrigado.

A 14.ª edição da Festa do «Avante!» marcou a sua excepcional qualidade nos espectáculos, no desporto, no plano artístico mais vasto. Passaram pelos nossos palcos alguns dos melhores intérpretes da canção portuguesa e músicos e renomados artistas estrangeiros; a Corrida da Festa do «Avante!» justificou de novo este ano a sua inclusão nos calendários da Federação de Atletismo (os vencedores José Salgado e Maria Valada e todos os atletas merecem o nosso aplauso).

Este ano na expressão artística demos papel relevante à fotografia em que queremos destacar os trabalhos desse insigne artista da imagem que se chama Augusto Cabrita.

A informática esteve largamente ao serviço da nossa informação mais generalizada.

Um papel de relevo foi atribuído na Festa do «Avante!» ao debate político e à cultura. O teatro mais uma vez pela participação de artistas de mérito da nossa cena deu continuidade ao que é já um hábito das actividades criativas da Festa do «Avante!».

A todos estes intervenientes suadamos pelo valor das suas intervenções e pela sua disponibilidade para actuarem na nossa Festa.

Desde a sua 1.ª Edição a Festa do «Avante!» tem uma componente das mais destacadas e significativas — a da solidariedade internacionalista.

Este ano apesar de conhecidas alterações e dificuldades estão aqui presentes 29 delegações de Partidos, Movimentos e Organizações, com os quais o PCP mantém fraternas relações. Agradecemos a sua estadia entre nós alguns com os seus interessantes e altamente frequentados pavilhões.

Estamos gratos pela sua presença e contamos com a continuidade da sua participação na Festa do «Avante!».

E para terminar, numa palavra sobre a subscrição dos 150 000 contos para o custeio integral desta bela e aprazível Quinta da Atalaia da qual vamos todos levar uma viva recordação.

O camarada Álvaro Cunhal que na abertura da Festa anunciou que havíamos já ultrapassado os 100 000 contos vai talvez dizer-vos mais alguma coisa sobre isso.

Desejamos apenas sugerir-vos, neste dia em que fizemos a Corrida da Festa do «Avante!» — a Festa que encerra dentro de algumas horas — que façamos uma última «corrida contra-relógio»: que cada um de nós que o possa fazer adquira já um novo título de participação e com isso chegaremos mais depressa à meta dos 150 000.

Até para o ano, queridos Amigos, Companheiros, Convidados e Camaradas. Bom regresso às vossas casas.

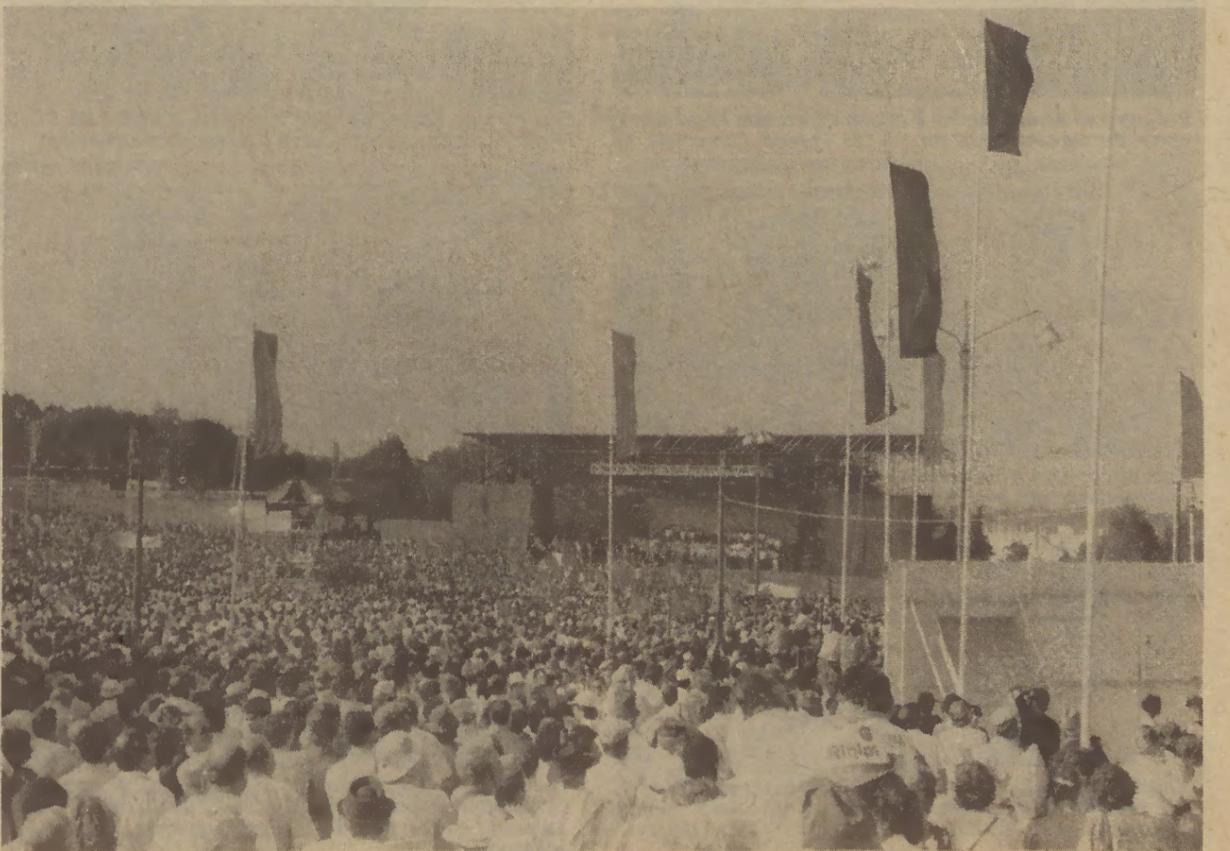
Uma Atalaia ainda mais linda vos espera no próximo ano.

Viva a Festa do «Avante!»

Viva o PCP!



Em breve intervenção no comício, o camarada João Fração, dirigente da Juventude Comunista Portuguesa, saudou os muitos milhares de jovens presentes na Festa e chamou a atenção para as propostas da JCP no sentido da defesa dos interesses da juventude.



PCP

Encontros do PCP com delegações estrangeiras

A realização da Festa do «Avante!» permitiu ao PCP efectuar uma série de contactos com as delegações estrangeiras que se deslocaram a Portugal para participar na iniciativa. Nesta página apresentamos imagens dos encontros com o secretário-geral do Partido e o secretário-geral adjunto. Realizaram-se ainda outros encontros políticos - de Albano Nunes com So Dong Bon, do Partido do Trabalho da Coreia, subdirector do «Rodongsinmun»; de Aboim Inglês com Fe Jusay e René Mahilon, do Departamento Internacional da Frente Democrática Nacional das Filipinas; de Albano Nunes com a delegação do Partido Comunista da Grécia, composta por Nicos Fotakis, da direcção do «Rizospastis», e Simela Sergiadov; de Albano Nunes com Francesca Marinaro, do CC do Partido Comunista Italiano; de Aboim Inglês com H. Urtnasan, comentador político do «Unen»; de Domingos Lopes com Jorge Ave, do Partido Comunista Uruguaio -, nos quais foram igualmente trocadas informações e opiniões sobre a situação em Portugal e em cada um dos países. Efectuaram-se também algumas reuniões de trabalho onde foram abordadas de forma mais aprofundada questões concretas do trabalho dos partidos.



Encontro das delegações com Álvaro Cunhal, na Quinta da Atalaia



Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com a delegação soviética, constituída por V. Rimadrevski (do CC do PCUS e 2º secretário do PC da Letónia), V. Fichnuk (colaborador do Departamento Internacional do PCUS), Lev Spiridonov (1º vice-director do «Pravda») e Nikolai Zemkovitch (chefe da secção ideológica do «Pravda»)



Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com a delegação do Partido Comunista da China, constituída por Xing Chong Zhi (1º secretário da organização do PCC em Hebei), Li Xiang Sheng (chefe de administração da organização naquela província), Wang Lin Jin (chefe de secção do Departamento de Relações Internacionais), Chen Lian e Zhou Li (funcionários deste departamento) e Jiang Zunyi (artesão)



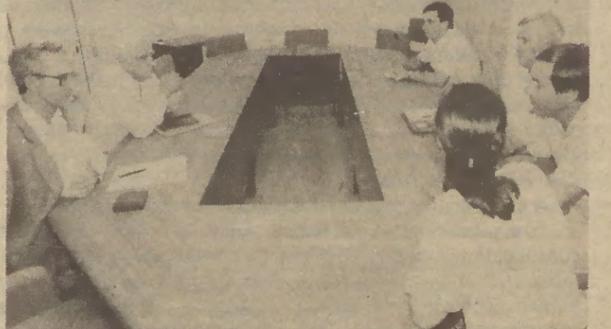
Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com Angel Morejon, chefe de departamento do CC do Partido Comunista de Cuba



Encontro de Carlos Carvalhas com Nguyen Huy Quang, do Partido Comunista do Vietnam



Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com a delegação da Social Democracia da República Polaca, composta por Stanislaw Cwik, chefe de redacção adjunto do «Tribuna», e Ladislav Janulewicz



Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com a delegação do Partido do Socialismo Democrático da RDA, constituída por Ulrich Weishaupt (da Secção Internacional), Gotz Ulbrich (presidente da organização do partido em Grop-Rietz e deputado da Assembleia Distrital de Besahow) e Phillip Dyck (membro da comissão para os mass-media)



Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com Karel Majek, chefe de departamento do CC do Partido Comunista da Checoslováquia



Encontro de Carlos Carvalhas com Marc Bellet, do CC do Partido Comunista Francês e da direcção do «Humanité»



Encontro de Álvaro Cunhal e Laura Cunha com Angel Guerreiro, da Comissão Política do Partido Comunista de Espanha e secretário-geral do PC da Galiza



Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com Ben Mohalathe, representante em Madrid do Congresso Nacional Africano (ANC)



Encontro de Álvaro Cunhal e Aboim Inglês com Georges Joahnes, do Partido Comunista Sul-Africano



Encontro de Álvaro Cunhal e Domingos Lopes com a delegação da Organização de Libertação da Palestina, composta por Sami Serhan (chefe de redacção das relações internacionais do órgão central da OLP) e Qualeid Bahij (redactor), e Issam Bessisso, representante da OLP em Portugal



Encontro de Carlos Carvalhas com Abdallah Hassoune, do CC do Partido Comunista Libanês, e Ghassou Saliba, representante do PCL em Espanha



Encontro de Álvaro Cunhal e Laura Cunha com Hideo Sakamoto, membro do presidium do CC do Partido Comunista Japonês, e Yasuhiro Ban, correspondente em Paris do «Akahata»



Encontro de Álvaro Cunhal e Domingos Lopes com Magda Henriquez, secretária-geral do Departamento de Relações Exteriores da Frente Sandinista de Libertação Nacional (Nicarágua)

Trabalhadores

Negociações decisivas ocupam os sindicatos

Enquanto os dirigentes das duas centrais sindicais se reuniam em Lisboa, a fim de prepararem as negociações com o Governo e o patronato, registavam-se diversas movimentações sindicais, com relevo para a área geral da Função Pública, dos postos de distribuição de combustíveis e da metalomecânica pesada. No âmbito da CGTP reuniram-se em 5 do corrente as Federações sindicais.

As Federações, estruturas intermédias daquela central, comunicaram à Imprensa no dia seguinte que decidiram intervir junto do Ministério do Emprego e Segurança Social no sentido de pôr termo rapidamente aos conflitos de trabalho, «reclamando a sua imediata resolução».

Essas organizações intermédias da CGTP, que representam as diversas áreas de actividade económica, «secundaram, assim, a exigência apresentada pela CGTP-IN na Concertação Social no sentido de ser dada resolução aos conflitos em curso no mais curto espaço de tempo».

A mobilização imediata dos trabalhadores é considerada indispensável para alcançar esse objectivo.

As Federações sindicais apontam «a luta pelas reivindicações sectoriais da empresa». Mas não deixam de referir a sua inserção mais geral (reivindicações apresentadas pela CGTP), «em especial no tocante à redução do horário de trabalho e defesa de dois dias de descanso semanal».

Segundo as Federações

sindicais, os conflitos que exigem solução urgente são a **actualização salarial dos trabalhadores da Administração Pública, em 1990 e o desbloquear das situações relativas às carreiras profissionais; o reajustamento salarial em empresas públicas, resultantes de aumentos baseados em metas de inflação irrealistas (caso dos Transportes, Enatur, etc.); desbloqueamento da negociação colectiva em sectores e empresas como Gráfica e Transformação de Papel, Metalurgia, Transinsular e Portilne, Hotelaria, Vestiário do Norte/Centro, Siderurgia, Supermercados, Calçado, Revendedores de Combustíveis, Hotelaria e Similares do Centro, Arrasto Costeiro e Pesca Longínqua.**

O departamento de informação da CGTP afirmava ainda em 6 do corrente que as Federações exigiram «a resolução dos conflitos nas novas empresas resultantes do desmembramento das empresas públicas».

Esses conflitos derivam da falta de cumprimento por parte

das administrações das «normas constitucionais e legais sobre a manutenção dos direitos dos trabalhadores».

As Federações reclamam também «o fim da discriminação salarial verificada na Marconi».

Especial atenção mereceu também na reunião de 5 do corrente a **regulamentação do trabalho agrícola nas zonas não cobertas por contratação colectiva.** Devem ser publicadas urgentemente portarias de extensão e eliminadas as restrições ao direito de reunião.

Entretanto, o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores protestava junto da Secretaria de Estado do Orçamento por o Novo Sistema Retributivo (NSR) ainda não ter sido aplicado «a dezenas de milhar de trabalhadores» daquela área de actividade, «quando o Governo chegou a dizer que em Dezembro de 1989 tudo estaria concluído».

Recorde-se que os sindicatos do sector têm em discussão, como já aqui noticiámos, uma **plataforma reivindicativa da Administração Pública.** O documento, a apresentar ao Governo, é assinado por 18 sindicatos.

A aplicação do NSR, ou antes, a sua falta de aplicação pode entretanto levar à greve os trabalhadores da **Contabilidade Pública.** O mesmo

pode suceder com os trabalhadores do **Tesouro.**

Por seu lado, os trabalhadores, sobretudo mulheres, das IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) exigiram alterações significativas à PRT (Portaria de Regulamentação de Trabalho) que lhes é aplicada desde 1985, designadamente no que respeita a salários, categorias e carreiras profissionais.

Quanto à **metalomecânica pesada,** a Federação sindical do sector (FSMMMMP) continua a rejeitar uma reestruturação «subordinada à concentração dos lucros privados, à revelia dos interesses nacionais e dos trabalhadores». A Federação, os sindicatos e outras organizações representativas exigem, por outro lado, melhoria de salários, e batem-se por outras reivindicações.

Noutro sector, onde é representativa dos interesses dos trabalhadores a Fepces (Federação do Comércio, Escritórios e Serviços), os dirigentes sindicais foram recebidos em 5 do corrente pelo secretário de Estado da Energia. Nuno Ribeiro da Silva, posto perante o facto de a associação patronal dos **revendedores de combustíveis** (Anarec) ter suspenso unilateralmente as negociações de revisão das condições laborais de um total superior a 6 mil trabalhadores, a pretexto da crise do Golfo, «negou qualquer

fundamento ao conteúdo» desse pretexto patronal, designadamente porque «as margens de comercialização dos combustíveis gasosos en-

contram-se já liberalizadas» e com as dos combustíveis líquidos sucederá o mesmo a partir de 1 de Janeiro, afirma a Fepces.

Amanhã, concentração junto dos serviços do MAPA

Produtores de arroz em Alcácer do Sal

Os produtores de arroz da região de **Setúbal** voltam amanhã, dia 14, a **Alcácer do Sal,** para uma concentração a realizar a partir das 14 horas, junto dos serviços do MAPA, para «obter do Governo a resposta às suas reivindicações».

Ainda recentemente, recorde-se, cerca de 100 orizicultores ali estiveram, convocados pela Associação dos Agricultores do Distrito de Setúbal, com o apoio da CNA.

Os produtores exigem:

- A publicação imediata da tabela de preços para o arroz;

- **Imediata intervenção do Instituto Nacional de Intervenção e Garantia (INGA) para o escoamento do arroz a todos os produtores que o solicitem;**

- **Garantia de que o subsídio de 6\$00/kg seja de facto para a produção.**

«As ceifas estão já a decorrer. Os agricultores não têm escoamento para o arroz. Os industriais estão a manobrar, pretendendo pagar a preços inferiores a 1989. A falta de medidas por parte do Governo ameaça levar muitos agricultores à ruína», salientam os produtores de arroz de Setúbal.

Congressos em Setúbal e Viseu

As Uniões de Sindicatos de Setúbal e de Viseu anunciaram a reunião dos respectivos Congressos para Novembro e Dezembro deste ano.

A USS reúne o seu órgão máximo em 16 e 17 de Novembro em Setúbal. A USV leva a cabo a mesma iniciativa no âmbito do seu distrito em 30 de Novembro e 1 de Dezembro, segundo anunciaram os respectivos conselhos distritais.

Estas organizações intermédias da CGTP já iniciaram a preparação dos seus Congressos (o 2.º no que respeita a Viseu e o 3.º quanto a Setúbal) onde irão ser discutidos

os problemas concretos dos trabalhadores daqueles distritos.

As direcções distritais anunciaram ainda iniciativas no âmbito da preparação dos Congressos. Em Viseu, estão agendados um encontro distrital sobre organização sindical (13 de Outubro) e uma conferência regional sobre desenvolvimento e direitos dos trabalhadores (3 de Novembro).

Em Setúbal, depois de uma reunião da comissão executiva e do conselho distrital da USS, foi decidido iniciar a discussão preparatória das teses a apresentar ao 3.º Congresso.

Camaradas Falecidos

Urbino Macedo Ferreira

Faleceu no passado dia 31 de Agosto o nosso camarada **Urbino Macedo Ferreira,** de 45 anos, natural de Arcos, Anadia.

Era marinheiro na altura do 25 de Abril e fez parte da Comissão Dinamizadora do Associativismo das Praças (CDAP) e da Comissão Dinamizadora do Esclarecimento da Armada (CDEA). Fez também parte da Assembleia do MFA. Em 1979 foi passado à reserva.

Desde 1980 que o camarada Macedo vinha desenvolvendo actividade partidária intensa, em que se destacou pela sua dedicação e espírito de solidariedade.

José Gomes

Após prolongada doença, faleceu o militante comunista **José Gomes,** de 49 anos, natural da Moita, membro do executivo da Comissão de Freguesia de Cacilhas do PCP. José Gomes, que fez parte das ORT's da Lisnave até ao seu despedimento, foi candidato à Assembleia de Freguesia (AF) de Cacilhas, no concelho de Almada. O funeral realizou-se na passada segunda-feira.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo da Redacção do «Avante!» apresenta sentidas condolências.

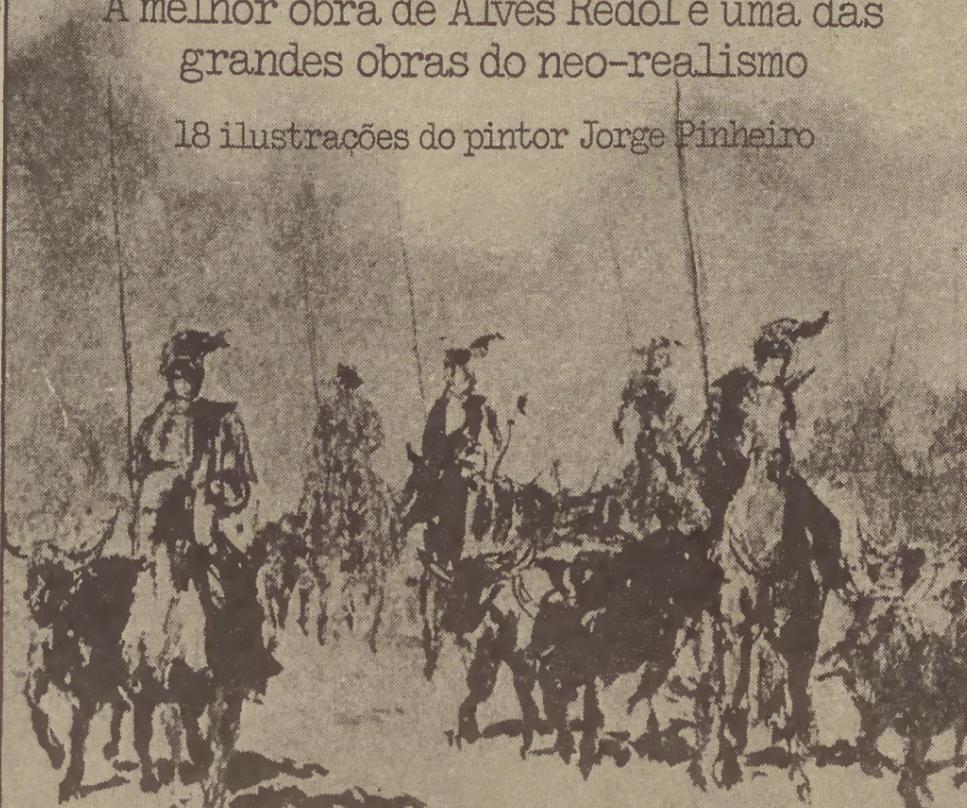
BARRANCO DE CEGOS

ALVES REDOL

Edição especial ilustrada, em grande formato.

A melhor obra de Alves Redol e uma das grandes obras do neo-realismo

18 ilustrações do pintor Jorge Pinheiro



edições Avante!



Internacional

Solução pacífica para o Golfo

— uma necessidade reconhecida na cimeira de Helsínquia

«O nosso encontro de sete horas foi dedicado à procura de uma solução pacífica. Penso que estamos no caminho certo» - as palavras são do presidente soviético Mikhail Gorbatchov, na conferência de imprensa conjunta com o presidente norte-americano George Bush, no final da cimeira de Helsínquia. Uma afirmação que deixa aberto o caminho à diplomacia e à esperança de uma saída pacífica para a crise do Golfo, ainda que não tenha ficado totalmente fechada a porta para uma eventual intervenção militar.

De facto, em Helsínquia, e à luz do que foi dado conhecer à opinião pública internacional, ganhou-se sobretudo tempo. Um tempo essencial para uma eventual solução diplomática. A par, naturalmente, do reafirmar de uma nova era das relações americano-soviéticas pós-guerra-fria.

Basta ler atentamente a Declaração conjunta (que publicamos em separado), para perceber o realce nela dado às instâncias das Nações Unidas. Um facto significativo se se tiver em consideração dois aspectos: em primeiro lugar, o desrespeito a que têm sido votadas até à data muitas das resoluções da ONU, designadamente do seu Conselho de Segurança; em segundo lugar, porque na actual crise do Golfo as deliberações daquele fórum

internacional foram tomadas na sequência das medidas adoptadas unilateralmente pelos EUA, ratificando-as. Querirá isto dizer que o Conselho de Segurança anda a reboque dos EUA? A interrogação é legítima, mas o que a cimeira de Helsínquia veio dizer é que tanto Bush como Gorbatchov sentem necessidade de integrar a acção dos respectivos países no âmbito mais lato da comunidade internacional.

O privilégio dado à procura



Apesar de em Helsínquia se ter falado de uma solução pacífica para a crise do Golfo, o secretário de Estado norte-americano pediu logo de seguida aos aliados que aumentem o envio de forças terrestres para a Arábia Saudita

de uma solução pacífica, sem pôr em causa a firme condenação do Iraque e a exigência da sua retirada do Kuwait, é sem dúvida o aspecto mais saliente da cimeira. E neste contexto vale a pena lembrar a afirmação de Gorbatchov segundo o qual «mesmo no caso de o Iraque se recusar a ouvir a vontade da comunidade

internacional, nem a URSS nem os EUA encaram o projecto de utilizar meios militares para resolver o conflito».

Este aspecto, aliado à garantia «muito séria» dada por Bush de que os EUA não fazem tenção de manter as suas tropas na zona do Golfo depois da crise provocada pela agressão do Iraque ao Kuwait

significado prático todos conhecem.

As contradições

Terminada a cimeira de Helsínquia, logo as contradições de todo este processo se fizeram sentir. Enquanto em Moscovo as autoridades recebiam o grupo de peritos norte-americanos

Declaração conjunta

No final da cimeira soviético-norte-americana de Helsínquia foi divulgada uma declaração conjunta dos presidentes da URSS e dos EUA, cujo texto se transcreve:

«Estamos unidos na convicção de que a agressão do Iraque é intolerável. Nenhuma nova ordem internacional pacífica é possível, se os países geograficamente mais importantes anexam os seus vizinhos mais pequenos.

Confirmamos a declaração conjunta dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos nossos dois países com data de 3 de Agosto e proclamamos o nosso apoio às resoluções do Conselho de Segurança 660, 661, 662, 663, 664 e 665. Lançamos um novo apelo ao governo do Iraque para que ele se retire sem condições do Kuwait e permita restaurar o governo legítimo do Kuwait e liberte todos os reféns actualmente no Iraque e no Kuwait.

Não será aceite nada menos do que a aplicação completa das resoluções do Conselho de Segurança da ONU.

Não será aceite nada menos do que o retorno ao estatuto do Kuwait antes do dia 2 de Agosto último, o que poderá acabar com o isolamento do Iraque.

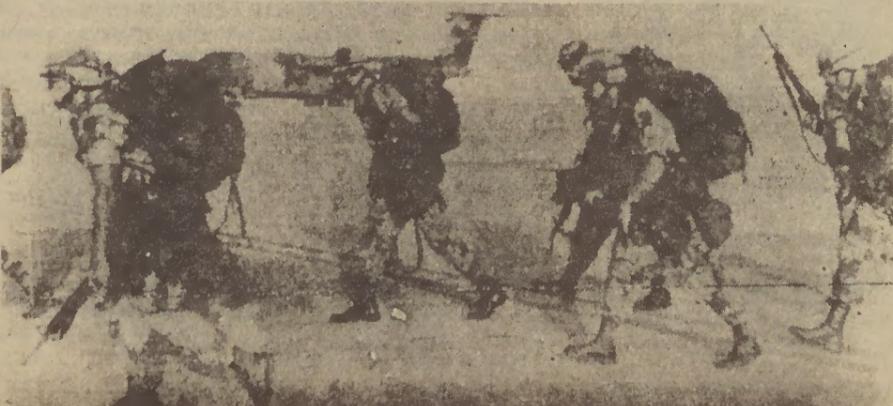
Apelamos a toda a comunidade internacional a que apoie as sanções decretadas pela Organização das Nações Unidas e declaramos que agiremos, individualmente e em comum, para assegurar a aplicação integral das sanções.

Ao mesmo tempo, a União Soviética e os Estados Unidos reconhecem que a resolução

661 do Conselho de Segurança da ONU permite a exportação de víveres para o Iraque e o Kuwait, por considerações humanitárias. O comité para as sanções fará recomendações no Conselho de Segurança sobre o que convém entender por «considerações humanitárias». A União Soviética e os Estados Unidos pensam que as exportações deste género devem ser supervisionadas por instâncias internacionais, a fim de assegurar o encaminhamento dos víveres até aos seus destinatários. A prioridade deve ser dada à satisfação das necessidades das crianças.

Preferimos uma solução pacífica da crise e teremos uma posição concertada contra a agressão do Iraque. Ao mesmo tempo, estamos resolvidos a agir para pôr um termo à agressão, se os passos dados actualmente não derem resultado, estamos prontos a encarar medidas suplementares, em conformidade com a Carta das Nações Unidas. Devemos provar da forma mais convincente que a agressão não é rentável e nunca o será.

Desde que os objectivos fixados nas resoluções acima mencionadas do Conselho de Segurança da ONU forem atingidos, os presidentes dos dois países darão a instrução aos seus ministros respectivos de cooperar com os países da região e outros países a fim de criar estruturas de segurança regionais e elaborar medidas para contribuir para a paz e a estabilidade. Importa trabalhar activamente para encontrar uma solução para os outros conflitos do Médio Oriente e do Golfo Pérsico. As duas partes prosseguirão as suas consultas e proporão outras medidas visando atingir estes objectivos mais amplos em tempo oportuno.»



Nota do PCP

O Gabinete de Imprensa do PCP divulgou o seguinte comentário às conclusões da cimeira de Helsínquia:

«Numa primeira apreciação sobre as conclusões desta Cimeira, cuja importância se reconhece, o PCP considera particularmente relevante que na Declaração Conjunta, em que se acentua a exigência que o Iraque retire do Kuwait, sejam feitas referências a «uma resolução pacífica da crise» no Golfo, ao respeito pelas Resoluções pertinentes do Conselho de Segurança da ONU (que a todos obrigam e não devem ser unilateralmente interpretadas ou ultrapassadas), à necessidade de «trabalhar activamente para resolver todos os conflitos que ainda subsistem no Médio Oriente e no Golfo Pérsico».

Trata-se de princípios e orientações que, como é do conhecimento público, desde o início da crise no Golfo, o PCP, numa posição bastante diferenciada de outras forças políticas, tem activamente defendido».

estar resolvida, não deve no entanto fazer esquecer o que ficou sem acordo. Ou seja, a questão palestiniana.

Como foi tornado público, a União Soviética pretendia obter o apoio dos EUA para a convocação de uma conferência sobre o Médio Oriente, destinada a encontrar uma solução pacífica para a retirada iraquiana do Kuwait, para a resolução do problema palestiniano e para a questão do Líbano. Tal não foi possível.

O presidente Bush considerou «a questão palestiniana separada da questão do Golfo», e embora dizendo que os EUA estão «também interessados no cumprimento da resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU (sobre a questão palestiniana), defendeu que o não cumprimento das anteriores não deve impedir o cumprimento das mais recentes resoluções». Uma tese que os palestinianos terão certamente dificuldade em aceitar, tanto mais que, embora não abertamente rejeitada, a hipótese de uma conferência sobre o Médio Oriente foi remetida para «tempo oportuno», cujo

que, segundo Bush, foram estudar as formas de ajuda económica à URSS, em Washington os observadores interrogavam-se sobre o significado do silêncio relativamente à continuação de conselheiros militares soviéticos no Iraque. Ao mesmo tempo, na sede da NATO, o secretário de Estado norte-americano James Baker pediu aos aliados para enviarem «forças terrestres suplementares» para a Arábia Saudita, «mesmo que sejam simbólicas». Na ocasião, James Baker voltou a reiterar o pedido de disponibilização de aviões e navios para o transporte de forças americanas para a região.

Este aumento de tropas norte-americanas no Golfo, com todas as suas implicações de carácter económico, coadunam-se mal com os anunciados esforços para uma solução pacífica, se é que, fazendo aumentar a tensão, não a põem mesmo em causa.

Se se tiver presente que tudo isto ocorre num momento em que parece iminente uma aliança do Iraque com o Irão, é de temer que a crise no Golfo esteja ainda bem longe de um desfecho trágico.

«1470 delegados em representação de 98 países de todo o mundo e de 26 organizações internacionais reuniram-se em Helsínquia de 10 a 15 de Julho, no Congresso Mundial pela Paz. Interpretando o sentimento dos seus respectivos povos, uma preocupação comum os uniu, para além das suas concepções políticas e religiosas as mais díspares: a salvaguarda da Paz, que supõe a garantia da independência nacional e do direito de autodeterminação, o fim da corrida armamentista e das bases militares em países estrangeiros, a destruição das armas nucleares e a interdição das suas experiências, a cessação da agressão e da intervenção do imperialismo americano no Vietnam, na República Dominicana, no Congo, etc., a solução por meio de negociações de todos os diferendos internacionais.

No final do Congresso foi eleito um novo Conselho Mundial da Paz composto por cerca de 500 membros de todos os países do mundo. Duas personalidades portuguesas de reconhecido prestígio internacional e na luta pela democracia no nosso país foram para ele eleitas.»

(«A Paz, aspiração comum dos povos» - «Avante!», VI série, n.º 359, Setembro de 1965)

«A visita à Grã-Bretanha de Marcelo Caetano saldouse num dos maiores fracassos de sempre da política externa do fascismo. As repercussões desse malogro puseram em foco a condenação do regime e da sua política colonial.

No entanto, a camarilha caetanista tinha preparado todos os condimentos para um sucesso. Garantira a cumplicidade do governo conservador inglês. Levava na bagagem um dossier recheado de concessões ao imperialismo britânico. Caetano jogaria na carta do sorriso e da inovação, relativamente a Salazar, de sair para o estrangeiro. Nem faltava miss Caetano, para o efeito vestida nos costureiros de Paris...

Simplesmente, os fascistas não tiveram em conta a evolução da situação mundial (...), fatal para Caetano. A sua visita provocou um clamor massivo de protestos e manifestações. O programa da visita foi mantido secreto até à última hora. Caetano teve que entrar pela porta do cavalo na residência do sr. Heath. Esvaziaram edifícios e museus para evitar as manifestações exigindo o cancelamento da visita. Um séquito de mais de 100 polícias seguiu o ditador por toda a parte para o proteger da cólera popular. Manifestações eclodiram todos os dias, como a que juntou à chuva mais de 10 mil pessoas, que desfilaram durante 3 horas.

O Partido Trabalhista passou de uma discreta desaprovção da política do governo português para a declaração pública da sua hostilidade, conseguindo forçar um debate no parlamento para o cancelamento da visita - facto raro durante a visita de um dirigente estrangeiro. Juntamente com o Partido Liberal, decidiu o boicote de todas as manifestações oficiais.»

(«Acentua-se o isolamento internacional do fascismo» - «Avante!», VI série, n.º 457, Setembro de 1973)

13

da festa!

AMORA-SEIXAL • 7, 8 e 9 SETEMBRO

Avante!

Director

António Dias Lourenço

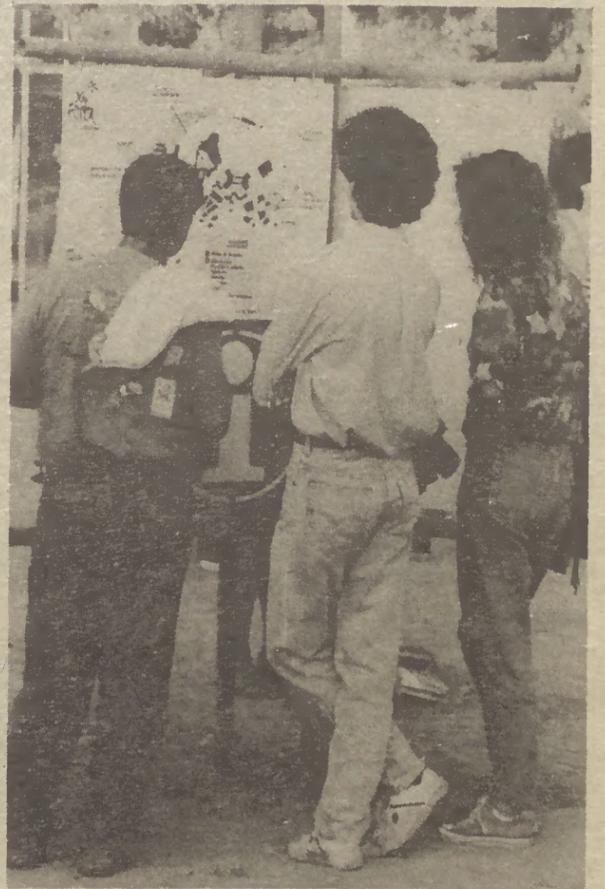
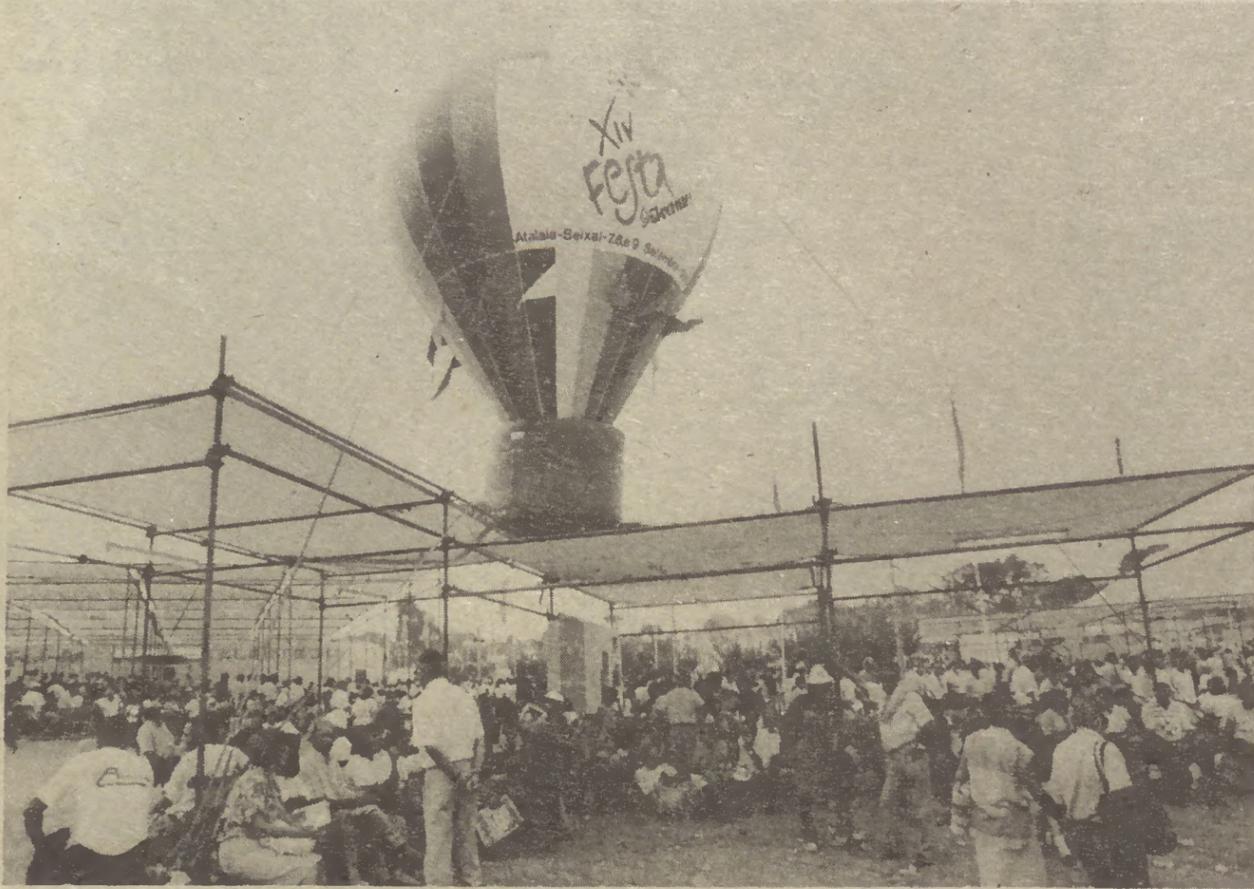
SUPLEMENTO N.º 13

13 de Setembro de 1990

Não pode ser vendido
separadamente



**"Este ano, para todos nós, a Festa do
"Avante!" tem um sabor novo..."**



**XIV
Festa
Avante!**

A Festa foi toda um ponto de encontro - mas teve também os seus pontos de encontro: o gigantesco balão constituiu uma referência para os que se perdiam ou pretendiam marcar um local de reunião. O cuidado posto na sinalização e na informação aos visitantes foi um traço significativo da Festa desde a sua abertura, assinalada pela intervenção do secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, que fez uma visita acompanhado pelo secretário-geral adjunto, Carlos Carvalhas, e por membros da Comissão Executiva da Festa



... e contém em si um motivo de nova alegria.
É que a Atalaia é nossa."



A Festa. A luz, a cor, a alegria, a multidão, os petiscos, os palcos. Uma realização única na sua dimensão política, cultural e humana

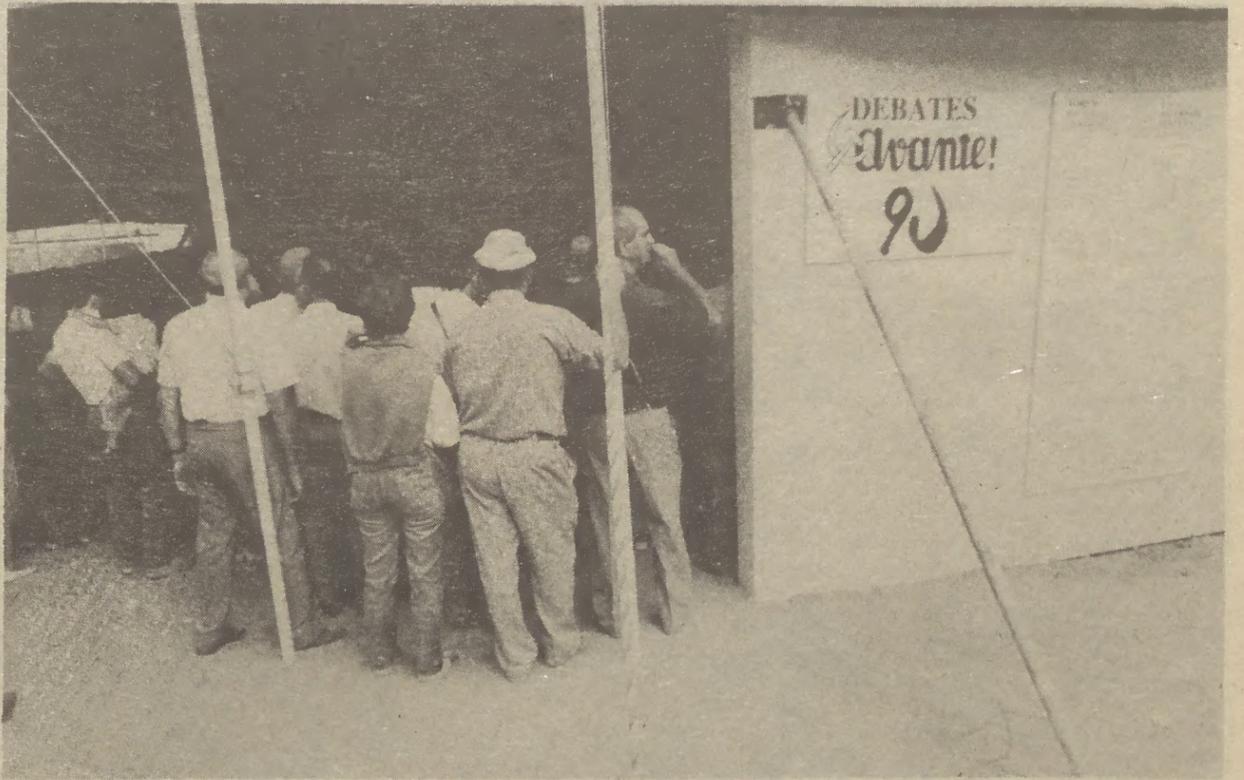


PAVILHÃO CENTRAL

Um diálogo que não termina

Poder-se-á dizer isto de muitos lugares já tradicionais da nossa Festa. Estavam à cunha. Desta vez vamos dizê-lo do Pavilhão Central, onde o que era política mais se concentrava. Visitado por muitos e muitos milhares de pessoas, o Pavilhão Central atraía a atenção sobre vários aspectos da política e da cultura. Se é verdade que em muitas organizações regionais notámos a falta de alguma informação sobre a situação e os problemas respectivos, isso não era verdade no que toca a este vasto espaço, onde uma série de exposições, de debates e colóquios e de apelos ao encontro dos visitantes com o Partido chamavam cada um à aproximação, à visita, à fala.

Ali começou a Festa, propriamente dita, quando o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, pronunciou algumas palavras, às 19 horas de sexta-feira, momento em que as bandeiras nacional e do PCP subiram nos mastros, içadas por Pioneiros. Acompanhado de outros dirigentes do PCP, Álvaro Cunhal dirigiu-se à pequena multidão que já conseguira entrar no recinto e, no meio de muita juventude falou da particular emoção que todos sen-



O Forum do Pavilhão Central da Festa encheu-se para os debates promovidos sob o lema central "Avante! '90 e em que participaram numerosos dirigentes do PCP e uma assistência numerosa e interessada

À entrada do Pavilhão Central, um painel de grandes dimensões dedicado ao órgão central do PCP, especialmente criado para a Festa de 1990 pelo pintor Bartolomeu Cid. "O Militante" montou igualmente um stand

OS RESULTADOS DA GOVERNAÇÃO PSD ESTÃO A VISTA:

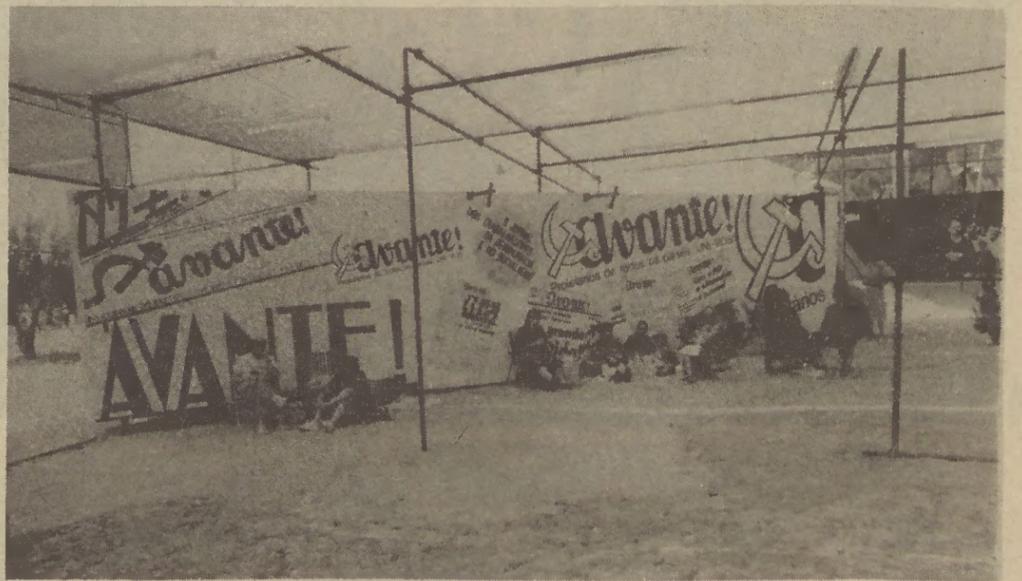
Degradação da situação:
Agravamento das condições de vida
Acentuar das desigualdades e injustiças sociais

A situação de desespero e medos dos nacionalistas do Governo PSD não podem disfarçar ou abater estas realidades

**AFASTAR
O PSD DO GOVERNO
TORNOU-SE
UMA IMPERIOSA
NECESSIDADE NACIONAL!**

A política do Governo Casaca Silva PSD tem-se traduzido por:

- Degradação da situação económica nacional
- Agravamento das condições de vida (salário de preços, rendas de casa, IRS, etc.)
- Agravamento das desigualdades e injustiças sociais
- Transferência do património público para o grande capital, nomeadamente através das privatizações
- Bancarota do processo de desenvolvimento
- Agravamento das desigualdades regionais
- Afastamento da classe trabalhadora
- Violação da transparência das regras eleitorais
- Agravamento das condições de trabalho, nomeadamente através da redução da duração da jornada de trabalho e da redução da remuneração
- Aumento da corrupção
- Desmantelamento e transferência de competências para o grande capital, com prejuízo dos interesses nacionais



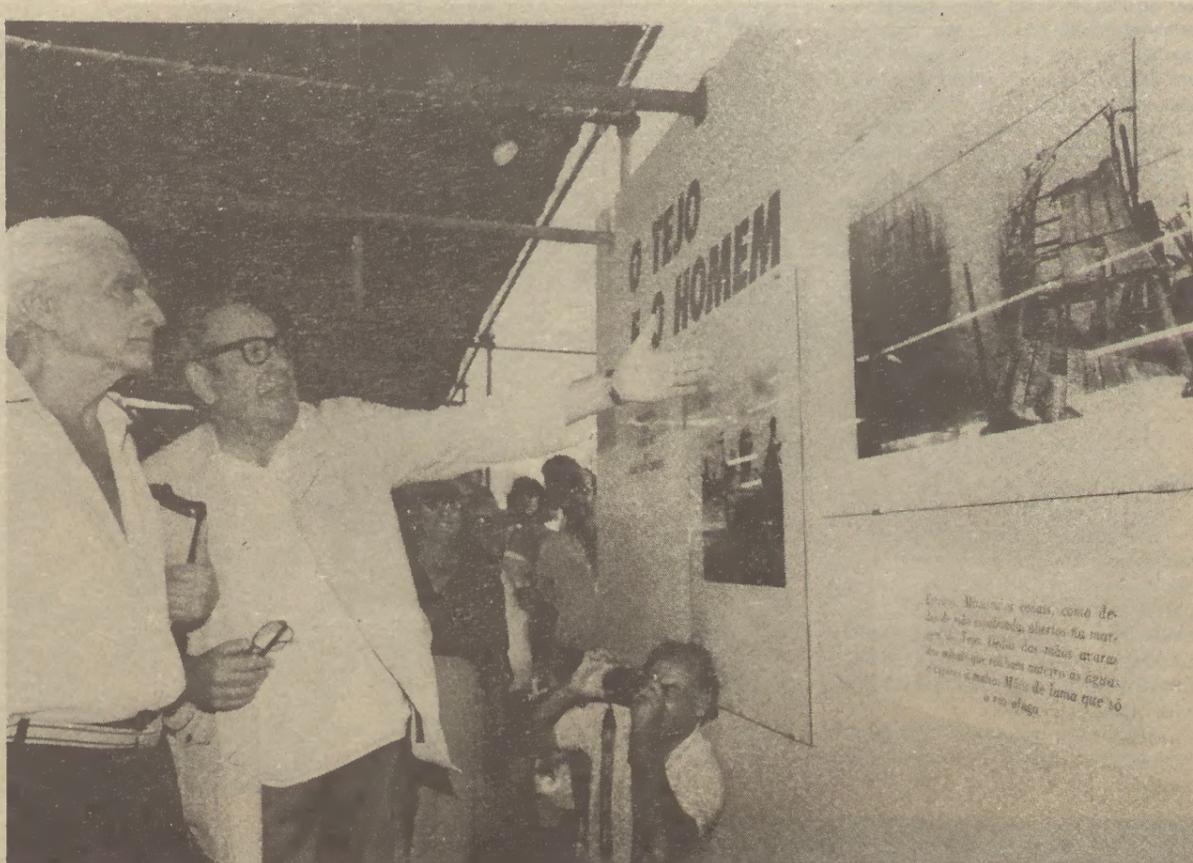
tamos pelo facto de esta Festa ir decorrer num terreno nosso. Entre os gritos de «É nosso, é nosso!», Álvaro Cunhal salientou que o terreno é nosso para se abrir como espaço ao povo português e à juventude, para as mais diversas iniciativas políticas e culturais. E foi aí mesmo que anunciou pela primeira vez que a campanha de fundos ultrapassara os 100 mil contos!

Era, pois, ali o coração da Festa.

Onde pudemos visitar uma mostra de ofertas ao PCP — selecção de peças oferecidas ao Partido ao longo dos anos pelas mais diversas entidades e organizações de massas portuguesas, e que evidenciam as profundas raízes do PCP na classe operária e em todos os trabalhadores. Aí se encontravam expostos modelos de barcos e navios, artesanato variado, cerâmica, vidro, medalhas, galhardetes.

Vale a pena!

«Assumimos com orgulho a natureza e identidade do PCP», dizia o painel. E isto não era mera fórmula de propaganda, nem um dizer apenas dos comunistas mais convictos. Muitos visitantes que se aproximaram do espaço de «O Militante», por exemplo, não eram membros do Partido. Mas vinham ao encontro do PCP precisamente por acharem nele uma identi-



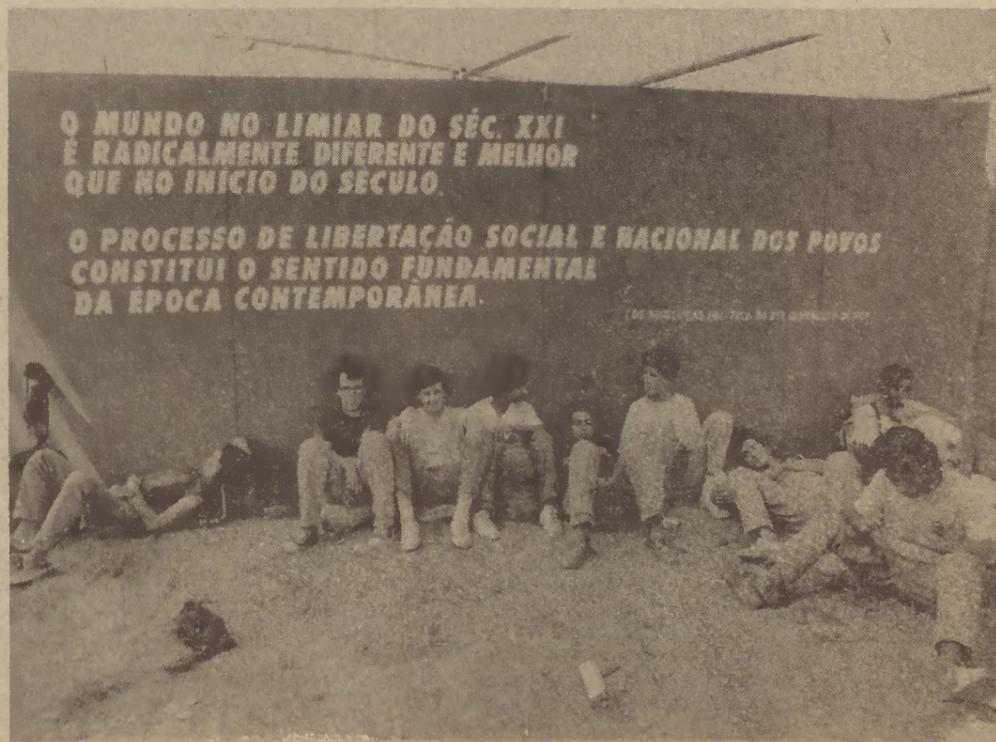
A exposição dedicada ao Tejo contou com numerosas e valiosas participações como a das fotografias de Augusto Cabrita



As exposições da Festa mantêm um fascinante cunho de diversidade: no Pavilhão Central, por exemplo, podia apreciar-se uma selecção de ofertas ao PCP provenientes do Museu do Partido, e mais longe uma enternecedora exposição de marionetas

dade e uma razão que os fazia aproximarem-se.

Trocamos algumas impressões com o camarada José Cavaco, que nos falou das brigadas promovidas pela organização e que partiam ao encontro dos visitantes da Festa. E também das algumas inscrições, obtidas pela iniciativa que se desenrolou sob o lema «Vale a Pena!». Houve, disse-nos o camarada, a registar uma grande satisfação por parte das pessoas contactadas por o terreno da Festa





ser do Partido, com ideias sobre o seu aproveitamento futuro. E não foram apenas adultos que se pronunciaram. Como em toda a Festa, os jovens predominaram, manifestando uma grande abertura e aproximação às ideias do Partido, inquirindo sobre várias questões de âmbito nacional e, no plano internacional manifestando uma grande preocupação sobre a situação criada na região do Golfo. O camarada José Cavaco salientou que este ano houve muito maior procura de documentos do Partido — não apenas de «O Militante» e do Programa do PCP, mas de outra documentação esclarecedora das posições e das propostas do PCP.

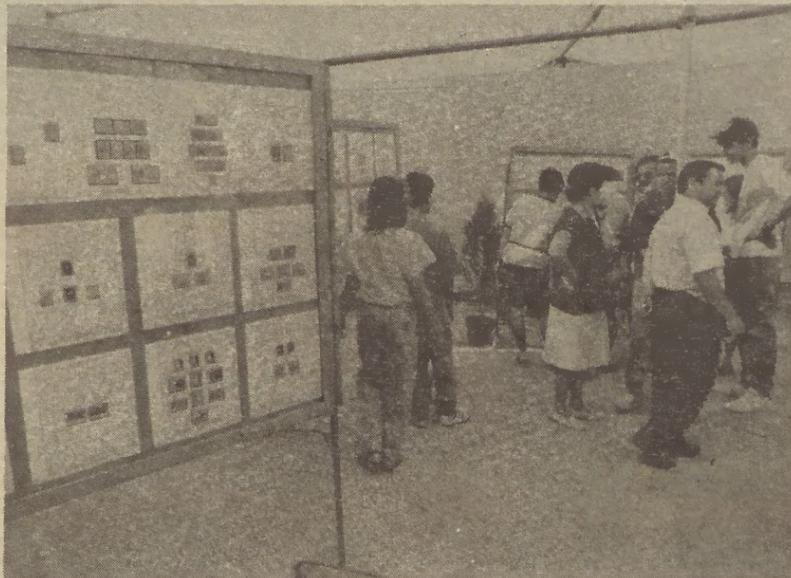
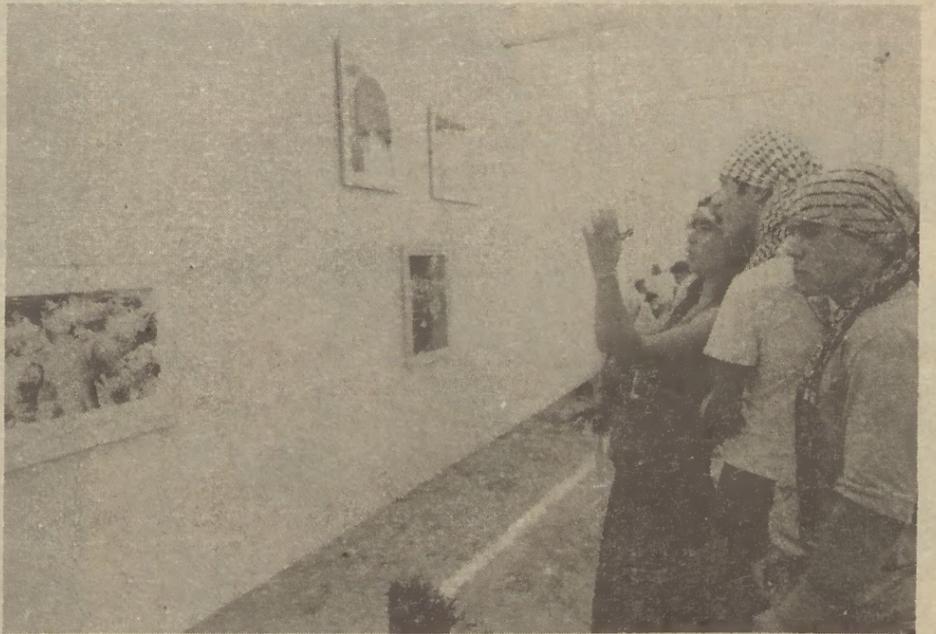
Esclarecer

Esclarecimento, troca de opiniões, foi também — e sobretudo — o que se passou no Pavilhão Central. E um grande papel no esclarecimento teve-o a Inforresta. Onde, nos monitores dos computadores se podiam encontrar as mais variadas informações que dissessem respeito à própria Festa e ao Partido.

Era mais a malta nova que escolhia este espaço. Que tinha melhor dedo para procurar a tecla, escolher a pergunta, en-



Exposições sobre teatro e na Cidade da Juventude



A filatelia: uma presença particularmente cuidada nesta edição da Festa e que registou grande afluência



Colóquios na Inforresta: a pintora Evangelina Sirgado durante a demonstração do uso de computadores na pintura

contrar a resposta, participar no jogo. Nos computadores vimos nós respostas a diversas perguntas. Da gastronomia possível na Festa, às questões mais sérias da política — que propostas as do PCP, que programa, que estatutos, como funciona a sua organização. Isto para além de, à noite ali se poderem contactar com artistas e com os seus trabalhos gráficos e picturais efectuados em computador.

À cunha também os debates. Debates em que as ideias expostas se entrelaçavam. Não é só a conversa que é como as cerejas. As ideias também são. E o primeiro tema — O Ideal Comunista —, conduzido pelos camaradas Vítor Dias, Manuel Gusmão e Henrique de Sousa, acabou por vir imbricar-se noutros temas propostos nos dias seguintes. Com efeito, no debate sobre as eleições presidenciais, no sábado à tarde — ainda não se decidira nem anunciara a proposta do PCP para a candidatura de Carlos Carvalhas —, as questões da alternativa democrática vie-

ram entrelaçar-se com as colocadas no dia anterior. Os camaradas Carlos Brito, António Andrez, Helena Medina e Manuel Sobral conduziram este debate.

Ainda no sábado — ao fim da tarde e à noite, outros debates se seguiram. Agostinho Lopes, João Amaral, Joaquim Miranda e Sérgio Ribeiro participaram naquele que tratava da questão da soberania de Portugal no quadro da cooperação. A situação social — mitos e realidades — foi o tema conduzido por Domingos Abrantes, Fernanda Mateus, Jerónimo de Sousa e Amélia Pardal. No domingo, Luís Sá, Carlos Fraião, António Abreu e Odete Santos estiveram na mesa. Falou-se da democracia e dos direitos dos cidadãos.

A beira do Tejo...

O encontro, o diálogo, o esclarecimento, não acabavam nos debates. Continuavam cá fora, num largo espaço destinado

aos camaradas que participam nas instituições. Assembleia da República, Parlamento Europeu, Autarquias. Deputados à AR e ao PE, e autarcas, dialogaram com os visitantes, esclarecendo-os sobre o seu trabalho. Deputados à Assembleia distribuíram documentação esclarecedora sobre a actividade do grupo parlamentar do PCP na 3.ª sessão legislativa, uma actividade que caracterizaram como intensa, diversificadora, inovadora, persistente e combativa. Os deputados ao PE distribuíram uma publicação em que dão notícia das suas actividades, das grandes questões em debate na CEE, dos problemas e perspectivas não apenas dos deputados comunistas portugueses mas da Coligação de Esquerda na qual se integram.

Um dos espaços que despertava maior curiosidade — e também admiração — era a exposição sobre o Tejo. Que começava por uma bela exposição de fotos de Augusto Cabrita. E onde apreciá-

mos o trabalho de uma artesã que em frente de nós construiu um modelo de um barco típico daquelas águas que bordejam a Festa no seu novo terreno.

Foi uma exposição que mostrou o rio sob as suas várias faces, ligando o seu curso à história das terras que banha e dos homens que aí viveram e aí vivem. Num percurso histórico pelas águas povoadas de trabalho e de lutas.

Por fim, fomos dar uma espreitadela à exposição de Filatelia. Aqui a coisa fiava mais fino. É que, para além da curiosidade dos muitos amadores de selos, fomos dar com a concentração sábia de peritos que, armados de pinças, compulsavam estampilhas, escolhiam ou, também eles, viam apenas...

Mas o Pavilhão Central não se podia ver todo de uma assentada. Dava-se um pulo ao café da amizade, tornava-se ali, de programa na mão. Para rever melhor, para ouvir melhor, para dizer. Num diálogo que não termina.



Os transportes constituíram uma das grandes preocupações da preparação da Festa e à sua organização foi dedicada uma particular atenção. Graça a ela e à valiosa colaboração da Transtejo, da RN, da PSP de Setúbal e da Brigada de Trânsito da GNR, afinal - e apesar da gigantesca afluência, tudo acabou por correr pelo melhor



Posto médico, uma estrutura de apoio da Festa que tem sido considerada ao longo de todas as edições como modelar. Assegurada por militantes do Sector da Saúde, o posto médico tem atendido de tudo, desde o arranhão até problemas mais complicados para os quais se encontra capazmente equipado

Os bombeiros foram uma presença preciosa na Festa. O atendimento a acidentes e doenças e o acompanhamento em todas as fases da realização foram factores fundamentais para a segurança de que se rodeia uma iniciativa de tão grandes dimensões como a Festa



Uma estrutura que a experiência revelou fundamental: um "bengaleiro" que alivia os visitantes do saco onde trazem a camisola necessária à noite, mas dramática na canícula da tarde!

Telefones públicos: aqueles pormenores que levam os novos visitantes a dizerem "eles pensam em tudo"...



Cidade Internacional

O internacionalismo ao vivo

Delegações de partidos comunistas e outras organizações progressistas de quase três dezenas de países de todos os continentes estiveram na 14ª Festa do «Avante!» e tiveram nela participação activa, quer nos seus pavilhões próprios, quer nos «Momentos de Solidariedade» que aqui tiveram lugar, quer nos contactos formais ou informais com dirigentes e militantes do Partido e com visitantes da Festa. Na Atalaia tivemos o internacionalismo ao vivo, e quem visitou a Cidade Internacional sabe bem do que estamos a falar.



Quem deambulava por entre as tentações da Feira do Livro arriscava-se a ouvir, vindo cá de baixo, os sons alegres de vozes e instrumentos facilmente identificáveis. Muito dificilmente resistiria a marcar o compasso, sempre a acelerar, avançando para o pequeno palco instalado no pavilhão soviético, junto ao restaurante, onde músicos e bailarinas davam largas à «Katiucha» ou a outra qualquer canção popular russa. O pior era

pavilhões, o visitante da cidade internacional já estava, certamente, com o apetite mais crescido. Lembrava-se então que tinha visto o tal restaurante da URSS, e também um restaurante chinês e outro de Timor-Leste. Durante a refeição, acompanhada com salada de línguas, aproveitou o seu português sotacado, juntou-lhe o inglês ou o francês que ainda restava dos tempos de escola, os gestos que nascem com todos... e não é que conseguiu entender o camarada que veio de longe e estava sentado ali ao lado, saber como ele se chamava, de que país era, o que é que o preocupava, do que estava a gostar na Festa... Quanto ao estrangeiro, parece que também entendeu. A quem via de longe, até podia parecer que aquela conversa não era entre desconhecidos, mas entre amigos. E eu quase aposto que, depois de um encontro como este, aqueles conversadores vão interessar-se mais pelo que se passa no país do outro.



quando ali chegava: o espaço era pouco para tantos espectadores. Se já estivesse com o estômago confortado, passava ao lado do restaurante e dava uma olhadela à exposição política e às notícias da perestroika. Assim, distraído e ao mesmo tempo interessado, o visitante começava uma autêntica volta ao mundo, num total de dezena e meia de pavilhões, passeando entre lenços árabes da Palestina e artesanato moçambicano, emblemas do Che e rum cubano, propaganda política do PDS da RDA e candeeiros chineses, bebidas exóticas da Coreia e o «Amandla» sul-africano. Além da OLP, da Frelimo, do PC Cubano, do PDS, do PC da China, do PT da Coreia, do ANC e do PC Sul-Africano, tinham ainda pavilhões na Cidade Internacional o PC de Espanha, a FDN das Filipinas, o PC Francês, o PC da Grécia, o PC Libanês e a Fretilin.

Ao chegar ao fim da volta - depois um intervalo para descansar, se tivesse a sorte de apanhar um lugar vago, no auditório onde poderia estar a decorrer um colóquio sobre «O capitalismo hoje» (com Octávio Teixeira, Frederico Carvalho e Américo Nunes), ou sobre «Conquistas revolucionárias do século XX» (com Albano Nunes, José Ernesto Cartaxo e Helena Bastos), ou sobre «Questões globais e luta de classes» (com Aboim Inglês, Ilda Figueiredo, António Pedro e André Espenica), ou onde se poderia estar a realizar um «momento de solidariedade» com a luta dos povos da África Austral (com Domingos Lopes e os camaradas das delegações do ANC, do PCSA e da Frelimo), da Palestina (com José Goulão, a delegação da OLP e o representante palestino no nosso país), da América Central e Caraíbas (com Miguel Urbano Rodrigues e as delegações de Cuba e da Nicarágua), e de Timor-Leste (com António Mota e a delegação da Fretilin, bem como o representante da Frente em Lisboa).

No final da volta ao mundo em quinze





Delegações estrangeiras na Festa

Na Festa do «Avante!» estiveram delegações do **Congresso Nacional Africano** (Ben Mohalathe) e do **Partido Comunista Sul-Africano** (Georges Joahnes), do **Partido do Socialismo Democrático da RDA** (Ulrich Weishaupt, Gotz Ulbrich e Phillipp Dyck), do **Partido da Frente de Libertação Nacional da Argélia** (H. Bennaoun), do **Partido Comunista Brasileiro** (Dinart Oliveira), do **Partido Africano para a Independência de Cabo Verde** (Herculano Vieira e José Cruz), do **Partido Comunista da Checoslováquia** (Karel Majek), do **Partido Comunista da China** (Xing Chong Zhi, Li Xiang Sheng,

Nacional da Nicarágua (Magda Henriquez), da **Social Democracia da República Polaca** (Stanislaw Cwik e Ladislaw Janulewicz), da **Organização de Libertação da Palestina** (Sami Serhan e Qualeid Bahij), do **Movimento para a Libertação de São Tomé e Príncipe** (João Penetra), da **Fretliln** (Helder Neves e António Assunção Rosa), do **Partido Comunista da União Soviética** (V. Rimadrevski, V. Fichnuk, Lev Spiridonov e Nikolai Zemkovitch), do **Partido Comunista Urugualo** (Jorge Ave) e do **Partido Comunista do Vietname** (Nguyen Huy Quang).



PC DA CHINA



Wang Lin Jin, Chen Lian, Zhou Li e Jiang Zunyi), do **Partido do Trabalho da Coreia** (So Dong Bon), do **Partido Comunista de Cuba** (Angel Morejon), do **Partido Comunista de Espanha** (Angel Guerreiro), da **Frente Democrática Nacional das Filipinas** (Fe Jusay e Rene Mahilon), do **Partido Comunista Francês** (Marc Bellet), do **Partido Comunista da Grécia** (Nicos Fotakis e Simela Sergiadov), do **Partido Comunista Italiano** (Francesca Marinaro), do **Partido Comunista Japonês** (Hideo Sakamoto e Yasuhiro Ban), do **Partido Comunista Libanês** (Abdallah Hassoune e Ghassou Saliba), da **Líbia** (Omar Abnarghub), do **Partido Frelimo**, do **Partido Popular Revolucionário Mongol** (A. Hurtnasan), da **Frente Sandinista de Libertação**



UM ESPECTÁCULO CHAMADO «FESTA!»

Que pena chegar ao fim!

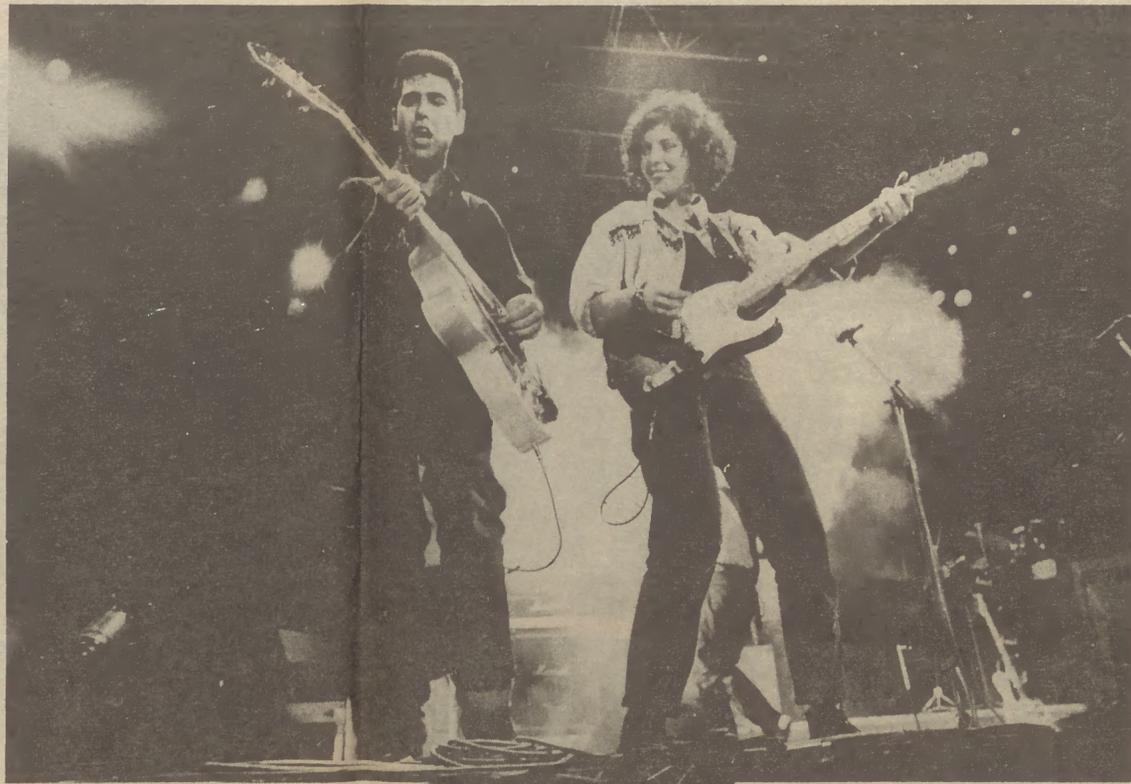


Osibisa

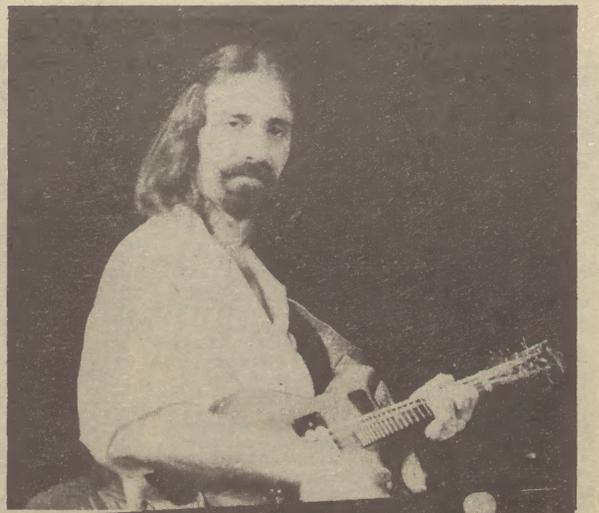
O espectáculo decorreu em três dias numa Atalaia repleta de gente diversa, unida em outro espectáculo particular, esse que foi dado pelos que mais festejaram a «festa!»... E foram pulos e danças ao improviso, em gozo ostensivo dos ritmos vários que a música deu ao corpo. Foram os abraços apertados e as alegrias gritadas por reencontros inesperados, os mesmos abraços e alegrias comemorando amizades agora feitas. Foram as cores de vestimentas insólitas, dos negros ao vermelho mais vivo. Os sons de coros uníssonos a milhares de vozes, cantando refrões ao apelo dos artistas. Os aplausos, explosões tão generosamente despoletadas, tão agradecidas do lado de dentro do palco. Foram os apelos repetidos de *só mais uma*, que a sede de sons e imagens era muita.

A «festa!» é todo um espectáculo e só uma parte é contada pelos seus espectáculos...

E no entanto os locais e os protagonistas de todo este espectáculo assumiram de novo (é tradição na «festa!») características radicalmente diferenciadas, a começar pela programação que solicitava, por vezes no mesmo local, audiências de gosto à partida antagónico, até ao próprio espaço: a ir do grandioso *Palco 25 de Abril*, a passar no sugestivamente íntimo *Café Concerto* da zona de *Lisboa*, a chegar ao particularmente genuíno *Palco Arraial*, a saltitar um pouco por todo o lado, chegando a apresentar-se em forma de coreto ou de simples estrado de madeira ou do ainda



Rádio Macau



Júlio Pereira



Rhythm Sisters



Bogus Brothers



"O Regresso de Bucha e Estica" e a actuação do TIL

mais simples destile pelas ruas desta cidade dos três dias. Aqui palhaços, além um elemento de um rancho explicando as raízes ancestrais das danças a apresentar. Aqui o rock, ali o jazz ou a música experimental... Folclore, teatro, músicas de estilo diverso, preencheram o grosso da animação desses inúmeros locais onde o espectáculo aconteceu nos três dias desta orgia de sons, luzes e cores. Em cenário um Tejo secular e manso, como que paternalmente cúmplice dessas folias humanas, já de há muito conhecidas.

O palco é uma força

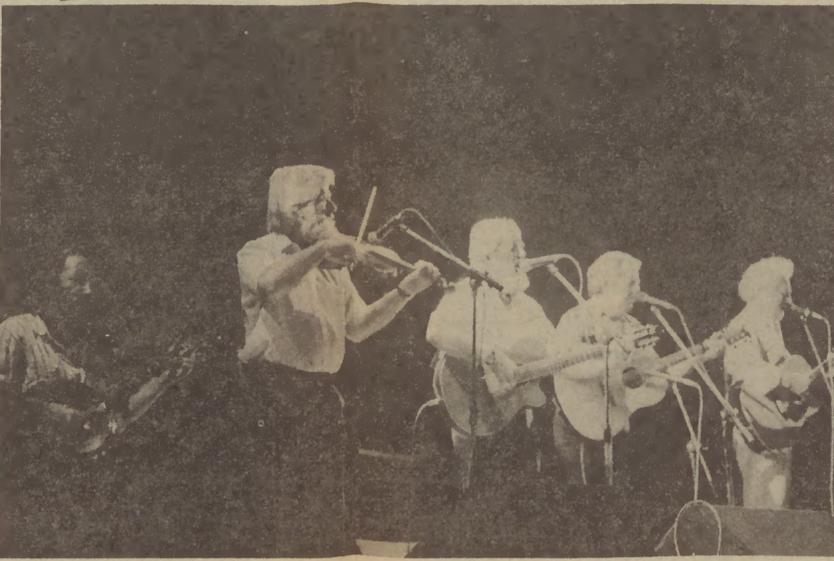
Na sexta-feira o *Rádio Macau* dão o rock depois de os *Repórter Estrábico* terem iniciado a sucessão de acontecimentos do *Palco 25 de Abril* com uma música de sonoridades agressivas e palavras irónicas, impelidas por um vocalista desconcertante, insólito, seráfico, a afirmar-se com uma presença a um tempo estranha e sedutora; trabalho invulgarmente amadurecido para banda algo neófito, apesar do percurso já com alguns anos, iniciado no Porto e passando agora pela afirmação deste *estrábico* projecto na capital. Quanto aos *Rádio Macau*, surpreende, para quem tenha perdido o contacto no último ano com os *ao vivo* desta banda, o grau de profissionalismo agora atingido com um estudo minucioso de pormenores diversos que vão desde o alinhamento das canções à movimentação em palco, passando pelas próprias roupas negras dos músicos a fazer referência ao álbum *O Rapaz do Trapézio Voador*. Os temas tocados pelos *Rádio Macau* no espectáculo



dá Atalaia foram no entanto muito para além desse último trabalho discográfico do grupo, relembrando melodias de anteriores fases mas com arranjos diferentes, a permitir também *novas descobertas* em canções tão *repisadas* como *O Elevador da Glória*. Um contraponto ao respeito pela instrumentação utilizada nos temas do



A presença dos ranchos folclóricos



Dubliners



XIV Festa *Avante!*

mais recente disco da banda. Elevado grau de profissionalismo, reafirma-se, no entanto sem nada a retirar à força antes reconhecida para os espetáculos do grupo: cada vez melhores *ao vivo* estão estes *Rádio Macau*.

A rir ficou o público do *Auditório 1º de Maio* este ano também *Avante!*, com o espectáculo dado por Juvenal Garcês e Eduardo Firmo, *O Regresso de Bucha e Estica*, uma paródia quase sentimental escrita por Mário Viegas.

A vitória da dança

Paulino Vieira (que músico!) africaniza o princípio da tarde de sábado, dia que começa assim por designar a grande vitoriosa do *Palco 25 de Abril*: a *música de dança*, nas suas mais *desvairadas* formas: fosse tradicional, fosse *rock*, fosse portuguesa, galega, peruana, africana ou irlandesa.

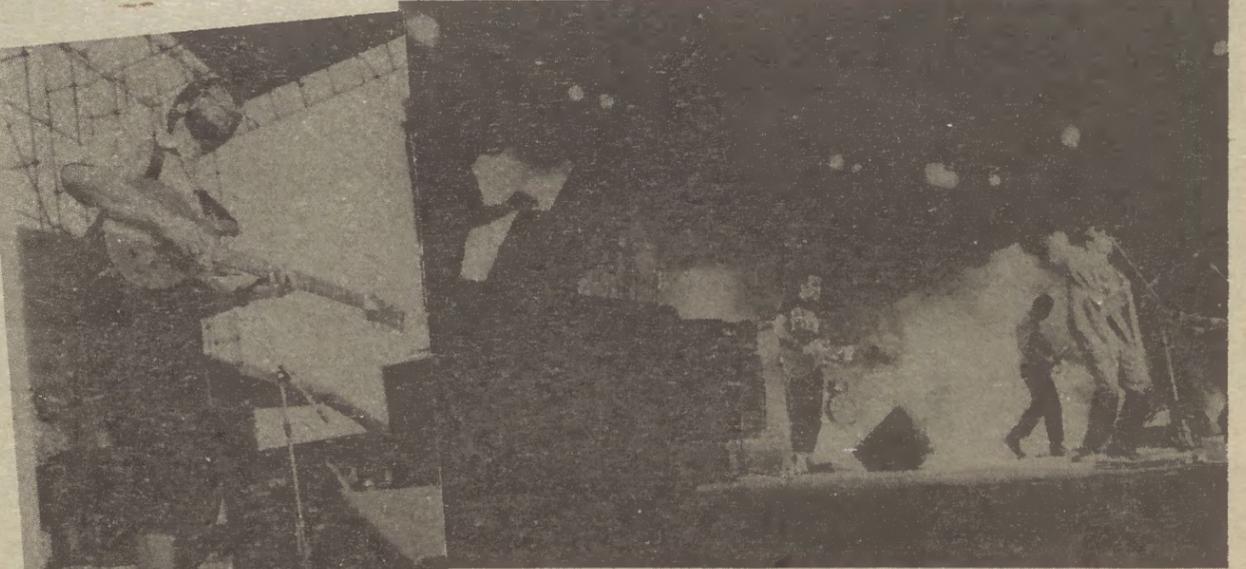
Dança Nua, por exemplo, com os *Essa Entente* a entusiasmarem fãs desta banda lisboeta, seguidos pela *Brigada Victor Jara* (*é bom regressar a casa*, diria o vocalista do grupo) a manterem o mote na dança e dando um outro mote cujas *volitas* foram *agarradas* pelo agrupamento seguinte: a *música tradicional*, num caso portuguesa, provada e naturalmente partilhada na vizinha Galiza.

Assim o mostra a música dos *Na Lúa* a deixar atônito e entusiasmado um auditório a identificar-se no som de adufes e gaitas de foles e a aceitar o convite impetuoso, forte (e também contemporâneo), vindo do palco: *é dançar minha gente, é dançar!* E ao que parece a dança na Galiza tem passos lusitanos, coisa nada de estranhar como o tornou a demonstrar *Júlio Pereira* que aqueceu o início dessa noite com um espectáculo a deixar sem fôlego gente habituada a outros fôlegos como os elementos dos africanos *Osibisa*, que ao assistir ao espectáculo de Júlio cobijavam essa pequena maravilha que alguém lhes explicava chamar-se *cavaquinho* enquanto não resistiam ao apelo dançante desse *great musician* que ali estava e que a certa altura emparceirava com os elementos dos *Na Lúa* para a interpretação de um tema construído a partir de duas melodias de cada um dos lados desse universo musical que ali foi único. *Casamentos* há muito celebrados, agora lembrados...

E, já agora, atenção ao próximo disco de Júlio Pereira, *Janelas Verdes*, pois os temas novos executados ao vivo na «festa!» foram recebidos de tal forma que se prevê mais um sucesso comercial para este músico.

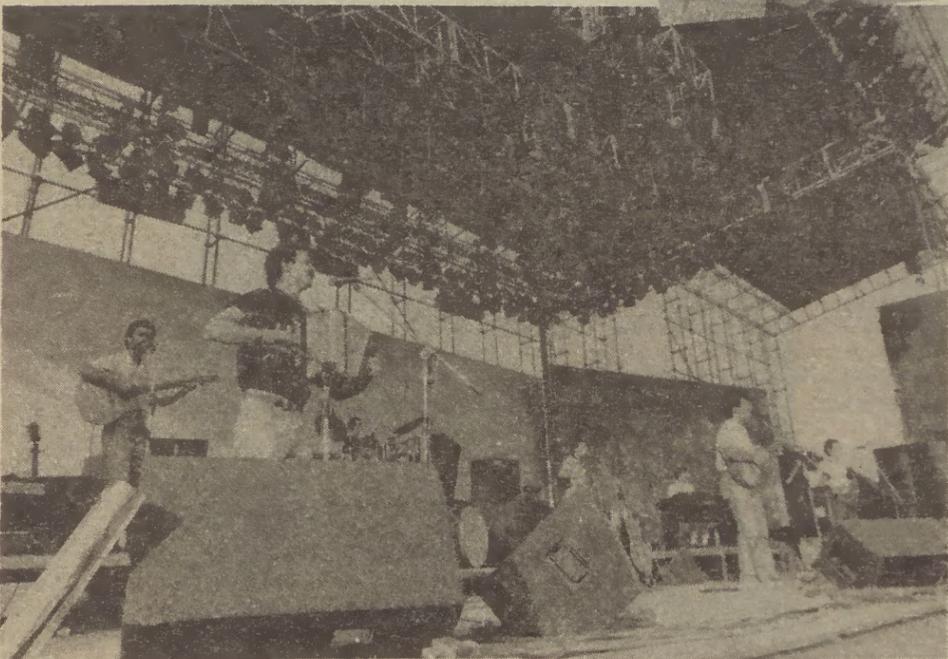


Paulo de Carvalho



Paulino Vieira

Repórter Estrábico



Brigada Victor Jara



Takilé

Da Irlanda com ternura

Relembrar origens (por exemplo da *folk* e do *country* norte-americanos) estiveram depois os *Dubliners*, em puro-sangue irlandês a escorrer por canções fortes e firmes, ternurentas, cabelos brancos desmentidos pela vitalidade surpreendente de cinco *avozinhos* cantadores do amor, da revolução, da bebida, da amizade. E o entusiasmo dos músicos aumentava ao ver a multidão ainda mais apertada pela súbita abertura de clareiras, a dar o espaço necessário para rodas saltitantes de gente em improviso desembaraçado (português, pois claro!) de mimar as tradicionais danças da terra natal dos intérpretes dessa música contagiosa, simples, boa.

Não nos esqueçamos do *Auditório*: ali a tarde de sábado começa com os portugueses *Art Jazz Trio*, segue com o duo *Telectu* acompanhados especialmente para a «festa!» por Sei Miguel e Rui Azul.



Essa Entente

Jorge Lima Barreto e Victor Rua provam duas coisas: que a sua capacidade de aventura e de procura do novo parece ser inesgotável e que os adeptos deste duo começam a ser muitos - um auditório repleto escutou atento, virtuosismos e experiências ali comunicadas pelos quatro músicos.

Situação repetida com a actuação seguinte dos *Cal Viva*, situação reafirmada com exuberância pela apresentação de João Peste (textos) com Nuno Rebelo (música). A teatralidade de João Peste pronuncia um momento particularmente significativo do *Avante!*: nessa noite apresenta-se a peça *Beileira O Grito de Timor* pelo *Kdadalak*.

No *25 de Abril* Fernando Tordo relembra a sua carreira e amigos como José Carlos Ary dos Santos, acompanhado por um outro amigo, Pedro Osório, que com dois músicos encontrou novas roupagens para as melodias de Tordo e ajudou na apresentação de novas canções que o cantor estreou na «festa!».

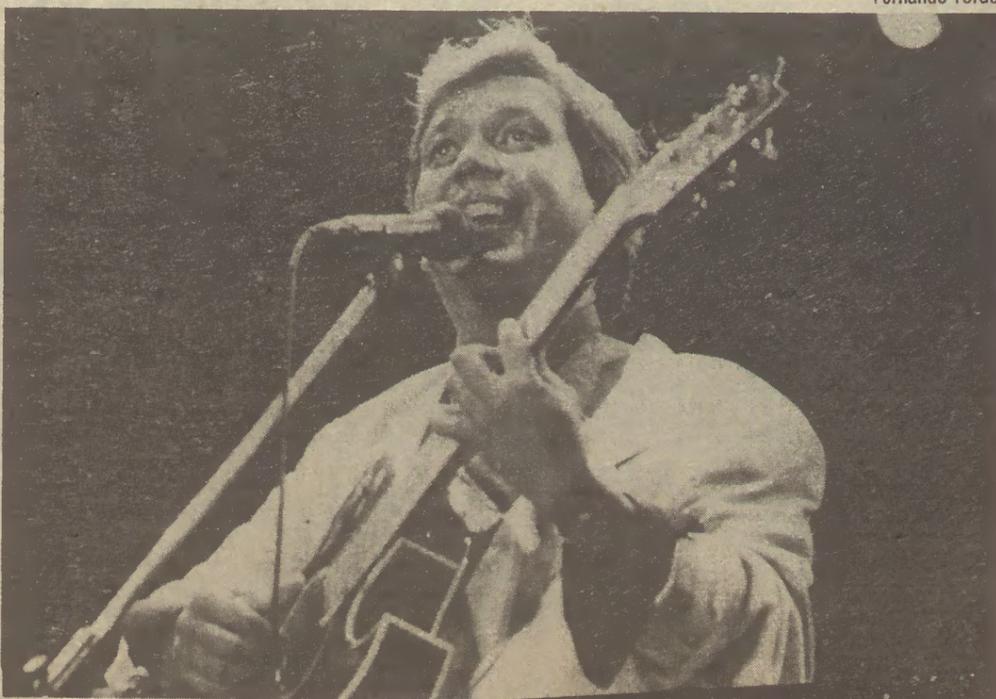


Circo

A fechar a noite as Rhythm Sisters cantaram em uníssono os créditos com que se encontram referenciadas no mundo da pop/rock britânica e o novo apelo à dança reencontrou um público exuberante. Exuberância repetida nas saudações à exibição de fogo de artifício que se lhe seguiu. Os morteiros, as explosões de cores brancas, azuis, verdes, amarelas, vermelhas, fechavam um dia grande desta edição da Festa do «Avante!».

Quanto mais quente melhor

Duas confirmações e uma grande surpresa ficaram reservadas para o dia de domingo no Palco 25 de Abril: *Takile*, *Osibisa* e os inesperados *Bogus Brothers*. *Ponchos* vermelhos afirmam em palco a nacionalidade peruana dos *Takile*, de novo em convite para a dança: bombos, violas, flautas entusiasma um público de novo encantado por uma música tradicional, primorosamente executada. Já antes a música tradicional, desta feita portuguesa, estivera em palco com a presença dos *D'isto & D'aquilo*.



Palcos das mais variadas dimensões acolhem na Festa grupos musicais de todo o País



GIC



Cal Viva



Art Jazz Trio

Precações

Num programa de espectáculos de dimensões tão vastas como o da Festa do «Avante!» surgem fatalmente imponderáveis e percalços de última hora que obrigam a modificações.

Na edição de 1990 avultaram dois problemas.

O mais complicado surgiu na noite de Sábado. Mercê de uma série de imponderáveis com ensaios de som e as mudanças de cena de alguns espectáculos, o programa do Palco «25 de Abril» chegou à meia-noite com uma hora de atraso. Como fora anunciado, o espectáculo encerraria com o lançamento de fogo de artifício acompanhado por uma peça de música electrónica composta e executada pelo grupo Telectu, baseada na «Música para Fogos de Artifício» de Haendel.

A mudança de cena para a actuação do grupo inglês Rhythm Sisters agravou ainda o atraso e é aliás de inteira justiça referir que a situação prejudicou a sua actuação pelo natural nervosismo causado pela espera nos bastidores.

Aproximavam-se as 2 horas da manhã com todos os problemas inerentes aos transportes e ao próprio funcionamento da Festa. Feitas as contas, verificava-se que, terminada a actuação das Rhythm Sisters, contando com a instalação do equipamento dos Telectu e a própria duração do fogo de artifício, o encerramento acabaria por se verificar cerca das 3 horas da manhã.

Pensou-se na possibilidade de transferir tudo para Domingo à noite, mas sobreveio o impedimento por parte dos pirotécnicos, já com outro trabalho a executar no dia seguinte.

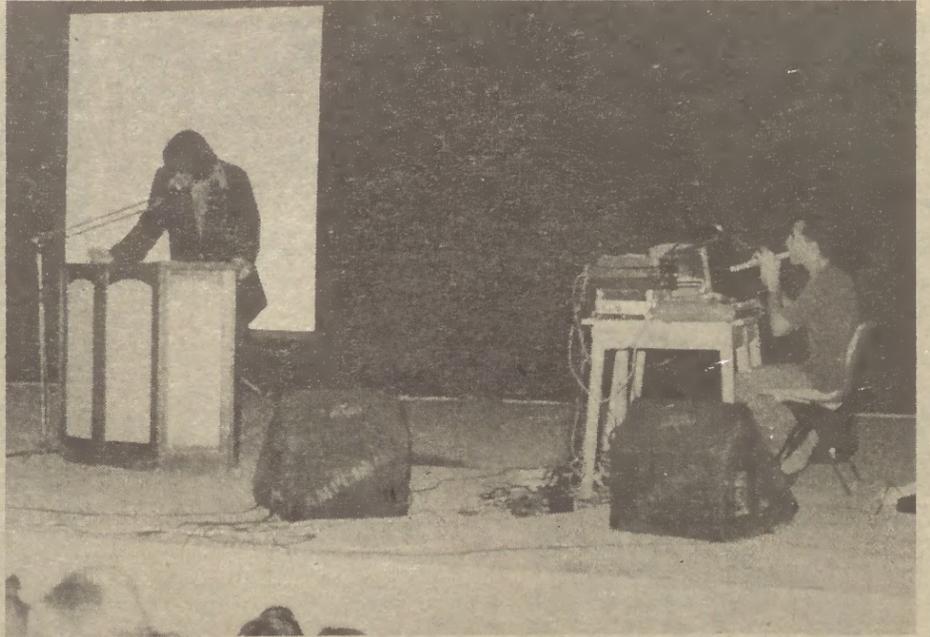
Houve assim que tomar uma decisão dolorosa que contou com toda a compreensão e concordância de Jorge Lima Barreto e Vítor Rua: lançar o fogo (que já estava montado desde as 23 horas) no final do espectáculo das Rhythm Sisters e adiar para 1991 a estreia do fundo sonoro para ele preparada.

O outro percalço acabou por proporcionar uma das grandes e agradáveis surpresas do público da Festa. Na sexta-feira a organização foi informada de que o anunciado grupo de Otis Grand and The Dance Kings sofrera um acidente na Holanda que impossibilitava a sua vinda a Lisboa, mas que o próprio Otis Grand e os seus agentes haviam providenciado para a substituição da banda por outra da mesma área musical e, aliás, de maior nome no panorama dos rhythm and blues britânicos: os Bogus Brothers.

O espectáculo foi o que se viu!



Telectu com Sei Miguel e Rui Azul



João Peste e Nuno Rebelo

Hot, Wet and Sticky! É assim o espectáculo dos *Bogus Brothers*, uns rapazes ingleses, brincalhões, exuberantes, confessadamente siderados com a multidão que ali estava, esta por sua vez também siderada pela energia emanada do palco, pela música pontuada por uma brilhante secção de metais, um baterista eficaz, um baixo *enrolado* essencial, guitarras endiabradas complementadas pelas intervenções dos teclados. Ainda boas vozes, ainda excelente trabalho cénico e coreográfico. Tudo isto para uma música que encontra na *Soul* referências principais e assumidamente nos *Dexys Midnight Runners* uma paternidade imediata (o disco que edita um espectáculo na Inglaterra semelhante ao que vimos na «festa!» é dedicado a Otis Redding e um dos temas interpretados é um dos *imortais* dos *Dexys-Geno*). E, senhoras e senhores, que banda são estes *Bogus Brothers*! Nascidos em York parecem estar aparentemente disparados para o sucesso, a contar com o que se viu na «festa!» e que foi (só!) um dos melhores momentos dos espectáculos dos últimos anos que por aqui passaram. Que o diga o público que teve a sorte de os ver no domingo...

Para que conste, aqui fica a constituição destes *Bogus*: Andy Throat Atkinson, o vocalista; Jed Toothpick Jones, o baterista; Tim Lord Splendid Bruce, baixista; Stuart Beetle Sharpe, guitarra; Jem Humphrey Walker, saxofone; Tony Tiny Williams, trompeta e teclados; Nigel Trombogus Nicholson, trombone de varas e teclas; Paul Woofer Barker.

Truques de magia

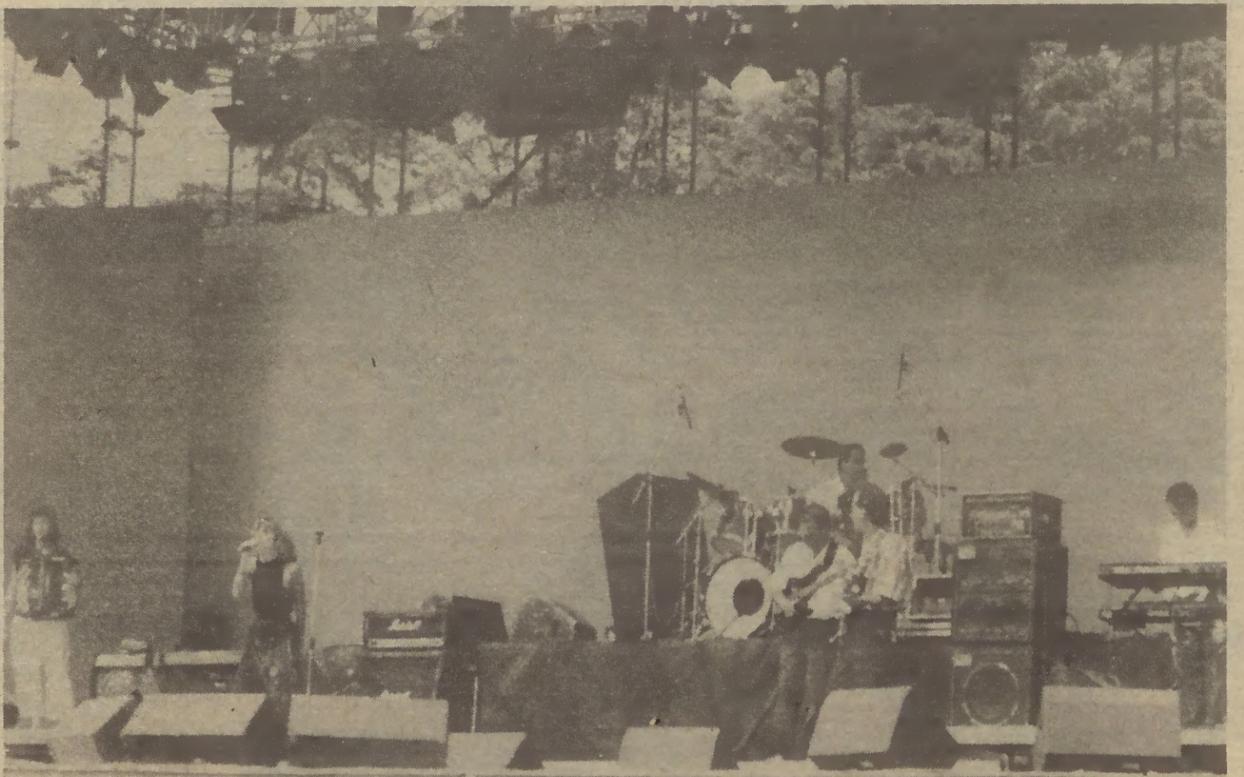
Mudemos de assunto, e falemos de novo do que entretanto se passou no *Auditório 1º de Maio* que neste domingo começou de manhã por ser *Avante* com um espectáculo infantil apresentado pelo grupo *TIL*. Depois do comício, à tarde, o Quinteto de António Ferro encheu de sons e de gente a tenda de circo deste auditório que à noite fechou com novo espectáculo de teatro, a peça *Grande Sena*, apresentada pelo *GIC*.

No *25 de Abril* Paulo de Carvalho apresenta a sua nova banda, novos temas de um próximo álbum e novos arranjos para temas antigos, ficando o registo de um bom lote de músicos que acompanham bem a sempre excelente prestação vocal do cantor.

E a dança voltou com os *Osibisa* e a surpresa foi um guitarrista moçambicano



Na Lúa



D'isto & D'aquilo



Um dos inúmeros pequenos palcos, o da Emigração

que apresentou em português a actuação do grupo com nove elementos em palco a oferecerem tudo o que deles se pedia: momentos de cumplicidade com o público que respondia em coro aos refrões ensinados do palco, percussões espectaculares, ritmos contagiantes, momentos coreográficos, excelentes canções (até o emblemático tema popular sul-africano *Pata Pata*, celebrado por Miriam Makeba), músicos virtuosos, todo um conjunto de ingredientes preparados para um perplexo colorido qual festival prodigioso de prestidigitação musical. Toda a justificação para o facto de esta ter sido a banda que iniciou na Europa o movimento que popularizou a música africana nos últimos anos. E até ao fim da «festa!» a multidão dançou. É pena tudo ter um fim...

XIV
Festa
Avante!

"Tal como erguemos este ano a cidade da Festa, assim transformaremos a Atalaia..."



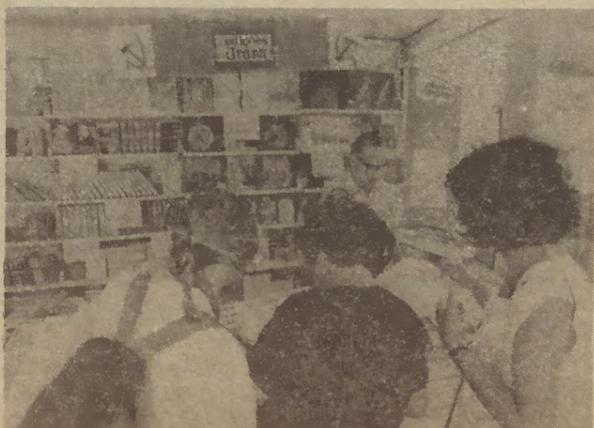
Artesanato: uma das presenças constantes da Festa e um dos grandes motivos de interesse para milhares de visitantes



A Organização Regional do Porto caprichou este ano em trazer a Lisboa uma imagem bem viva do panorama urbano do Porto popular e tradicional a cuja recuperação se encontra particularmente ligado o trabalho dos eleitos comunistas nas autarquias portuenses



A Festa continua a ser, como se escreveu no "Avante!", um local de encontros! Entre os ovos moles de Aveiro e os livros, o convívio é inteiramente pacífico... As iguarias tradicionais mereceram aliás nesta Festa da Atalaia uma atenção especial por parte das organizações do Partido, a avaliar pelo elevado número de especialidades que podiam ser encontradas. No tocante aos livros, uma feira proporcionou aos visitantes uma escolha vasta de títulos



... num local de eleição aberto a manifestações culturais, desportivas, de convívio, de...

XIV Festa
Avante!

O pavilhão da organização das Mulheres Comunistas contou com um animado programa de que fez parte um baile que percorreu a música dos anos 40 aos 90 e um som ambiente especialmente dedicado a intérpretes femininas de todo o mundo

Bar dos Reformados: a sua animação foi uma vigorosa afirmação da vontade de participar e intervir



Beiras: havia queijos da Serra e de Castelo Branco (daquele picante que os especialistas dizem ser uma das preciosidades nacionais!), mas acima de tudo a comprovação do empenho militante dos comunistas em regiões de acentuada influência da direita



Os camaradas do Algarve trouxeram - como habitualmente - os camarões e outra bicharada que fez da sua cervejaria um ponto obrigatório do roteiro gastronómico da Festa, mas este ano abundou igualmente o artesanato algarvio numa variedade que levou muito visitante a ir de cadeira às costas para casa...



As Organizações das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira estiveram uma vez mais presentes, também com artesanato, pratos típicos e mostra da sua actividade política. A Festa de novo afirmou a realidade nacional profundamente enraizada que é o PCP



...confraternização e de lazer do nosso povo e designadamente da juventude"



Realizada pela primeira vez no distrito de Setúbal, a Festa contou com um apoio determinante dos camaradas da DORS. O esforço dedicado à construção de toda a Festa não prejudicou porém a participação própria das organizações de Setúbal que apresentaram uma sugestiva mostra do trabalho político do PCP numa região de forte implantação operária e uma cuidada contribuição para os comes-e-bebes festivos!



Os camaradas de Braga vieram por aí abaixo armados com uma experiência importante: a sua Festa da Alegria, realização que se tornou já numa das mais importantes realizações do PCP no Norte do País



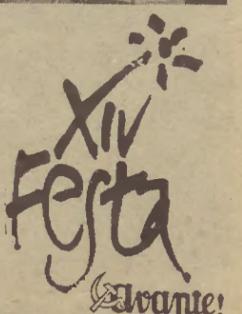
Coimbra: é quase sempre uma revelação saber que por lá não há apenas Universidade! Os problemas estudantis e culturais são uma realidade na presença da organização local do PCP, mas os problemas agrícolas da região, a significativa implantação operária de algumas áreas acompanham *preciosidades festivas*, como é o caso do leitão!



De lá do extremo Norte, da raia transmontana, aí vêm os camaradas. Dizendo como trabalham os comunistas de para lá do Marão - e ajudados por indiscutíveis trunfos como presuntos de Chaves, alheiras de Mirandela, vinhos leves e apaladados...



A JCP teve pavilhões, palcos, colóquios (muito participado o dedicado ao Serviço Militar Obrigatório e em que o brigadeiro Pezarat Correia conversou durante quase três horas com uma assistência numerosa e interessadíssima), vendeu o último número da sua revista *Politika* saída para a Festa. E os camaradas que labutam por esse mundo fora também vieram à Festa: visitaram-na - mas ergueram também o seu pavilhão





3.ª Corrida da Festa

Êxito como prova desportiva e como jornada de convívio

José Soldado, do Sport União Caparica, foi o vencedor da 3.ª Corrida da Festa do «Avante!», ponto saliente da diversificada programação desportiva do grandioso convívio da Atalaia.

O atleta do Sport Caparica percorreu os 13 700 metros do percurso, com partida e chegada ao campo do Amora Futebol Clube, junto da Festa, em 43 minutos e 15 segundos. Dos 1650 inscritos participaram 1300 concorrentes, tendo concluído a prova 950. Equipas inscritas foram cerca de 170.

Na presença feminina (seniores) destaque para a vitória de Maria Valada (53,41 m.), do Oriental.

O «veterano» Armando Aldegalega, figura prestigiada do atletismo nacional, hoje, pela primeira vez, a braços com uma lesão, depois de mais de 35 anos de carreira, deu o tiro de partida para esta Corrida, vivida por milhares de pessoas ao longo do percurso.

Na altura da entrega dos prémios a comissão da Corrida manifestou o seu público agradecimento a todas as entidades públicas e privadas, atletas e clubes que de forma directa ou indirecta participaram no êxito desta iniciativa desportiva.

A organização da Corrida sublinhou a colaboração especial do Amora Futebol Clube, da CM do Seixal, Associação de Atletismo de Setúbal, juizes da modalidade, PSP (Seixal e Cruz de Pau), Bombeiros Voluntários do Seixal, Junta de Freguesia da Amora, Caparica CB, Rádio Baía, Rujoca, Agiturismo, Coca-Cola, Escuteiros do Seixal, etc. Também os depoimentos de Rosa Mota, Carlos Lopes, Aurora Cunha, Luís Horta, Dionísio Castro, José Pinto e António Leitão vieram uma vez mais prestigiar esta clássica do atletismo português, lembrou a comissão de organização da Corrida.



3.ª Corrida, ponto saliente da vasta programação desportiva da 14.ª edição da Festa do «Avante!», desta vez na zona do Seixal

Classificações

Seniores masculinos — 1.º, José Soldado (Sport União Caparica), 43,15 minutos; 2.º, Eduardo Fernandes (C.T.H.), 43,26; 3.º, José Inácio (Sport União Caparica), 43,34; 4.º, António Ribeiro (Imperial Montijense), 44,00; 5.º, Mário Dantas (GDCEN Viana do Castelo), 44,17; 6.º, Carlos Fonseca (Servillimpe), 44,23; 7.º, José Jesus (Restaurante Mirabola), 44,29; 8.º, Paulo Cascais (GGD C.M. Mafra), 44,53; 9.º, Felisberto Reigado (C.D. Areias de S.João), 45,25; 10.º, Luís Ramalho (Rosarte), 45,29.

Seniores femininos — 1.ª, Maria Valada (Oriental), 53,41 minutos; 2.ª, Olga Mineiro (CCD Paivas); 3.ª, Ermelinda Mineiro (CCD Paivas).

Juniões masculinos — 1.º, Car-

los Amaro (Vale do Figueira); 2.º, Joaquim Simões (individual); 3.º, Jorge Jesus (Restaurante Mirabola).

Juniões femininos — 1.ª, Sónia Carvalho (C.A.V. Amoreira «Cava»); 2.ª, Bernardete Coelho (G. Atl. de Valejas); 3.ª, Carla Simões (U. D. Rec. Casal Privilégio).

Veteranos I — 1.º, José Monteiro (Ass. Mor. 18 de Maio); 2.º, José Carlos Henriques (CCD Trab. Metro Lisboa); 3.º, Custódio Palma (CCDB Reboreda).

Veteranos II — 1.º, Carlos Silva (AMAL C. Metálicas, Lda.); 2.º, Manuel Samarro (individual); 3.º, Armando Luís (Os Matulões).

Veteranos III — 1.º, José Silvério (Mem Martins Sport Clube); 2.º, Albertino

Henriques (Clube Sargentos Armada); 3.º, Daniel Agostinho (Os Matulões).

Veteranos IV — 1.º, Francisco Vicente (AMCR de Fonte Grada); 2.º, Lopes Pereira (Clube Sargentos Armada); 3.º, César Barata (CD do BPA Lisboa).

Veteranas — 1.ª, Umbelina Nunes (DDR Casal Privilégio); 2.ª, Joaquina Sousa (Super Estrelas); 3.ª, Analice Silva (Soc. Inst. Mus. Cruzquebradense).

Por equipas — 1.º, Sport União Caparica (José Soldado, 1.º, José Inácio, 3.º, José Rodrigues, 26.º), 30 pontos; 2.º, CTH (Eduardo Fernandes, 2.º, Henrique Helder, 12.º, António Moraes, 24.º), 38; 3.º, Restaurante Mirabola (José Jesus, 7.º, Rui Reis, 11.º, Jorge Jesus, 20.º), 38.



Maria Valada, vencedora do escalão de seniores femininos



José Soldado, o primeiro a cortar a linha da meta



Armando Aldegalega, figura destacada do atletismo nacional, deu o tiro de partida da 3.ª Corrida da Festa do «Avante!»

Entrega dos prémios

No acto de entrega dos prémios, que decorreu no campo do Amora Futebol Clube, ao fim da manhã de domingo, estiveram presentes os elementos da organização da Corrida, colaboradores e entidades diversas, para além de atletas, técnicos e dirigentes associativos.

Do Município do Seixal, encontrava-se Alfredo Monteiro, vereador do pelouro do Desporto, um dos vários autarcas que se associou a este animado momento do programa desportivo da Festa, vivamente saudado pela assistência.

Outras presenças:

Manuel Aguiar, presidente da Associação de Atletismo de Setúbal; **João Marques**, em representação do Amora Futebol Clube; **Fernando Fernandes**, director da Corrida da Festa do Avante! nas edições de 1988 e 89; **Viçoso Freire**, presidente dos Bombeiros Voluntários do Seixal; **Amâncio Baptista**, responsável do pelouro do Desporto da JF da Amora; **Vitor Reis**, representante dos Caparica CB; **José Araújo**, ex-olímpico, maratonista do Sport Lisboa e Benfica; **Jorge Araújo**, técnico de desporto da CM do Seixal; **Carla Sacramento**, actual recordista nacional dos 800 metros, 4.º lugar nos recentes campeonatos mundiais de juniores realizados em Plovdiv, na Bulgária, **Luís Barroso**, da equipa técnica da secção de atletismo de «Os Belenenses»; **Fernando Santos**, treinador, e **José Pinto**, actual recordista nacional dos 50 Km marcha, atleta de «Os Belenenses», participante no recente Europeu de Split, na Jugoslávia.

A organização da Corrida, responsável pela preparação e acompanhamento da prova, do primeiro ao último minuto, também esteve presente no acto de entrega dos prémios, momento sempre aguardado com expectativa e entusiasmo: **Costa Lourenço, Rafael, A. Brito, Carriço, J. Coelho, M. Pinto Claro, José Carlos, Maia, F. Ferro, J. Barbosa, Isabel, J. Pio, J. Flores, J. Henriques, J. Manuel, Valdemar, Asas, V. Damião, A. Borges, Lisete, Regina, Antonleta, Jorge Almeida, Verdugo, Manuela Furtado, Carlos Marques, José Manuel e Vladimiro Simões**, este ex-internacional do triplo salto do SLB. Também presentes a comissão de juizes de atletismo de Setúbal e mais alguns dirigentes e atletas dos concelhos de **Almeida e Seixal**.

José Soldado e Maria Valada foram premiados com viagens à União Soviética (colaboração da Agiturismo). Foram distribuídos troféus aos três primeiros atletas de cada escalão, livros da Editorial Caminho aos 100 primeiros da geral, 1000 camisolas alusivas à Corrida (colaboração da «Rujoca») e ainda diplomas de participação a todos os atletas.

Foram também sorteadas dezenas de camisolas (colaboração da «Meta» e «Brazuna»).

Homenagens

A terceira edição da Corrida da Festa do «Avante!» homenageou dois atletas: o veterano **Armando Aldegalega** e **José Pinto**, o recordista nacional dos 50 km/marcha. A homenagem a este último atleta foi envolvida pelo reconhecimento do esforço de toda a delegação portuguesa presente nos europeus de Split, na Jugoslávia, onde a bandeira portuguesa subiu por duas vezes ao mastro: uma para a medalha de ouro de Rosa Mota, na maratona, e outra para a medalha de bronze de Mário Silva, nos 1500 metros.

Aldegalega e J. Pinto receberam da comissão organizadora da Corrida serigrafias de João Hogan



Aproveitando as belas condições naturais da zona da Festa, o programa desportivo incluiu este ano competições náuticas, através de um torneio de canoagem realizado na tarde de domingo na baía do Seixal

Não podia deixar de ser. O futebol foi das modalidades desportivas que mais interesse reuniu. Não apenas dentro do campo, mas também fora dele



Novidade no programa desportivo da Festa foi o torneio de tiro ao alvo. Participaram 125 atiradores, de 27 equipas, incluindo 13 colectividades. Venceu a formação de Santa Marta de Corroios



Uma simultânea com o mestre Internacional **Luís Santos** (17 tabuleiros) e dois torneios de semi-rápidas constituíram o programa de xadrez na Atalaia. Nas damas teve lugar um torneio com a participação de 40 jogadores



Malha pequena, grande e corrida foram as modalidades em acção no capítulo dos jogos populares e tradicionais. Este torneio de chinquilho da Festa reuniu mais de uma centena de participantes

150
mil Contos
para o Terreno
da festa

150
mil Contos
para o Terreno
da festa



A banca central montada na «festa!» para a campanha dos 150 mil contos obteve a bonita soma de mil e duzentos contos, perspectivando-se que os fundos obtidos pelas diversas organizações regionais do Partido na própria «festa!» venham a fazer elevar bastante este primeiro número entretanto recolhido

103 MIL CONTOS E agora um esforço final!

Feitas as contas, ainda provisórias, mais de cento e três mil contos somam-se como resultado, neste momento, da campanha dos 150 mil para o terreno da Atalaia, isto ainda sem contar com as verbas obtidas na Festa do «Avante!» pelas iniciativas próprias que no quadro desta campanha as diversas organizações regionais do PCP angariaram de formas diversas, algumas primando pela imaginação bem disposta ou mesmo pelo insólito, como foi o caso da JCP que durante os três dias da «festa!» vendia a preço simbólico e para recordação, saquinhos com pedaços de terra recolhida no terreno da Atalaia! Ainda por cima com

2.º sorteio das EP's Parabéns aos felizes contemplados!

O portador da Entrada Permanente (EP) da Festa do «Avante!» com o número **131 166** pode desde já preparar-se para conduzir o simpático **Lada Samara**, distribuído pela «Sodimotor», primeiro prémio do 2.º sorteio das EP's, realizado no domingo, terceiro e último dia da 14.ª Festa do «Avante!».

Recorde-se que este **Samara** está equipado com um motor de 1100 cc. Boa viagem!

Para além de um automóvel, o 2.º sorteio das EP's incluiu mais dois prémios: uma mobília de quarto completa de criança (2º prémio) — coube ao n.º **188 096** e uma câmara de filmar vídeo, super VHS, (3.º prémio), destinada à EP n.º **139 046**.

O quarto de criança é da D'Arte Móveis Confiança e a câmara vídeo é da Nordmende, modelo SV 500, da empresa Tocapiano — Almada.

Parabéns aos felizes contemplados, que, se ainda o não fizeram, devem contactar o gabinete da Festa do «Avante!», na Av. António Serpa, 26, 2.º esq., 1000 Lisboa, telef. 793 09 73/76 91 47.

preços diferenciados, conforme a qualidade (mais negra ou mais clara) da terra recolhida...

Podemos adiantar que só a banca central montada na «festa!» para a campanha dos 150 mil contos obteve a bonita soma de mil e duzentos contos, perspectivando-se que os fundos obtidos pelas diversas organizações na própria «festa!» venha a fazer elevar bastante este primeiro número entretanto recolhido.

Será ainda neste mês de Setembro (e não no próximo mês de Outubro, como estava a ser hábito) que iremos publicar um novo gráfico que dará conta da evolução conseguida nos últimos dias por cada organização regional do PCP em termos da sua participação nesta campanha. Temos pois de dinamizar e reforçar esta campanha dos 150 mil contos, já agora aproveitando o *balanço* entretanto ganho com a realização, pela primeira vez em terreno *nosso!*, desta XIV edição da Festa do «Avante!», para num esforço final conseguirmos que cada organização atinja os objectivos que se propôs cumprir ainda antes do final do ano.

É objectivo do nosso Partido que a Atalaia seja um espaço de lazer e cultura, aberto todo o ano para um vasto conjunto de iniciativas.

Um desafio para o futuro cuja possibilidade de concretização passa pela resposta a este outro desafio a que estamos todos a dar resposta: cumprir rapidamente as metas definidas nesta campanha dos 150 mil!

Para além de inúmeras iniciativas locais visando a angariação dos fundos necessários, lembramos que ainda podem ser adquiridos Títulos de Participação do terreno da «festa!», uma forma individualizada de cada um de nós poder participar no cumprimento dos compromissos impostos pela aquisição do terreno definitivo da Festa do «Avante!».

Mas também há o *construtor* a mascote desta campanha que confirma a descrição já anteriormente feita: veste de vermelho, tem capacete, é fofinho e vai sobretudo ajudar a construir muitas e muitas Festas do «Avante!».

É para o terreno, nosso!

Serigrafia do «Avante!» para a campanha

Ainda pode colaborar nesta campanha dos 150 mil contos adquirindo os exemplares que *sobreviveram* à procura registada durante a «Festa!» da serigrafia editada especialmente pelo «Avante!» com tiragem reduzida de 400 exemplares, impressa a seis cores, estando cada exemplar devidamente numerado e assinado pelo autor: José Araújo. Os pedidos deverão ser dirigidos para a redacção do «Avante!» no centro de trabalho da Soeiro Pereira Gomes ou para o centro de trabalho do Hotel Vitória, em Lisboa.



Agenda

Avante!

Ano 60 – Série VII
N.º 873

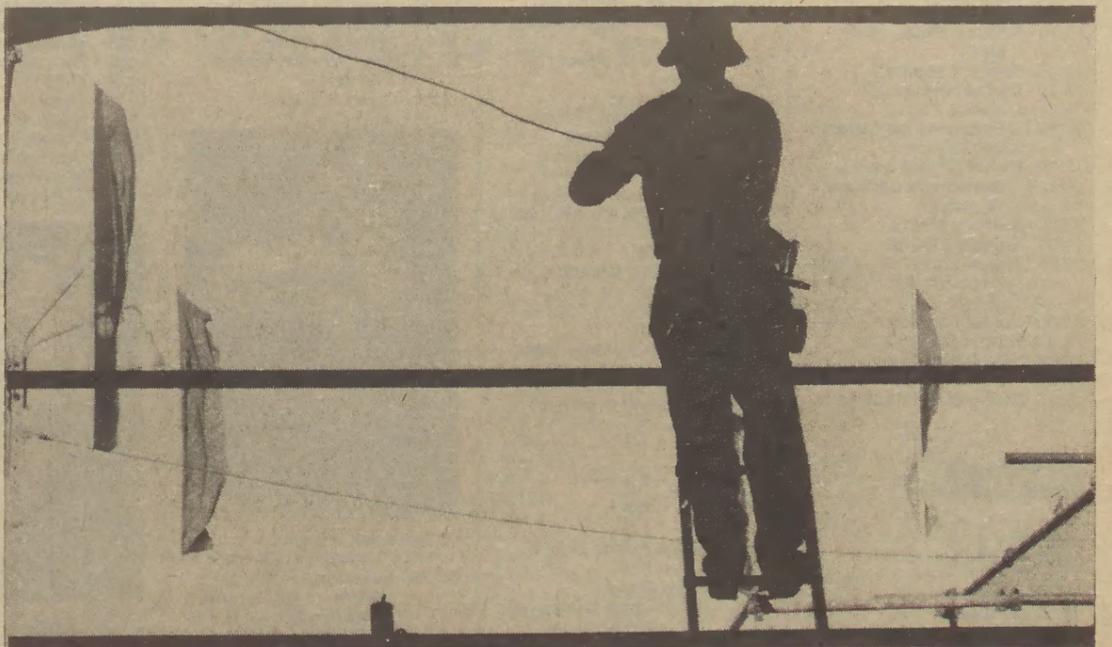
13 de Setembro de 1990

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Vamos lá desmontar esta, que para o ano há mais!

Entre as muitas tarefas que os militantes comunistas são chamados a preparar e a desenvolver para os tempos imediatos, há uma que é mesmo para já. Trata-se de desmontar a cidade que durante três dias viveu a Festa. Foi uma festa grandiosa, espelho da militância dos membros do Partido, ajudados por muitos amigos. Agora vamos arrumar tudo e deixar o nosso terreno pronto para outra. É que, entre as muitas iniciativas que a Quinta da Atalaia pode permitir entretanto, para o ano há mais Festa!



TV O Programa

Quinta ¹⁸ RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez (inclui «O Sítio do Picapau Amarelo»)
- 12.05 - A Gata Comeu (91º epis.)
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - O Justicelro
- 14.15 - Pescadores (11º epis.) - «Pescadores de Olhão»
- 14.40 - Bros.
- 15.40 - O Mundo em Extinção
- 16.30 - O Cacilheiro do Amor (5º epis.)
- 17.20 - O Mundo Animal (55º epis.)
- 17.40 - Brinca Brincando
- 18.35 - O Sítio do Picapau Amarelo (últ. epis.)
- 19.00 - Jogo de Cartas
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.15 - Roda de Fogo (59º epis.)
- 21.10 - A Magia de Paul Daniels
- 22.00 - Luta pela Democracia (últ. epis.)
- 23.55 - 24 Horas
- 00.25 - Remate

RTP2

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Supergatos
- 14.55 - Espaço Infantil
- 15.10 - Filhos e Filhas (554º epis.)
- 15.35 - Agora, Escolha!
- 17.10 - Os Centuriões (22º epis.)
- 17.35 - O Fantasma de Faffner Hall (5º epis.)
- 18.00 - Rafael (2º e últ. epis.)
- 18.30 - O Homem da Carabina (9º epis.)
- 18.55 - Ti-Ti-Ti (19º epis.)
- 19.25 - Espaço Infantil
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco» (39º epis.)
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Emoções (33º epis.)
- 22.00 - Sinais do Tempo
- 23.00 - Fora de Horas
- 23.15 - Universidade Aberta

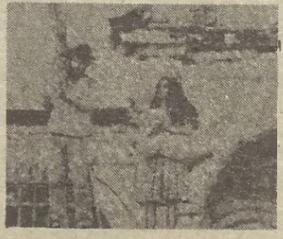
Sexta ¹⁴ RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Guerra e Paz (últ. epis.)
- 14.20 - O Mar e a Terra (11º epis.)
- 14.45 - Terence Trent D'Arby
- 15.50 - Desenhos Animados
- 16.10 - A Ilha (últ. epis.)
- 17.40 - Brinca Brincando
- 19.00 - Jogo de Cartas
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.15 - Roda de Fogo
- 21.05 - Wolf (últ. epis.)
- 22.50 - Chefe, Mas Pouco (31º epis.)
- 23.20 - 24 Horas
- 23.50 - Remate
- 24.00 - Pela Noite Dentro - «Cerimónia Solene», real. Nagisa Oshima (Japão/1971, 116 min.)

RTP2

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Espaço Infantil
- 14.45 - Filhos e Filhas

- 15.10 - Agora, Escolha!
- 16.30 - As Três Damas do Qiosque (4º epis.)
- 16.55 - Aventura do Silêncio (últ. epis.)
- 17.25 - Primeiro Andamento
- 17.45 - Zircus
- 18.25 - O Homem da Carabina
- 18.55 - Ti-ti-ti
- 19.20 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove



- 21.30 - O Pagador de Promessas (10º epis.)
- 22.20 - Rotações
- 23.20 - Haja Música

Sábado ¹⁵ RTP1

- 09.00 - TV Rural
- 09.25 - Espaço Infantil/Juvenil
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - The Gipsy Kings
- 14.05 - Lendas e Factos da História de Portugal (últ. epis.)
- 14.30 - O Barco do Amor (16º epis.)
- 15.20 - Vivamúsica
- 16.10 - O Mundo em Extinção
- 17.05 - Sessão da Tarde - «Ele, Ela e as Tartarugas» (GBR/1985, 93 min.)
- 18.45 - Ouro Negro (últ. epis.)
- 19.45 - Nem o Pai Morre... (últ. epis.)
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado
- 21.25 - Campion (últ. epis.)
- 23.15 - B. B. King no Casino Estoril
- 00.15 - Cinema da Meia Noite - «No Amor Não Há Silêncio», real. Joseph Sargent (EUA/1985, 100 min.)

RTP2

- 09.00 - Universidade Aberta
- 10.20 - Caminhos
- 10.50 - Great White
- 11.40 - Um Lar para os Animais
- 12.30 - Documentário
- 13.00 - Tauromaquia



- 13.30 - Cine-Sábado - «Copper Canyon - Duelo de Gigantes», real. John Farrow (EUA/1949, 81 min.)
- 15.00 - Estádio
- 19.00 - Primeiro Jornal
- 19.15 - Boa Esperança (12º e 13º epis.)
- 21.00 - Estádio
- 23.30 - Fora de Horas

Domingo ¹⁶ RTP1

- 09.00 - 70x7
- 09.50 - Missa
- 10.30 - Espaço Infantil
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Expedição ao Tibete
- 13.55 - Oito e Oitenta (últ. progr.)
- 15.10 - Aqui D'Elrock (últ. programa)
- 16.20 - Bairros Populares de Lisboa
- 16.50 - Primeira Matinée - «A Batalha do Rio da Prata», real. Michael Powell e Emeric Pressburger (GBR/1956, 115 min.)
- 19.00 - McGyver (51º epis.)
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.35 - Mais e Melhor
- 21.05 - Histórias de Guerra (3º epis.)
- 22.00 - Domingo Desportivo

RTP2

- 09.00 - Música n'América
- 10.00 - Troféu
- 13.00 - Espaço Infantil
- 14.20 - Novos Horizontes
- 14.40 - António Brasileiro (António Carlos Jobim)
- 15.40 - Imagem e Imagens
- 16.05 - Quem Sai aos Seus
- 16.30 - Troféu
- 19.00 - Primeiro Jornal
- 19.15 - Vestígios do Passado (5º epis.)
- 20.05 - Quem Sou Eu



- 20.55 - Artes e Letras - «Alexandra Danilova»
- 21.45 - Cineclube - «Sim, Sr. Hulot», real. Jacques Tati (França-Itália/1970, 92 min)
- 23.15 - Lusitânia Expresso

Segunda ¹⁷ RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Rua Sésamo
- 10.30 - Ponto de Encontro
- 11.45 - Culinária



- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde

- 13.30 - Gente Fina é Outra Coisa (série portuguesa, em repetição - 1º epis.)
- 14.30 - Primeira Matinée - «Benji», real. Joe Camp (EUA/1974, 86 min.)
- 16.00 - Ponto Por Ponto
- 16.50 - Maravilhas do Mundo Selvagem
- 17.20 - Canal Jovem
- 18.10 - Rua Sésamo
- 18.50 - Roda da Sorte (concurso, 1ª sessão)
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Roda de Fogo
- 21.05 - Desenhos Animados
- 21.15 - Alf
- 21.40 - O Preço Certo (concurso - introdução)
- 21.50 - Amor em Terra Estranha (série, 1º epis.)
- 22.55 - Rui Veloso em Concerto
- 00.00 - 24 Horas
- 00.30 - Boletim Meteorológico Internacional
- 00.35 - Remate

RTP2

- 12.00 - Johnny Quest (série, 1º epis.)
- 12.25 - Filhos e Filhas
- 12.50 - Crianças de Todo o Mundo (série, 1º epis.)
- 13.05 - Arsénio Hall (série, 1º epis.)
- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Agora, Escolha!
- 16.00 - No Rasto dos Animais Selvagens (2º epis.)
- 16.50 - Recreio do 2
- 17.40 - Eterno Feminino
- 18.40 - Fora de Horas
- 19.05 - Ti-Ti-Ti
- 19.30 - Circo
- 19.50 - Via Rápida
- 20.00 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 20.50 - Dick Tracy
- 21.00 - Jornal da Nove



- 21.30 - Bailado - «Paris Dança Diaghilev»: «Petrouchka», «O Espectro da Rosa», «Sesta de um Fauno» e «As Bodas» nas coreografias de Diaghilev, pelo Ballet da Ópera de Paris

Terça ¹⁸ RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Rua Sésamo
- 10.30 - Ponto de Encontro
- 11.45 - Culinária
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Gente Fina é Outra Coisa (2º epis.)
- 14.30 - Primeira Matinée - «Tarzan e a Companheira»
- 16.00 - Ponto Por Ponto
- 16.50 - O Mundo Animal
- 17.20 - Canal Jovem



- 18.10 - Rua Sésamo
- 18.50 - A Roda da Sorte (2ª sessão)
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Roda de Fogo
- 21.05 - Desenhos Animados
- 21.15 - Modelo e Detective (1º epis.)
- 22.10 - Primeira Página
- 23.10 - Alifé, Alifé (1º epis.)
- 23.40 - 24 Horas

Filmes

- «Cerimónia Solene» - 6ª, 24.00, RTP-1
- «Duelo de Gigantes» - sáb., 13.30, RTP-2
- «Ele, Ela e as Tartarugas» - sáb., 17.05, RTP-1
- «No Amor Não Há Silêncio» - sáb., 00.15, RTP-1
- «A Batalha do Rio da Prata» - dom., 16.50, RTP-1
- «Sim, Sr. Hulot» - dom., 21.45, RTP-2
- «Benji» - 2ª, 14.30, RTP-1
- «Tarzan e a Companheira» - 3ª, 14.30, RTP-1
- «Ao Sol de Satanás» - 3ª, 22.00, RTP-2
- «O Testa de Ferro» - 4ª, RTP-1, 14.25
- «Selvagem e Perigosa» - 4ª, 22.30, RTP-1

Música

- Quinta 14.35, RTP-1: Bros.
- Sexta 14.55, RTP-1: Terence Trent D'Arby
- 19.55, RTP-2: Via Rápida
- 23.20, RTP-2: Haja Música

- Sábado 13.10, RTP-1: Gipsy Kings
- 15.20, RTP-1: Vivamúsica
- 23.15, RTP-1: B. B. King

- Domingo 09.00, RTP-2: Música n'América

- Segunda 14.20, RTP-1: Eurythmics
- 19.50, RTP-2: Via Rápida
- 22.55, RTP-1: Rui Veloso

- Terça 19.50, RTP-2: Via Rápida

- Quarta 19.50, RTP-2: Via Rápida

Desporto

- Remate - RTP-1, 5ª (00.25), 6ª (23.50), 2ª (23.45), 3ª (23.40), 4ª (23.35)
- Domingo Desportivo - RTP-1, 22.00
- Estádio - RTP-2, sáb., 15.00 e 21.00
- Troféu - RTP-2, dom., 10.00 e 16.30

- 00.10 - Boletim Meteorológico Internacional
- 00.15 - Remate

RTP2

- 12.00 - Os Novos Caça-Fantasmas
- 12.25 - Filhos e Filhas
- 12.50 - Curso de Línguas - Alemão (1ª lição)
- 13.05 - A História do Rock And Roll (série, 1º epis.)
- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Agora, Escolha
- 16.00 - Viajando pelo Mundo (série, 1º epis.)
- 16.25 - Os Henderson (3º epis.)
- 16.50 - Recreio do 2
- 17.40 - Eterno Feminino
- 18.40 - A Irmã Kate (11º epis.)
- 19.05 - Ti-Ti-Ti
- 19.35 - Circo
- 19.50 - Via Rápida
- 20.00 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Cinemagazine



- 22.00 - Cinemadois - «Ao Sol de Satanás», real. Maurice Pialat (França/1987)
- 23.20 - Universidade Aberta

Quarta ¹⁹ RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Rua Sésamo
- 10.30 - Ponto de Encontro
- 11.45 - Culinária
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Gente Fina é Outra Coisa (3º epis.)

- 14.30 - Primeira Matinée - «O Testa de Ferro», real. Martin Ritt, interpr. Woody Allen, Zero Mostel (EUA/1976, 94 min)

- 16.00 - Ponto Por Ponto
- 16.50 - O Corpo Humano (série, 1º epis.)
- 17.25 - Rua Sésamo
- 17.55 - Futebol
- 19.55 - Roda da Sorte (3ª sessão)
- 20.30 - Telejornal
- 21.05 - Boletim Meteorológico
- 21.10 - Roda de Fogo
- 22.05 - Desenhos Animados
- 22.15 - Vamos Jogar no Totobola
- 22.30 - Lotação Esgotada - «Selvagem e Perigosa», real. Jonathan Demme (USA/1986, 112 min.)
- 00.40 - 24 Horas
- 01.15 - Remate

RTP2

- 12.00 - Os Centuriões (37º epis.)
- 12.25 - Filhos e Filhas
- 12.50 - Crianças de Todo o Mundo
- 13.05 - Um Lar para os Animais (23º epis.)
- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Agora, Escolha
- 16.00 - Madeira - «Nós Por Cá» (documentário)
- 17.00 - Recreio do 2
- 17.40 - Eterno Feminino
- 18.40 - As Três Damas do Qiosque (5º epis.)
- 19.05 - Ti-Ti-Ti
- 19.35 - Circo
- 19.50 - Via Rápida



- 20.00 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Desporto - Estrela da Amadora-Neuchatel para a «Taça dos Vencedores das Taças»
- 23.30 - Xingu (série documental - 1º epis.)

Teatro O Cartaz

LISBOA
Clube Estefânia, Rua Alexandre Braga, 24-A. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17. **O Fado, a Navalha e a Guitarra** ou a **História da Rosa Enfeitada**, de D. João da Câmara, encen. Fernando Gomes, pelo Grupo Persona.

Ritz Clube, Rua da Glória, 57. 6ª e sáb. às 22. **O Regresso de Bucha e Estica**, encen. Mário Viegas.

Teatro Maria Vitória, Parque Mayer. De 3ª a dom. às 20.30 e às 23, ao dom. também às 16.

Vitória! Vitória!, de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga, Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

CASCAIS
Teatro Mirita Casimiro, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3ª a sáb. às 21.30, sáb. às 16. **Rei Lear**, de Sha-

kespeare, enc. Carlos Avilez, pelo TEC

PORTO
Teatro Sá da Bandeira, R. de Sá da Bandeira, 108. De 3ª a dom. às 21.30, dom. também às 16.00. **O Homem do Vestido Lilás**, de Badaró, enc. Moraes e Castro.

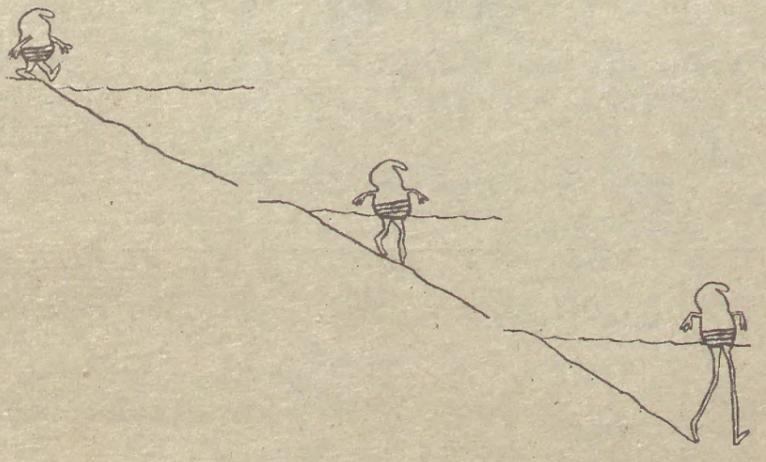
Cinema

A selecção

	David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Caça ao Outubro Vermelho	—	★★	—	★★
B Gremlins 2	—	★★	—	—
C Jules e Jim	—	★★★★	★★★★	★★★★
D 48 Horas - Parte II	—	★	—	★★
E Renegados Selvagens	—	★★	—	—
F Rosalie Vai às Compras	—	★★	—	—

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. John McTiernan — Alfa/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); Amoreiras/1 (14.00, 16.30, 21.30, 24.00); Berna (15.15, 18.00, 21.30); Fonte Nova/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15); Império (15.30, 18.30, 21.30); Londres (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Mundial/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30); Star (14.00, 16.30, 21.30) — Lisboa.
- B — Real. Joe Dante — Alfa/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); Amoreiras/4 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); Fonte Nova/1 (14.45, 17.00, 19.15, 21.45); King Triplex/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Nimas (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Quarteto/3 (14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00, 24.00); Sétima Arte (14.45, 17.00, 19.30, 21.45) — Lisboa.
- C — Real. François Truffaut — Forum Picoas/1 (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) — Lisboa.
- D — Real. Walter Hill — Alfa/3 (14.00, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras/3 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45, 00.15); Fonte Nova/3 (14.00, 16.45, 19.00, 21.30); Las Vegas/2 (15.30, 18.45, 21.45); Mundial/3 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Plaza/1 (14.00, 16.30, 18.45, 21.30, 23.45); Politeama (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); S. Jorge/3 (14.30, 16.45, 19.00, 21.15) — Lisboa.
- E — Real. Jack Sholder — Condes (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Las Vegas/1 (15.15, 18.30, 21.30); Plaza/2 (14.15, 16.45, 19.00, 21.45, 24.00) — Lisboa.
- F — Real. Percy Adlon — Quarteto/4 (14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00, 24.00) — Lisboa.



Tempo Fim de Semana



Mantém-se as actuais condições para céu nublado com boas aberturas e possibilidades de ocorrência de aguaceiros.

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)

Exposições



Artistas Famosos - colectiva de serigrafia. Escorial, Rua Portas de Santo Antão, 47 (até 20/9)

Azulejos do Metro - mostra dos azulejos de autor que decoram as estações do Metro de Lisboa: trabalhos de Maria Keil, Cargaleiro, Júlio Pomar, Sá Nogueira, Rogério Ribeiro, Eduardo Nery, Vieira da Silva. Museu do Azulejo, Rua Madre de Deus, 4. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17 (até 14/10)

No Centenário da Morte de D. Luís - A sua vida e a sua época, em exposição evocativa de que fazem parte peças raramente expostas, designadamente as jóias da Coroa e obras de arte da

colecção pessoal do rei. Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até fim de Setembro)

Colectiva (pintura de Graça Morais, Menez, António Dacosta, entre outros). Galeria 111, Campo Grande, 113 (até fim de Setembro)

Colectiva de desenho (Bual, Hogan, Lima de Freitas, Dourdil, Stuart, Tom). Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja, 46-A (até 15/9)

Colectiva de Desenho (Bual, Dourdil, Hogan, Lima de Freitas, Stuart, Tom). Espaço Ditec, Av. Igreja, 46-A. De 2ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 19.30.

Canários e figurinos para o Teatro de Revista (de 1900 a 1960). Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17.

Evocação de Ivone Silva. Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10.

«Luzes no Tejo» - fotografia de Vítor Vieira. Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, Rua das Chagas, 17, 2º Dº.

90 Anos de Arte Moderna Portuguesa (colectiva). Galeria de S. Bento, Rua do Machado, 1. De 2ª a sáb. das 11 às 13 e das 15 às 20.

Miguel Mira - Pintura e desenho. Biblioteca Nacional, Campo Grande

Paulo Cardoso - Pintura. Gal. S. Mamedê, R. Escola Politécnica, 167, 2ª das 15 às 19.30, 3ª a sáb. das 10.30 às 13 e das 15 às 19.30.

Saldanha da Gama - Pintura e desenho. Gravura, Trav. do Sequeiro, 4, r/c.

Um Século de Electricidade. Central Tejo, Av. Brasília (Belém). De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 19 (aos sáb. até às 22, ao dom. até às 18).

Tapeçaria do Séc. XVI - Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17.

Vitor Ribeiro - Aguarelas. Mãe d'Água das Amorei-

ras, Praça das Amoreiras, 10.

PORTO
Arte Efêmera na Paisagem - exposição de espantalhos. Parque de Serralves (até 29/9)

OUTRAS LOCALIDADES
Alfredo Garcia Revuelta - pintura. Centro Cultural S. Lourenço, ALMANCEL

Gabriel Seixas - escultura em mármore. Até 16/9, Galeria de Exposições da Junta de Freguesia de ALVERCA

II Bienal de Gravura da Amadora - obras de 89 artistas portugueses e 30 brasilei-

ros; homenagem aos pioneiros da gravura em Portugal. Das 15 às 23 (até 14/10) Galeria Municipal e Recreios Desportivos, AMADORA

Cabrita Reis - «Alexandria», instalação. Até 28/8, Convento de S. Francisco, Lg. D. Nuno Álvares Pereira, BEJA

Américo Silva - gravura, fotografia. Museu José Malhoa (até 7/10) CALDAS DA RAINHA

Exposição Colectiva de Pintura Naturalista. Almadarte, Av. Gen. Humberto Delgado, 3-B, COSTA DA CAPARICA

X Salão Nacional de Pintura Naif. Até 24/9, Galeria de Arte do Casino, ESTORIL

Jorge Martins - pintura. Galeria Municipal de Arte, Rua do Trem. Das 9 às 19 (até 30/9), FARO

Vitor Belém - Pintura. Museu Municipal Dr. Santos Rocha (até 15/9), FIGUEIRA DA FOZ

3ª Bienal Internacional de Óbidos - pintura. Até 2/9, OBIDOS

Edith Forjaz - Aguarelas. Palácio Nacional da Pena. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até 16/9) SINTRA

Pintura Portuguesa 1842-1979 (da colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea). Galeria de Exposições Temporárias do Palácio Nacional de Queluz. De 4ª a 2ª das 10 às 13 e das 14 às 17 QUELUS

TÍTULO DE PARTICIPAÇÃO

N.º _____ Série A

do PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, com sede na Rua S. Bento, Pereira Gomes, 101 Lisboa, outorga a

o presente Título para ser emitido de

Esc. 1900
(M8 pccom)

destinada à realização pelo PCP de trabalhos para a

150 mil Contos para o Terreno da festa

participar com a Campanha

ANTROLOGIA

PRAD — Bernard Pradenc — (França) in «les chels — d'oeuvre du dessin d'humour»
Edições Planète, 1968

a TV

«Isso é lá com vocês...»

Não se trata de uma história. Não é ficção. Faz parte de uma reportagem transmitida no **Jornal das Nove**. Eu conto.

Um barco pesqueiro de portugueses emigrados nos Estados Unidos, em New Bedford, foi abalroado e afundado por outro barco de nacionalidade grega. Três marinheiros ficaram no interior do pesqueiro.

Outro marinheiro, José Pimentel, está horrorizado. Tudo se passou em poucos segundos. «Entre no inferno - diz ele - e sai de lá sem saber como».

E os seus companheiros que se encontram no bordo do navio afundado? A família quer reaver os seus corpos, mas as autoridades não mexem uma malha. Indiferença absoluta. A família, se quiser, que trate disso, que contrate os mergulhadores - para o que teriam de desembolsar 180 mil contos...

Não é história. Não é ficção. Os poucos que a essa hora não estavam com a telenovela, puderam ver, como eu, com os seus próprios olhos...

● PCP bem os avisou...

Foi toda aquela movimentação de agricultores aproveitada pela CAP. A televisão esteve lá.

Leitão Amaro, da Associação dos Pecuários, referiu as graves consequências que vêm para os agricultores e industriais portugueses, com a concorrência da CEE.

Em tempo oportuno, recordo-me de ver na televisão (em tempo de antena, claro) o PCP alertar os portugueses para os perigos de tal concorrência e exigindo medidas adequadas para a defesa dos nossos interesses. Ao mesmo tempo em que responsáveis da CAP enchiam o papo de satisfação perante «as perspectivas de um mercado de 300 milhões de consumidores»...

Não duraram muito, as ilusões. Agora querem dar o dito por não dito. Mas o mal que fizeram, está feito - e volta-se contra eles próprios e contra todos.

Agora preferem descarregar as culpas nos políticos, «políticos - diz Rosado Fernandes - que muitos de nós ajudamos a pôr lá em cima...»

Ah, então confessam...

Por que não se resolvem os problemas a contento? Porque - diz o mesmo indivíduo - «infelizmente não podemos importar políticos melhores...»

Como é que vai ser? Haverá novas lutas? Casqueiro afiança que sim. No mês de Outubro ou mesmo antes. Em que modalidades? Logo Casqueiro ameaça com «a destruição da carne importada e dos elementos que a transportem».

Bem, a menos que, até lá, a CAP possa importar «políticos melhores...»

Se, depois destas e doutras, alguém tiver dúvidas sobre a fraqueza da base social de apoio do PSD - é porque mora na lua.

Capitalismo é que é bom...

O capitalismo. O capitalismo é a coisa melhor que há. O capitalismo é sagrado. Que seria dos capitalistas, se não houvesse capitalismo? Ninguém duvide: o futuro do capitalismo, está no capitalismo.

Eis aí o discurso que todos os dias, a toda a hora, nos chega pela televisão pela voz de imagens (quantas vezes pré-fabricadas, produzidas pela alta tecnologia) e de comentadores finórios. No entanto, às vezes, a realidade, dentro da própria televisão amanda uma casca de banana para dentro do estúdio - e lá vai toda a propaganda para o maneta.

Foi o que sucedeu na emissão da **Hora da Verdade** - última da temporada, senão mesmo a última, literalmente falando.

Vimos como as mulheres grávidas são despedidas. Como uma operária grávida de cinco meses é castigada a fazer estátua (!!!!!) durante dois dias, voltada contra a parede. Vimos a perseguição aos sindicalistas. Vimos a repressão. Vimos a pressão sobre os operários para os impedir de participar na jornada de luta da CGTP pelas 40 horas semanais. Vimos a proliferação do trabalho infantil. Vimos um influente membro da CIP dizer que o trabalho infantil não devia desaparecer, devia, sim, ser regulamentado...

Isso acontece, onde? Em que país? Pois é em Portugal que acontece por obra e graça de quem? Do capitalismo, claro.

Quem gosta de brincar às ilusões, que brinque. Mas o capitalismo é isto. Tão bom, não é? Por essas e por outras eu grito e gritarei que o capitalismo é que é bom!

A prata da casa

Se a importância dos acontecimentos se avalia pelo tempo que a RTP lhes dá, então a Festa do «Avante!» vale tanto como a sardinha do PSD. Se essa importância se avalia pela atenção concedida, o Pontão vale mais do que a Atalaia. Se a coisa se mede pela inveja que provoca, então, sim, então a Festa do «Avante!» não tem igual...

A verdade é que a audiência não fará uma ideia, nem sequer aproximada, da riqueza dela. Mesmo no quase-nada de tempo em que se refere à Festa, as reportagens incidem sobre aspectos marginais ou metem-se por atalhos para encher o tempo.

Recordo, por exemplo, aquela perseguição movida pela juvenil repórter a Carlos Carvalhas. Queria saber, e insistia, insistia na pergunta, se a sua candidatura era mesmo para ir até ao fim...

A juvenil repórter não se dá conta da distância a que o acontecimento se encontra. Não se dá conta de como podem variar as situações políticas e sociais. Não se dá conta que o jornalismo tem a ver com a actualidade e não com a futurologia.

Pois não. Para isso lá estão as bruxas, as cartomantes e os astrólogos. E aí, a RTP até se pode governar com a prata da casa.

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

Festa, novidades e hábitos

Da Festa do «Avante!» houve jornais que falaram o menos possível, houve jornais que dissertaram a propósito, houve jornais que viram e contaram. Muito preocupados em sublinhar uma falta de novidades, houve jornais que apenas cumpriram o ritual de não ver as novidades da Festa. Não é novidade.

Os velhos, os novos e os outros

«No novo poiso da Quinta da Atalaia, no Seixal, a Festa do «Avante!» afirma-se cada vez mais como uma gigantesca feira onde os velhos militantes reafirmam todos os anos a militância e os mais novos procuram essencialmente divertir-se.

No Centro de Trabalho do PC da Boavista, no Porto, não há ninguém que não o conheça. José, 63 anos, um encadernador reformado por invalidez, sobe a Alameda 25 de Abril com um boné do «L'Humanité» a cobrir-lhe os cabelos brancos e uma camisola vermelha vestida. José e a Festa do «Avante!» são velhos conhecidos. Só falhou um ano, confessa, porque nesse ano Abecasis «os escorraçou da Ajuda». De resto, vem sempre. Lembra-se da primeira festa na Feira Industrial de Lisboa (FIL), quando «ameaçaram que estava lá uma bomba».

(...)

«José e a imagem estereotipada dos velhos militantes que povoam a Festa do «Avante!». Quando lhe perguntamos porque se deixa arrebatar tanto pelo partido, leva a mão ao peito e explica: «o meu coração sente o que é preciso para a gente».

(...)

«E, no entanto, a Festa parece confrontar, de um ano para ano, duas gerações, dois «modus vivendi», quase inconciliáveis. De um lado os mais velhos e devotados militantes. Do outro, os jovens, que ali procuram divertir-se.

Acompanhando essa mudança, a Festa do «Avante!» vai fazendo concessões à sociedade de consumo, quer colocando carrinhos de choque e uma roda gigante no interior do recinto, quer permitindo que os preços subam a níveis pouco socialistas.

Na sexta-feira à noite, pelas duas da manhã, o matagal por detrás do Pavilhão Central assistia à chegada de grupos de jovens. Lá de baixo, da extensão ainda toda iluminada da festa, vinha o som de «The Wall» dos Pink Floyd e o «Bum-bum» dos carrinhos de choque. Por todo o lado, montavam-se tendas. Outros chegavam com esteiras e deitavam-se quase em cima das tendas.

(Nuno Ferreira, «Público», 9 de Setembro)

Não há estrelas no 7?

«Este é também o ano em que mais patente se torna que os investimentos na programação foram mais reduzidos:

não há nomes de primeiro plano do espectáculo internacional — como até aqui tinha sempre acontecido em maior ou menor grau —, as opções foram velhos dinossauros (como os Osibisa) ou para jovens apenas prometedores (como as Rhythm Sisters). Ainda no ano passado tinham estado por cá Paulinho da Viola, Billy Bragg, Salif Keita e Ray Lema, entre outros. E já nem vale a pena recordar os anos de Chico Buarque e outros grandes nomes que davam sentido a uma organização destas. Este ano não há nada disso, somente um programa modesto que aposta forte em alguns nomes portugueses.

E é assim um pouco por todo o lado: adeus internacionalismo militante, viva a terrinha, a perestroika está a acontecer mas a verdade, verdadinha, é que ela só não passa ao lado da festa porque o acontecimento lhe sente efeitos: RDA onde está? Roménia, que foi? Checoslováquia, que aconteceu? E a Bulgária? Da perestroika, a que fez mover mais o mundo nos últimos 12 meses que nos anteriores 40 anos, não se fala. Não há Estónia em revolta, não há crise na Lituânia, não há Arménia a declarar independência, a Rússia não se revoltou contra a União. Já repararam que a data da união das duas alemanhas é a menos de um mês desta Festa e que na edição do ano passado mal se falava ainda no assunto?

De amanhã até domingo a Festa do «Avante!» nasce no Seixal na sua XIV edição mas agora será difícil que alguém acredite que os seus organizadores estão mesmo a falar a sério quando dizem que esta é «a maior e mais plural iniciativa no panorama cultural português». Não só agora há mais coisas a acontecer um pouco por todo o País — a começar por Lisboa — como o conceito de pluralidade, mesmo naquelas bandas, mudou muito de conteúdo. Agora a festa reduz-se ao que um orçamento apertado pode contar e à sempre existente boa vontade dos militantes desta área.

(Manuel Falcão, «Sete», 6 de Setembro)

Santa imaginação!

«A Festa começava no barco. Senhores idosos, de bigodes retorcidos, expunham diante dos passageiros todos os sinais inequívocos de quem vem do campo. As mulheres metiam conversa e às tantas estavam a falar de almas penadas, como que a indicar que, para este bom povo português, ideias políticas nada

têm a ver com as crenças (ou com as superstições) de cada um.

A Festa do Avante agrade-lhes. Pela primeira vez na Atalaia, Seixal (o terreno que o PCP escolheu para fixar de vez o acontecimento), ela mantém, no entanto, o figurino que a consagrou há catorze edições. É uma romaria num mês em que elas acontecem um pouco por todo o País. Com uma diferença apenas: a Festa do Avante não foi erguida em honra de São Mateus e afins, mas de Santa Foice e de São Martelo. E é também a mais rica: mete partido, Tejo e tudo. Mas a verdade é que este não passa de um pretexto como qualquer outro, cujo público é o mesmo de sempre: o apreciador da comidinha condimentada e da pinga abundante».

(Maria João Martins, «Diário de Lisboa», 11 de Setembro)

Ao encontro dos reencontros

«Numa visível demonstração de calor humano e cumprimento, Paula e José Luís abraçaram-se, celebrando um reencontro que ano após ano se repete. «Não nos tornámos a ver desde a última festa, mas tinha a certeza de que nos encontraríamos neste sítio logo que as portas se abrissem...» Para trás ficaram algumas centenas de quilómetros percorridos até à cidade da «amizade», a Quinta da Atalaia, no Seixal, onde ontem à tarde, embora com um cartaz de vedetas deficitário em relação às edições anteriores, começou a XIV Festa do «Avante!». Paula e José Luís não são viandantes em busca da «via-sacra» nem sequer militantes do partido apesar das suas ideias de esquerda. No entanto, de há muitos anos para cá, «não perdem uma».

E embora o «esquecimento» perdure durante muitos meses, o reencontro torna-se inevitável: «Quando há comunhão de ideias, os percursos cruzam-se...»

Em rigor, não podemos afirmar que esta seja uma história modelar. Porém, a verdade é que a Festa do «Avante!» «começou por ser um motivo de afirmação partidária, transfigurou-se num dos maiores acontecimentos culturais do País», onde novos e velhos, homens e mulheres, militantes do PC, pós-modernos e «freaks» se mesclam, durante três dias, num singular «feitiço de solidariedade», alimentado, em larga medida, pelos numerosos «stands» de comes e bebes e pelo vasto leque de iniciativas culturais».

(...)

«Deambulámos, então, em torno do coreto, uma agradável zona «decorada» com bancos de jardim e candeeiros em tudo idênticos aos da capital. Foi em pleno «coração» dos pavilhões lisboetas que travámos contacto com uma verdadeira encruzilhada de terras: Santarém, Benavente, Barcelos, Braga e Uruguai.

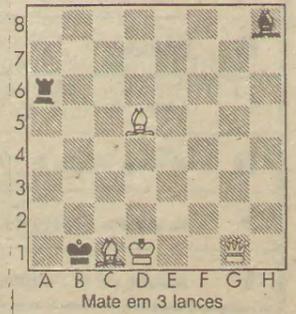
«Desde os tempos da FIL que ando nisto. Venho sobretudo pelo convívio que há entre as pessoas». Esta «militância» nos ideais da amizade e do contacto humano fez com que, em anos anteriores, Sandra Oliveira tivesse travado conhecimento com Pedro Gonçalves, Luís Vasques, João Guilherme, Pablo Balbi e Catarina. Agora encontram-se sempre nesta altura do ano, seja onde for que a festa se realize. (...)

(«A Capital», 8 de Setembro)

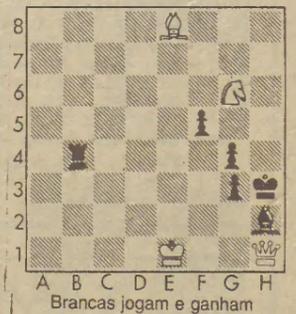
Xadrez

CCLXX — 13 de Set. de 1990

PROPOSIÇÃO N.º 270/A
Por: OTTO WÜRZBURG
Pittsburgh Gazette Times, 1914
Loyd-Gedenkturnier, 1.º Prémio
Pr.: [3]: Bb8-Ta6-Rb1
Br.: [4]: Bs.c1, d5-Dg1-Rd1



PROPOSIÇÃO N.º 270/B
Por: ALEKSEI ALIEKSEVICH TROITSKI
«Nowoje Wremja», 1897
Pr.: [6]: Ps.f5, g3, g4-Bh2-Tb4-Rh3
Br.: [4]: Cg6-B68-Dh1-R61



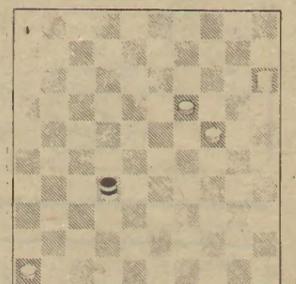
SOLUÇÕES DO N.º CCLXX
N.º 270/A (O.W.): 1. Ré2!
(Ameaça: 2. Bc1 ...), Ta1; 2. Bé4+, Ra2; 3. Dg8 ++
N.º 270/B (A.A.T.): 1. Bc6, Tb1+;
2. Ré2, T:h1; 3. Bg2+, R:g2; 4. Cf4+, Rg1; 5. Ré1 e g.
A. de M.M.

Damas

CCLXX — 13 de Setembro de 1990

PROPOSIÇÃO N.º 270
Por: PAUL DEGUÉE

In: À L'Ombre de Mon Clocher, 1980
Pr.: [1]: (32)
Br.: [4]: (10)-14-19-46

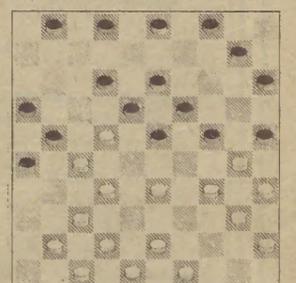


Brancas jogam e ganham (4T)

GOLPE N.º 270

Por: TON SIJBRANDS — 1978 —

Numa simultânea de Partidas rápidas em Dijon/França
Pr.: [16]: 1-2-3-4-10-12-13-15-16-18-19-21-23-24-25-26.
Br.: [16]: 22-27-30-32-33-34-35-37-40-41-42-43-45-47-48-49.



Brancas jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CCLXX

N.º 270 (P.D.): 1. 19-14!, (32x5); 2. 24-20! (5- ...); 3. 20-14! (...-5); 4. 15-42! +.
GOLPE N.º 270 (T.S.): 1. 32-28!, (21x32); 2. 42-38!, (18x27); 3. 41-36, (32x41); 4. 38-32, (27x29); 5. 43-38!!!, (23x43); 6. 34x5=D, (25x34); 7. 48x17, (41-46=D); 8. 17-11, (16x7); 9. 47-41, (46x37 ...); 10. 5x41 ...x.
1. ..., (23x32); 2. 27x38, (18x27); 3. 38-32, (27x29); 4. 34x5=D ...+.
Que visão!
A. de M.M.